



REVISTA
INTERNACIONAL DE
MISSIOLOGIA

RIMI

International Journal of Missiology

Revista Internacional de Misionología



www.rimi.org.br



n.º 2
2023



Revista Internacional de Missiologia – RIMI

É permitida a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte.

A Revista Internacional de Missiologia – RIMI é um periódico científico eletrônico e impresso do CEAM / AMIDE na área Missiológica e Teológica. Oferece acesso gratuito e recebe trabalhos em fluxo contínuo para publicação de artigos científicos e de relatos de experiência missionária.

Conselho Editorial

Alessandro Borges Tatagiba

Ana Maria de Castro Carneiro Costa

Geane Estevam da Silva

Jane Farias Chagas Ferreira

João Eder Graebin

Loide de Melo Araújo Silva

Maruilson Souza

Michael Alves Lins

Gestão Executiva

Geane Estevam da Silva

Gestão do site

Michael Alves Lins

Revisão Português

Carlos Augusto Valporto Palazzo

Celma Maria Almeida de Sousa

Cláudio Ramos

Geane Estevam da Silva

Isabella de Amorim Vidal

Jacqueline Siqueira Moura

Liz Maria Batista Teles de Melo

Loide de Melo Araújo Silva

Luís Antônio de Moura

Maruilson Souza

Ronaldo Santiago

Núcleo Comunicação

Clauzio Soares Misquita

Ketlly Kervilly Schimith Alves

Revisão Inglês

Carlos Augusto Valporto Palazzo

Henrique Moura Curcio

Jamil Mattar

Maria Luiza Brito Sobral

Revisão Espanhol

Bianca Sabrina Cuella

Glenda Gomes Silva Santa Cruz

Luciano Sebastiani Paez

Luís Antônio de Moura

Priscila Guillen

Diagramação textos

Abelmon de Oliveira Bastos

Sandra R. S. Campêlo

Diagramação volume único

Sandra R. S. Campêlo

Revista Internacional de Missiologia : RIMI / Associação Missionária para a Difusão do Evangelho – AMIDE. n.2 (nov. 2023)- . Brasília: Associação Missionária para a Difusão do Evangelho, 2023 - .

1 recurso online: il.

Continuação de: Revista Ibero-americana de Missiologia : RIMI

Título abreviado: Rev. Intern. Missio.

Sigla da publicação: RIMI

Título, resumos e textos em português, inglês e espanhol

1. Missiologia. 2. Evangelização. I. Associação Missionária para a Difusão do Evangelho. II. Título: Revista Internacional de Missiologia : RIMI. III. Rev. Intern. Misso.

CDU 2-76

Ficha catalográfica elaborada por: Elise Silva do Nascimento – CRB-1/1676

ALESSANDRO BORGES TATAGIBA

Associação Missionária para Difusão do Evangelho

BARBARA HELEN BURNS

Centro de Estudos Avançados em Missões

BRUNO COSTA

Associação Missionária para Difusão do Evangelho

CHARLES TIMOTHY CARRIKER

Centro de Estudos Avançados em Missões

EDENIS CESAR DE OLIVEIRA

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

GEANE ESTEVAM DA SILVA

Associação Missionária para Difusão do Evangelho

GERUZA DE SOUZA GRAEBIN

Centro de Estudos Avançados em Missões

JANE FARIAS CHAGAS FERREIRA

Universidade de Brasília

JOÃO EDER GRAEBIN

Centro de Estudos Avançados em Missões

LOIDE DE MELO ARAÚJO SILVA

Associação Missionária para Difusão do Evangelho

LUIZ FERNANDO SIROTHEAU SERIQUE JUNIOR

Universidade de Brasília

MARUILSON SOUZA

Seminário Teológico do Exército de Salvação em Maputo – Moçambique

Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE
Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM

Missionária Ana Maria de Castro Carneiro Costa
Presidente da AMIDE

A AMIDE fundou o CEAM com o objetivo de oferecer um sólido preparo teológico, missiológico e de desenvolvimento de caráter cristão. Formação esta que visa atender à urgência de levar aos Povos Não Alcançados – PNAs as boas-novas que nos foram oferecidas por Jesus e destinadas a todos povos e nações do mundo.

Para tal, a Revista Internacional de Missiologia – RIMI é uma publicação do CEAM/AMIDE cujo trabalho é realizado em parceria com instituições acadêmicas de formação em Teologia e Missiologia, tanto nacionais quanto internacionais.

O resultado desses esforços e parcerias são desfrutados pelos alunos na prática missionária, na qualidade da pesquisa científica e na melhoria de sua infraestrutura acadêmica. Nesse sentido, o CEAM oferece cursos de graduação e pós-graduação: i) curso livre de graduação em Teologia e Missiologia, presencial e a distância; ii) curso livre de mestrado em Missiologia presencial, acadêmico e profissional; e iii) curso de especialização em Missiologia oferecido em parceria com a Faconnect, com reconhecimento pelo Ministério da Educação do Brasil – MEC.

Missionário Alessandro Borges Tatagiba – PhD

A Revista Internacional de Missiologia – RIMI reúne, nesta publicação, artigos e relatos missionários de autores do Brasil, da África e da Ásia. Os textos destinam-se aos pesquisadores, aos estudantes e às instituições voltadas para as áreas de Missiologia e Teologia, bem como aos missionários e aos leitores dedicados a essas áreas.

A reunião desses textos neste segundo número da RIMI leva-nos, sobretudo, a glorificar a Deus por sua graça e amor por uma razão muito singela: “porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.” (Rom. 11:36). Imbuídos dessa convicção, a forma graciosa e amorosa com a qual Deus proveu tudo – desde a publicação do primeiro número da RIMI até a atual – se revelou de diversas formas, em todas etapas. Foram incansáveis nessas etapas, por exemplo, os esforços do conselho editorial, do conselho científico e de cada voluntário que se empenhou na revisão linguística, na diagramação, na comunicação, no suporte tecnológico e do novo site. Como resultado, além dos artigos e dos relatos missionários dispostos em um único volume, os leitores encontrarão todos esses textos no novo site da RIMI e no repositório da *Alliance of Mission Researchers and Institutions* – AMRI Connect.

Os leitores, portanto, sob a luz da Palavra, encontrarão nesta edição da RIMI artigos científicos e relatos de experiência missionária, com os quais poderão, inclusive, concatenar perspectivas teóricas e práticas missionárias. Por conseguinte, espera-se um profícuo diálogo com as produções científicas da comunidade acadêmica e, igualmente, com as reflexões e ações dos envolvidos no trabalho missionário. Boa leitura!

“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens.” João 1:1-4 “Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é **Jesus Cristo.**”
1 Coríntios 3:11

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim." João 14:6 “O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros” Isaías 61:1 “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo.”
Apocalipse 3:20

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.” Mateus 28:19-20 “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” João 3:16 “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.”
Apocalipse 22:13

SUMÁRIO

TRANSFORMADA PARA TRANSFORMAR PELO EVANGELHO: RELATO MISSIONÁRIO 8

Ana Maria de Castro Carneiro Costa

OS SURDOS SOMOS NÓS: RELATO SOBRE PROJETO MISSIONÁRIO DE TRADUÇÃO DA BÍBLIA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 27

Hosana Seiffert e Sérgio Seiffert

A PRÁTICA EVANGELÍSTICA DE PAULO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PLANTIO DE IGREJAS NA ATUALIDADE 39

João Eder Graebin

PISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO MISSIOLÓGICA NO SÉCULO 21: UMA ABORDAGEM INICIAL 60

Maruilson Souza

GLOBAL SOUTH MISSION IS POSSIBLE! 70

Andrew B. Kim

MISSIOLOGIA E MISSÕES: CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS 80

Demba Biai

NOSSA MISSÃO: IMPORTA SEMEAR! 99

Carlos Castro

MISSIOLOGIA, MISSÕES E O PAPEL DA IGREJA NA MODERNIDADE LÍQUIDA 105

Carlos Go Tchami e Alessandro Borges Tatagiba

PROJETO RESGATE: MISSÕES URBANAS 122

Gustavo Carneiro Horst

MISSIOLOGIA E MISSÕES: ESTRATÉGIAS DE PREPARO E ATUAÇÃO MISSIONÁRIA 135

Adneia Alecrim e Alessandro Borges Tatagiba

TRANSFORMADA PARA TRANSFORMAR PELO EVANGELHO: RELATO MISSIONÁRIO

Transformed to transform by the Gospel: missionary report

Transformados para transformar por el Evangelio: informe misionero

Ana Maria de Castro Carneiro Costa¹
Missionária e Presidente da AMIDE

RESUMO

Este relato de atividade missionária compartilha o registro de experiências sobre como Deus operou na vida da autora, concedendo-lhe a salvação em Cristo Jesus. Apresenta fatos de como o Senhor lhe concedeu a dádiva de ser instrumento dele para levar o Evangelho tanto a pessoas do Brasil bem como a povos não alcançados, especialmente na África e Ásia. Narra seu engajamento no trabalho missionário, por meio da criação e direção da AMIDE – Agência Missionária para Difusão do Evangelho, ao longo de mais de três décadas cuja principal motivação é construir uma base sólida para realização do plano de Deus para salvação daqueles que não conhecem a Cristo.

Palavras-chave: missões; chamado missionário; mobilização missionária; Amide.

ABSTRACT

This missionary activity report shares the record of experiences about how God worked in the author's life and granted her salvation in Jesus Christ. It presents facts about how the Lord granted her the gift of being his instrument to bring the Gospel both to Brazilians and to unreached peoples, especially in Africa and Asia. It narrates over three decades of her engagement in missionary work that was built through the creation and direction of the AMIDE – Missionary Agency for the Dissemination of the Gospel with the primary motivation of establishing a solid foundation to carry out God's plan for the salvation of those who do not know Christ.

Keywords: missions; missionary calling; missionary mobilization; Amide.

RESUMEN

Este relato de actividad misionera comparte el registro de experiencias sobre cómo Dios obró en la vida de la autora, otorgándole la salvación en Jesucristo. El registro presenta hechos sobre cómo el Señor le concedió el don de ser su instrumento para llevar el Evangelio a la gente de Brasil, así como a los pueblos no alcanzados, especialmente en África y Asia. Narra su compromiso con la obra misionera, por medio de la creación y dirección de AMIDE (Agência Missionária para Difusão do Evangelho), a lo largo de más de tres décadas en que la principal motivación es construir una base sólida para la realización del plan de Dios para salvar a los que todavía no conocen a Cristo.

Palabras clave: misiones; llamado misionero; movilización misionera; Amide.

¹ Missionária e Presidente da Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE.
E-mail: ana.mcosta.pna@gmail.com

Introdução

Este relato de experiência missionária apresenta a descrição de fatos e registros de sentimentos vivenciados pela autora em relação ao seu relacionamento de fidelidade a Deus, desde a infância, embora convertida ao Evangelho já na fase adulta. Daqui em diante, o texto assume um estilo de escrita direto, no qual a autora adota o uso da primeira pessoa, por se constituir em relato das experiências da autora.

Imagem 1 – Missionária Ana Maria Costa



Fonte: Arquivos Amide

“Dá-me um coração puro e enche-me com teu Espírito Santo, que me capacita a permanecer firme e fiel ao meu Deus e Pai Celestial até completar a tarefa que me foi confiada”. Ana Maria Costa

Nascida em Minas Gerais, filha de pais católicos, cresci fiel aos dogmas da Igreja Católica. Ainda muito pequena, aos 8 anos de idade, sentia uma necessidade intensa de algo mais que me preenchesse. Nessa busca, organizava novenas, procissões infantis, e confessava semanalmente meus pecados ao padre e rezava uma penitência, pois eu não gostava de ofender a Deus. Infelizmente, claro, continuava pecando, embora entendesse que precisava agradar a Deus, a Maria e aos santos.

Curiosa por saber o que continha em uma Bíblia ganha por meu pai, e deixada sobre um móvel, sem nenhum uso, de vez em quando a abria e lia algumas histórias como a de Abraão e Sara, da rainha Ester e de José no Egito, entre outras. Quando chegava a Semana Santa, detinha-me na leitura da paixão e morte de Cristo. A leitura daquele texto me invadia o peito. Sentia um respeito tão grande por Jesus, que, embora criança, eu temia magoar o seu coração.

No entanto, a primeira semente da Salvação foi lançada na minha vida durante um culto na Igreja Batista do Núcleo Bandeirante, em Brasília, aos 15 anos de idade, quando em férias na casa da tia Josina, membra daquela igreja, ouvi a mensagem viva do céu e do inferno, seguida por um convite para receber a Cristo como meu Salvador pessoal. Foi maravilhoso, muito me emocionei, mas ficou apenas naquela emoção passageira, pois permaneci frequentando a Igreja Católica, embora tenha continuado lendo a Palavra, de vez em quando.

Já casada e com três filhos, conheci dois servos de Deus que me levaram a conhecer e receber a Cristo como Senhor da minha vida. O primeiro foi o Missionário Richard Shuez, que chegou a fazer uma visita à minha casa, ocasião em que fui convidada e ir aos cultos da sua igreja². Aceitei o convite, e, apesar de tomar conhecimento de que o Pr. Richard Shuez havia retornado aos Estados Unidos, frequentei os cultos e a Escola Bíblica Dominical por três anos, sem, no entanto, tomar uma decisão ao lado de Cristo.

O segundo convite foi do Pastor Obadias Francisco Pires, que pastoreava a Igreja Presbiteriana onde o missionário Shuez servira, e que eu estava frequentando. Após abordá-lo preocupada ao final de uma aula dominical, sobre o tema da condenação eterna de todas as pessoas que rejeitassem a salvação da graça de Deus, oferecida em Cristo, combinamos uma visita à minha casa, que marcamos para o dia seguinte, ocasião em que Deus usou a ele e à sua esposa Alvina para abrir os meus olhos a fim de que eu pudesse entender o maravilhoso Evangelho da graça, "porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê." (Rm 1,16).

Foi assim que, finalmente, entreguei minha vida a Jesus, definitivamente. O Espírito Santo encheu meu coração de alegria e eu comecei a ler e meditar na Palavra de Deus. Havia em mim uma sede de conhecer a Bíblia profundamente. Minha sede e fome de Deus me consumiam.

Mulheres virtuosas usadas por Deus no seu plano para minha salvação

Cresci, namorei, casei, tive filhos. Permanecia católica, no entanto, Deus usou quatro mulheres da minha família como exemplos de mulheres virtuosas, servas fiéis

² O missionário Richard Shuez precisou voltar para os Estados Unidos, na semana seguinte, quando fui visitar sua igreja – Igreja Presbiteriana do Guará I), atendendo seu convite.

do Senhor. Com seus exemplos, suas conversas e, particularmente, suas orações por mim, foram me ensinando, ao longo dos anos, a me tornar uma serva fiel, obediente, dedicada ao Pai, por meio da entrega total de minha vida a Cristo. Assim, fortaleceram em mim os sentimentos que já brotavam em meu coração.

A primeira, minha sogra, que, desde o meu tempo de namoro, falava comigo sobre Jesus. Tinha sempre a Bíblia nas mãos e cantava lindos hinos do Cantor Cristão. Foi em exemplo de amor aos perdidos, de compaixão pelas pessoas que sofrem e de oração por toda nossa família: Orlando, meu marido, os nossos filhos, sobrinhos e netos.

A segunda, minha tia Josina, que, convertida ao Evangelho, orava incessantemente pelas nossas famílias. Fui muitas vezes à sua casa pedir oração, em momentos difíceis. Exemplo de fé, ensinou-me, assim, como entregar nas poderosas mãos de Deus nossas angústias, preocupações e dificuldades, confiantes nos Seus cuidados e na Sua proteção.

A terceira, minha mãe. Convertida já adulta, foi batizada aos 55 anos, tornando-se uma grande mulher de oração. Sempre recebia em casa muitos irmãos e amigos que vinham em busca de suas orações. Anos mais tarde, acometida por um câncer, temia fazer a radioterapia por ter a pele muito sensível. Mas Deus planejara exaltar o Seu Nome por meio da sua serva. Desse modo, sempre que entrava na sala da radioterapia, orava e recitava “quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti”. (Is 43,2). Fez todas as sessões sem apresentar nenhuma queimadura. Usou, então, essa experiência com Deus para dar seu testemunho a todas as outras mulheres que, submetidas ao mesmo tratamento, no mesmo período que ela, sofreram graves queimaduras, como soe acontecer. Foi, portanto, por meio de sua experiência e de seu testemunho, que o nome do Senhor foi exaltado!

Finalmente, havia a avó Amália, também muito religiosa. Uma experiência tocante a levou à conversão. Teve um sonho com Jesus, vindo ao seu encontro e convidando-a a segui-lo. O sonho se concretizou de forma perfeita, tempos depois, tornando-se uma realidade marcante. Desde então, foi uma serva fiel. Uma mulher de oração. Estava sempre falando da Bíblia para a família. Aos 94 anos, como de costume, assentou-se no sofá e começou a ler a Bíblia, como fazia todas as manhãs.

Orou entregando cada filho, nora, genro e neto à proteção de Deus. À tarde, senti-me mal e, mansinho e suavemente, partiu para os braços do seu amado Pai Celestial.

Deus usou tudo que vivenciei até a minha conversão para trabalhar meu coração e me preparar para um maravilhoso e ousado projeto de vida: conhecê-lo melhor e me render totalmente para andar com Ele todos os dias da minha vida. Ele já havia colocado os olhos em mim e, pacientemente, esperou que eu deixasse os meus questionamentos e me voltasse só para Ele.

Primeiros passos e primeiros serviços: uma entrega total

Fomos batizados juntos, Orlando, eu e Ana Cláudia, nosso bebê de quatro meses, no dia 4 de junho de 1978. Desde então, atuei em diferentes frentes com o intuito de servir a Cristo com toda dedicação. Relato, a seguir, alguns serviços a que me dediquei com objetivo de contribuir para o engrandecimento de Sua obra aqui na Terra.

A primeira frente de atuação, três meses após minha experiência de conversão, foi como professora da Escola Bíblica Dominical – EBD na minha igreja. Ainda engatinhando, tanto no conhecimento quanto em experiência, Deus me usou e pude realizar um trabalho bom como professora de EBD, serviço que venho prestando a Deus e à sua igreja até hoje, com muito amor, dedicação e empenho na dependência do Pai.

Na segunda frente, atuei como Presidente da Sociedade de Senhoras, e servi na Secretaria da Federação da Sociedade Auxiliadora Feminina – SAF. Assim que me tornei presidente da SAF da minha igreja, começamos uma reunião de oração nas manhãs de terça-feira com um grupo de mulheres em busca de uma vida abundante. Deus operou maravilhas entre nós. Tudo para mim era motivo de oração, pois falar com Deus e ouvi-lo passou a ser um deleite para minha alma faminta. Comecei, então, a implantar movimentos de oração e evangelismo. Foram inúmeras as experiências e milagres operados por Deus, como resultado de orações. É muito importante lembrar que, mesmo na nossa pequenez, Deus nos usa para sermos instrumentos do Seu poder. Ao Senhor pois toda glória pelos seus grandes feitos.

Como líder em outros serviços na igreja de Cristo, recebi um treinamento em uma Campanha Evangélica no Brasil, que se chamava: “Já Encontrei!”. A

campanha foi lançada pela Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. O treinamento se chamava “Conceitos Transferíveis”, baseado na obra de Bill Bright. Foi um presente extraordinário de Deus para o meu coração. Aprendi sobre a singularidade de Jesus e fiquei ainda mais apaixonada por Ele, paixão que, na minha caminhada de 44 anos nesta fé, nunca arrefeceu. Dando forma ao trabalho de evangelização e buscando estratégias, engajei-me em outras frentes de serviço ao Senhor.

Assim, em uma terceira frente de atuação no serviço do meu Rei, senti que precisava de um ponto no Guará, onde residia, para evangelizar não-convertidos e discipular novos convertidos. Alugamos uma sala e abrimos uma livraria Evangélica. Edina, então seminarista, foi nossa gerente e evangelista. Mais que isso, os grupos de vizinhos continuavam crescendo e comprávamos caixas de Bíblias que eram distribuídas de porta em porta, para toda a vizinhança. Uma bênção singular de Jesus, e o trabalho só crescia, para Sua honra e Sua glória.

Em uma quarta frente de atuação, realizávamos um trabalho de evangelismo e discipulado no presídio feminino do DF. Orávamos com as detentas, ensinávamos a Palavra de Deus, comemorávamos os aniversários, providenciávamos a realização de um casamento, entre outras ações. O trabalho era muito bem aceito por todas. Foi, de fato, um trabalho muito abençoado, e quase todas receberam Jesus como salvador de suas vidas. Certa feita, chegou em minha igreja uma cartinha de uma delas, em que havia um envelope com dinheiro e um bilhete, que dizia: “Dona Ana, estou costurando aqui, agora, e aprendi a fazer chinelinhos para vender. Segue o meu primeiro dízimo, pois quero entregá-lo na sua igreja”. Glórias ao Pai. Mais tarde, direcionadas por Deus, tendo recebido o privilégio de ter um ministério cristão com um grupo de mulheres, convidamos nossa irmã Perolina de Jesus, para coordenar um curso de liderança cristã por correspondência para presidiários plantadores de igrejas nos presídios. Deus já se antecipara tendo dado a ela um sonho, preparando-a para aquele trabalho que cresceu e chegou a ter cerca de 600 alunos de quase todos os presídios do Brasil.

Nos anos 80 nos mudamos para uma chácara de 20.000m² no Park Way. Construímos uma linda casa com um salão de festas bem grande, que se tornou, conforme desejei, em uma igreja. Cerca de 70 pessoas frequentavam os cultos

enquanto preparávamos os convertidos para o batismo. Vivenciamos experiências maravilhosas, transformadoras e muitas pessoas aceitaram Cristo como Salvador, mesmo em meio a muitas dificuldades enfrentadas por nossa família, em determinado momento. Mais uma obra para a expansão do Reino de Deus.

Vale ressaltar, aqui, que as dificuldades que enfrentamos nos aproximaram ainda mais de Deus, além de terem sido instrumento usado por Ele para fortalecer o meu desejo de servi-lo. Cresceu em mim uma paixão ainda maior pelas almas perdidas, brotando em meu coração, um grande amor por povos que nunca ouviram da Palavra de Deus. Essa experiência direcionou para Missões meus planos de vida e meu serviço na obra do Senhor.

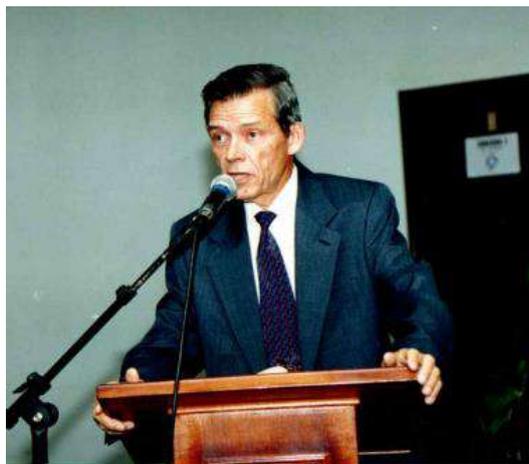
Ampliando a visão para outros povos

Comecei a orar intensamente pelos Povos Não Alcançados – PNAs da Terra. Eu ganhara um livro de Patrick Johnstone, em que ele explora a questão da intercessão, e descreve os países do mundo e seus povos que não conheciam Jesus. De posse de um Mapa Mundi, orava diariamente, cada dia por um povo não alcançado, marcando cada um com um alfinete. Ao cabo de um ano, com meu mapa todo colorido, senti-me feliz por ter sido uma missionária de joelhos. No entanto, queria mais.

Em uma Conferência de Missões na minha igreja, o Dr. Gilberto Pickering foi o preletor. No primeiro dia falou sobre “Estratégias missionárias do Senhor Jesus: Oração! Pede-me e te darei Nações por herança”. No segundo, falou sobre a Grande Comissão (Mt 28. 18 - 20). No terceiro, sobre a sementeira (II Co 9. 6): “O que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará”.

A partir da Conferência, cresceu em meu coração uma visão missionária que me acompanha até hoje, o que me levou a convidar o pastor Alcides Martins Junior para me ajudar a abrir uma Agência Missionária Enviadora. Depois de muita oração, tomamos a decisão de abrir o Instituto de Difusão do Evangelho – IDE, em 1986.

Imagem 2 – Dr. Gilberto Pickering



Fonte: Arquivo Amide

O trabalho permitiu enviarmos as missionárias Lígia Santos e Aleny Divina Mattos aos Açores e Edina Aparecida Gomes, ao Paraguai. O IDE durou cerca de 9 anos. Fundamos um “TeleVida,” para evangelizar e aconselhar pessoas enquanto o Pr. Alcides promovia cruzadas evangelísticas e missionárias no Brasil. Nesse período, Deus me ensinava a captar recursos e administrar a missão com o apoio do tesoureiro presbítero Cláudio Lísias. Por uma direção clara do Pai, recebi ainda, o cargo de secretária de Evangelização do Presbitério do Planalto, quando servi mobilizando igrejas para missões em Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal. Décadas depois ainda encontrei frutos daquela sementeira.

No ano de 1985, mudamos para o Plano Piloto e nos transferimos para a Igreja Presbiteriana Nacional, onde estamos até hoje. Apesar de grande e com excelente poder aquisitivo, não havia nenhum vocacionado para Missões na igreja. Criamos, então, o Conselho de Evangelismo e Missões – CEM, que hoje é responsável por 87 missionários em vários países do mundo. Continuei como professora na EBD, função que ainda exerço aos meus 74 anos, com imensa alegria. Eu amo ensinar a Palavra de Deus!

Nesse tempo, participei de vários congressos. No Brasil, em São Paulo, fui profundamente abençoada no COMIBAM 87 – Cooperação Missionária Ibero-Americana. Fora do Brasil, Deus me levou a alguns congressos internacionais que Deus usou para alargar minha visão: na Coréia do Sul, em Seul, AD 2.000; nos Estados Unidos, na Guatemala e no Brasil – Women of Global Action – RMAG

Mulheres de Ação Global–; na África do Sul, em Cape Town 2010; The Third Lausanne Congress on World Evangelization – Global Ethnê Congress. Na Ásia participei de dois grandes congressos na Indonésia em Bali, e outro na Tailândia.

Durante a realização do Congresso Global do movimento AD 2.000 and Beyond para Evangelização Mundial – GCOWE '95 na CORÉIA DO SUL, de 17 a 26 de maio de 1995, houve forte ênfase na plantação de igrejas autóctones e multiplicadoras entre os PNAs, valendo destacar, que este é o meu alvo mais almejado. Após o congresso, tendo sido convidada para coordenar a Rede de Mulheres do AD 2.000 no Brasil, me foi dada a oportunidade de visitar centenas de igrejas de várias denominações e mobilizar oração pelos PNAs, através do livro Interseção Mundial, um verdadeiro tesouro, que tivemos o privilégio de distribuir de Norte a Sul do Brasil, através de vendas ou doação para quem não podia comprar.

Continuei pregando e servindo na minha igreja local, no IDE como vice-presidente e como Coordenadora da Rede de oração do Projeto Brasil 2010, a convite do Pastor Oswaldo Prado, como coordenadora nacional da Rede de Mobilização das Mulheres – RMAG no Brasil. Seguindo a direção divina entreguei a vice-presidência do IDE, e com um grupo de mulheres, apoiados por seus pastores, junto com o Doutor Gilberto Pickering, Pastor Mágnio Vieira e sua esposa Judite, Reverendo Álvaro Raposo, criamos a Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE registrada em 1997.

No período da efervescência missionária do Movimento AD 2.000, Edson Queiroz, pastor da igreja Batista do Povo, juntamente com Ted Limpic da SEPAL, entre outros, organizaram no Brasil, em 1993, o Projeto Adote Um Povo – AUP. Eles dividiriam 3.000 PNAs – na época, eram cerca de 12.000, entre os países da América Latina, cabendo ao Brasil 1.615 povos que seriam adotados pelas igrejas. Elaboraram 500 perfis desses povos, pretendendo começar com a adoção de 200 deles pelas igrejas, para orar, enviar missionários e plantar igrejas nativas – autóctones. Prepararam um kit com o manual Adote Um Povo, contendo os perfis desses povos, livretos de intercessão e um cartão de oração para cada povo.

O nascimento da AMIDE: um projeto de missões transformado em agência missionária Edina e eu estávamos orando, clamando ao Senhor que nos desse uma estratégia para formalizar a AMIDE como agência missionária que daria continuidade

ao trabalho do IDE. Até então, a AMIDE era apenas um projeto de missões que ardia no nosso coração.

Conversei com o Pr Alcides, que era nosso presidente do IDE, a respeito do nosso desejo de formalizar a AMIDE, explicando que meu entendimento era de que eu não poderia assumir a direção da agência, por não ter curso de Teologia. Ele me respondeu: “Ana, você está comigo no IDE há quase 10 anos. Tudo o que um curso poderia oferecer eu lhe ensinei! É claro que você pode assumir a direção da agência, sim. Pode começar que vai dar certo”. No entanto, pesava também o fato de eu ter acabado de assumir a REMAG. Fiquei insegura, sem saber se eu poderia juntar os desafios.

Após reunião do IDE em Taguatinga, uma das cidades do Distrito Federal, para tratar desse assunto, voltei para casa dirigindo sob um temporal tremendo. Deixara ali uma equipe que trabalhava comigo há uma década em um escritório montado na Asa Sul. Chorei convulsivamente enquanto dirigia porque me vi sem o meu líder, o Pastor Alcides, em quem eu sempre buscava aprovação e uma equipe de verdadeiros companheiros de Ministério. Perguntava-me: ‘E agora, Senhor?’ Sob a chuva que descia do céu e uma chuva de lágrimas que vertia dos meus olhos, senti Jesus vir ao meu encontro, no caminho. A convicção de Sua presença encheu meu coração de paz. Ele enxugou minhas lágrimas e me confortou. Em oração, fizemos ali uma Aliança. Eu lhe pedi para conduzir meus passos, de modo que eu pudesse discernir sua perfeita vontade, que me capacitasse para segui-lo, onde quer que Ele me guiasse. Pedi uma nova equipe enviada por Ele, e sabedoria do Céu para liderá-la, mesmo sem ter uma formação teológica convencional, eu aceitei o desafio, pela certeza de Ele me ensinaria.

Uma década depois da organização do IDE, foi organizada a Escola Superior de Missões – ESM, fundada em 17 de maio de 1996 como entidade civil, educacional e evangélica, de caráter interdenominacional, filantrópico e sem fins lucrativos. Compunham a diretoria da ESM o Dr. Wilbur N. Pickering – Presidente, o Pr. João Batista Dias – vice-Presidente, o Pr. Álvaro Raposo, a secretária Judite e eu. Sua estrutura organizacional, sua orientação doutrinária e seus posicionamentos como Escola permanecem até hoje. Menos de um ano depois, em 6 de janeiro de 1997, sob minha Presidência, foi oficialmente fundada a AMIDE, nos mesmos moldes da ESM,

com a finalidade precípua de elaborar e executar projetos missionários e sociais, visando à evangelização de Povos não Alcançados e com a cooperação de igrejas interessadas na realização de ministério transcultural. Para consecução dessa obra, a AMIDE tem atuado em parceria com igrejas evangélicas e agências nacionais e estrangeiras no cumprimento da Grande Comissão instituída por Cristo. o Ministério do IDE serviu por alguns anos trabalhando no Brasil, sob a liderança do Pastor Alcides e Sara Mariano. Na verdade, Deus estava me entregando a responsabilidade de levantar uma nova equipe para fazer crescer e frutificar uma nova Agência Missionária, cujo objetivo seria despertar vocacionados, treiná-los e enviá-los até os confins da terra, para plantarem igrejas vivas e multiplicadoras, com o apoio das igrejas locais.

Nesse tempo, com o kit da SEPAL nas mãos, e orando intensamente, recebi uma revista da missão “Frontiers”. Por meio da leitura de um artigo do missiólogo Ralf Winters, aprendi sobre a estratégia que ele sugeria para o cumprimento da Grande Comissão. Juntando a sugestão de Ralf Winters, à ideia da adoção de povos do Movimento AD 2.000, encontramos a estratégia de Deus para a AMIDE, Igrejas mães de Povos, modelo que a missão tem usado desde sua fundação, com muitos frutos.

Imagem 3 – Primeiros alunos do CEAM com a diretoria da AMIDE



Fonte: Arquivos Amide

Deus tem abençoado a consecução de Sua obra na AMIDE por meio de uma equipe abençoadora para servi-lo entre os Povos não Alcançados. Todos juntos, como uma grande família, somos grandemente abençoados como colaboradores, mentores, intercessores, administradores, cada um desenvolvendo os talentos e os dons que recebeu do Senhor. Alguns serviram no passado e já foram recolhidos por Deus e hoje integram a Igreja Triunfante, outros servem no presente.

Deus tem acrescentado cada dia mais ajudadores, incluindo, entre estes, alunos dos cursos livres de Graduação em Preparo Ministerial e Missiologia, outros no Programa de Mestrado ou Pós-Graduação em Missiologia, quase todos formados pelo Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM, setor de formação teológica e missionária da agência. Após mais de duas décadas atuando, concluímos que a AMIDE funciona muito bem no propósito de Deus de avançar para os PNAs. Conta, para tal, com o apoio de igrejas-mães, que financiam os projetos e oram pela salvação de seu “filho povo”.

Os primeiros frutos colhidos por meio da AMIDE

Daqui em diante, este relato aborda as experiências vividas por mim como Presidente a AMIDE. Trata, portanto, do trabalho realizado por meio das ações da agência sob minha direção. Deus chamou nossa atenção para os povos, na Guiné Bissau, no continente africano. Enviamos a Miss. Edina Gomes até as ilhas de São Tomé e Príncipe, com o apoio da sua igreja, a Igreja Presbiteriana do Guará I. O primeiro passo em direção ao SK, nosso primeiro filho-povo escolhido, foi por meio de amigos da organização Jovens Com Uma MISSÃO – JOCUM, que haviam criado uma escola em São Tome, na África, e receberam a nossa missionária para um tempo com eles.

Edina permaneceu nas ilhas, ensinando na escola da JOCUM e atuou como enfermeira. Posteriormente, Edina foi para o país onde vive a etnia escolhida por Deus para ser o nosso primeiro campo. Ali, após encontrar-se com o missionário Júlio Fafé, convidou-o para trabalharem juntos. Mudaram-se para a tribo adotada como alvo da AMIDE, construíram lá uma escola e a casa missionária, e começaram um serviço de evangelização. Hoje, juntamente com o seu marido Wilfried Fonaugbouh e a filha Biowá, se mudaram para o Benin onde estão plantando igrejas,

oferecendo treinamento aos líderes nativos, realizando um extraordinário trabalho no país.

Cerca de 23 anos se passaram e a tradução do Novo Testamento para a língua do povo está concluída, fruto trabalho missionário na aldeia. Nasceram, desde então, três igrejas, em cidades próximas daquela vila. Uma delas enviou o seu pastor, convertido do Islã, para uma nova etnia, onde uma igreja está nascendo, uma escola está sendo plantada e o povo está sendo evangelizado.

Recentemente, uma tribo islâmica convidou a AMIDE para abrir um projeto de escola e saúde em sua aldeia, pois haviam solicitado ao governo, mas ninguém se moveu para ajudá-los. Respondemos que, se eles se comprometessem a não perseguir os novos convertidos, atenderíamos o seu pedido. Eles não só se comprometeram, mas também nos ofereceram o terreno onde hoje temos uma escola e atendimento à saúde, além de estarmos nos preparando para abrir um Liceu entre eles. Louvamos a Deus por podemos evangelizar, livremente, quase 200 crianças da nossa escola naquela etnia.

É importante destacar uma experiência relatada pelo missionário Júlio Fafé, que observava o povo Felup, uma etnia animista perto do seu local de trabalho, em um hotel na praia. Ele orava, pedindo a Deus que enviasse obreiros para as 19 aldeias daquela etnia. O Senhor respondeu a sua oração e enviou missionários àquele povo, nosso segundo projeto africano. O trabalho do nosso primeiro missionário entre os Felups, foi usado por Deus nas primeiras conversões naquela etnia. Após dois anos do trabalho aconteceram muitas conversões, o que resultou no crescimento notável da igreja lá plantada.

Primeiras visitas aos novos campos

Na nossa primeira visita ao campo missionário Felup, levamos representantes das igrejas adotantes dos projetos. No final do dia a equipe visitante foi ver a reunião do povo que celebrava a cerimônia do Fanado. Eram cerca de 2.000 pessoas dançando e cantando. Meu coração foi ficando muito apertado ao contemplar as trevas em que viviam. Se não fossem vencidas, continuariam cegando toda aquela

etnia. Os rituais testemunhados por nós ficaram marcados em minha alma, despertando mais e mais o meu desejo de levar a luz de Jesus aos PNAs.

Quase três anos mais tarde, em minha segunda visita ao povo Felupe, na aldeia de Suzana, levantei bem cedo e fui fazer uma caminhada. Encontrei três jovens assentados em uma árvore caída. Aproximei-me, e lhes perguntei por que haviam chegado tão cedo para o culto. Eles me disseram que tinham levantado antes das três horas da madrugada a fim de pegarem a maré baixa. Tinham vindo remando em uma canoa de tronco e estavam esperando a hora da reunião, e declararam: “Nós viemos aqui para entrar no Caminho de Deus”. Fiquei impressionada com todo aquele esforço e senti a abundante graça de Deus sobre eles. Mais tarde, Mário Sungo, um daqueles três jovens que eu encontrara assentados no tronco, na primeira visita, tornou-se um evangelista e pastor para sua aldeia: Elálabe. Marcelino, o segundo jovem que estava assentado no tronco, era herdeiro de três “Balobas” (terreiros de Macumba), na sua aldeia: Edjim. Ele construiu se converteu e construiu, no meio do terreno das Balobas, a primeira igreja evangélica de sua aldeia. Hoje ele é um ancião da igreja.

Concluí que Deus derramara um avivamento sobre a igreja Felup, que nascia e crescia de um modo maravilhoso. A cada dois ou três anos íamos com uma equipe de irmãos das igrejas, mães brasileiras para visitar nossos filhos-povo, levando profissionais de saúde e educação, para servirem às pessoas. Em uma dessas visitas ao povo Felup, Forna Quinté, um jovem músico e compositor dos cânticos da igreja que nascera em Suzana, veio falar comigo que desejava estudar na AMIDE, e, depois, voltar como missionário para o seu povo. Prometi trazê-lo, mas antes, lhe pedi para fazer todos os cursos que havia em Guiné Bissau. Muito aplicado, ele fez os cursos e no tempo certo veio para a AMIDE. Formou-se, e voltou para seu povo, já emancipado e com uma igreja autóctone. Já tínhamos quatro pequenas congregações e a igreja era pastoreada pelo Pr. Pedro, um jovem nativo da vila de Edjim, cheio da Graça de Deus.

Hoje temos seis igrejas construídas nas vilas entre o povo Felupe, e há dízimos suficientes para manter a obra e fazer missões em outras vilas. Graças à fidelidade do nosso Deus, as igrejas Felupes são vivas e multiplicadoras. Os convertidos doam os terrenos, os jovens fazem os adobes e constroem e pintam os prédios. Eles são

evangelistas, as igrejas crescem, e o nome de Jesus é conhecido e glorificado em nove vilas.

O amadurecimento dos frutos

Na emancipação da igreja de Suzana, a mãe de todas as outras nas nove vilas, Deus orientou a nós e às cinco igrejas-mães brasileiras que investiram no projeto Felupe, a reduzirem suas ofertas em 20% a cada ano. Em cinco anos, a igreja de Suzana já conseguia se manter, e continuar crescendo. O Forna concluiu seu curso acadêmico na AMIDE e foi bem-preparado, com uma visão missionária multiplicadora. Ele tem ajudado o Pr. Pedro no avanço do Evangelho para cinco novas aldeias, além das quatro que já estavam prontas na emancipação da igreja de Suzana. Hoje somam nove igrejas ao todo, há templos construídos em sete aldeias, e seus membros são evangelistas apaixonados por Jesus. Outras três vilas, estão se preparando para construir. Os Felups já estão pensando em enviar seu primeiro missionário para uma cultura diferente. Ao Senhor glória, honra e louvor pelo que Ele tem feito conosco e através de nós entre os PNAs. Grande é a nossa alegria ao contemplar o poder de Deus sendo derramado para a Salvação de todo aquele que nele crê.

Depois dos Felups, adotamos o povo Tukano, que fica na divisa com a Colômbia. O Reverendo Ronaldo Lidório, membro do conselho de pastores da AMIDE, que responde por nossos assuntos transculturais, nos indicou esse povo indígena animista, indicando o casal Francisco e Rose Ferreira, para plantar a igreja, que ao nascer recebeu o nome de IEVINDE e se tornou autóctone após 11 anos. Logo após sua emancipação, a igreja começou a evangelizar as tribos indígenas vizinhas, subindo o Rio Negro até a divisa com a Colômbia. Foi emancipada pois, já tinha a tradução das Escrituras, liderança nativa e sustento suficiente para sobreviver, e pela graça de Deus continua crescendo!

Nosso quarto projeto foi para o povo animista Kobiana, na Guiné Bissau, plantado pela missionária Beti Wins, com o apoio da AMIDE-África. Antes de ir para o Benin, Will e Edina visitaram este povo e nos desafiaram a alcançá-lo com a Palavra de Deus. Eram conhecidos como o povo mais feiticeiro do país. Nos informaram que os Irãs (espíritos animistas) que eles serviam tinham um incrível poder espiritual. Segundo o casal, pessoas até da Europa, vinham até eles para encomendar trabalhos

de feitiçaria, em favor de interesses financeiros ou amorosos. Nossa primeira visita ao povo foi cercada por forte batalha espiritual. O povo Kobiana era conhecido como o povo mais poderoso em trabalhos com os Irãs na Guiné Bissau. O barco que usamos para cruzar o rio sofreu forte tempestade. Era como um vento impetuoso circulando o nosso barco. A tripulação ordenou que nos deitássemos no piso do barco. Nossa equipe com seis pessoas começou a cantar:” Mestre o mar se revolta e as ondas nos dão pavor...” Ao concluir o hino, chegando ao porto, o mar se acalmou e descemos em paz. Nós pudemos discernir que foi uma batalha de forças espirituais. Oramos por obreiros e Deus levantou a Beth que junto com uma família convertida evangelizaram jovens e até o grande feiticeiro por nome Mana da Silva se converteu. A igreja foi construída com a oferta de uma viúva que foi tocada após o testemunho da Beth em uma igreja de Taguatinga, em Brasília. Grandes vitórias e grandes lutas também. Hoje, a igreja kobiana está passando por grandes lutas e carece de nossas orações.

Em cada país onde trabalhamos buscamos formar um Conselho de pastores e líderes nacionais para nos ajudar com oração, conselhos e direção. O Conselho AMIDE-África, também visita os campos e muito nos abençoa apoiando os projetos nas etnias e vilas africanas. O Conselho tem acompanhado a igreja Kobiana, que tem enfrentado lutas severas. É uma linda igreja nativa que também está a caminho da emancipação.

Estendendo o projeto SK, onde ainda não temos uma igreja plantada, enviamos o casal Júlio e Márcia Fafé, com seus dois filhos, Mirelle e Lucas, para alcançar o SK de Gabu. Malã Sanha foi o primeiro nativo a ser ordenado pastor presbiteriano, em Guiné Bissau. Começou seu Ministério pastoreando plantando a igreja de Cerração, um lugar onde havia uma serraria. A Igreja Guineense de Gabu, que Pr. Júlio e a ajudaram a fundar, prosperou muito, chegando a cerca de 600 frequentadores, entre adultos, jovens e crianças. Havia, no entanto, um grande desafio esperando pelo pastor Malã e sua família: o povo Befda. Inicialmente esse povo foi trabalhado pelo pastor holandês Hans e pelo casal Walquíria e Alexandre, que ajudaram na plantação de uma escola e discipularam os primeiros convertidos, tendo, no entanto, que retornar ao Brasil pela morte da mãe do Alexandre. Deus, contudo, falou ao coração da igreja de Gabu, que em comum acordo com a AMIDE,

enviou o seu pastor, Malã Sanha com sua esposa Mariana e os seus três filhos para consolidar o Projeto de plantação da igreja, um jovem carpinteiro da etnia BfdaBeafada. Pela graça de Deus, o trabalho está crescendo, a igreja está sendo plantada e o povo está feliz com seu pastor nativo.

Tempo de alargar o espaço da tenda: novos projetos em Guiné Bissau e Senegal, e o avanço para a Ásia. Continuando nosso trabalho, nos empenhamos no Projeto Fula, na Guiné Bissau. O projeto está caminhando para a glória de Deus, com uma escola para mais de 100 alunos e um atendimento na área de saúde. Finalmente o Pastor Júlio, coordenador do continente africano, entendeu ser o tempo de Deus para alcançar três novas etnias em Guiné Bissau, desta vez, desafiando as igrejas nativas a enviar seus obreiros junto conosco para estabelecer as novas igrejas. Estamos avançando com a bandeira de Jesus para dois novos povos, e um terceiro que está a caminho. Ao Senhor toda glória, toda honra e todo louvor!!!

Também abrimos um projeto noutro país, que não devo mencionar, e estamos concluindo um novo projeto com uma família de alunos da AMIDE. A família já está quase pronta para ir, com o objetivo de plantar igrejas entre as vilas não alcançadas daquele povo. Há 13 anos, o Senhor nos deu uma visão para a Ásia, e começamos a fazer planos para servir naquele continente. Com Jesus nos direcionando avançamos e, estamos hoje, com pessoas trabalhando no preparo de líderes nacionais, evangelização de meninas resgatadas da prostituição, treinamento de estudantes locais e plantação de igrejas. Ao todo, temos conseguido estabelecer presença no Japão e Tailândia, além de outros três países que não posso mencionar. Há, ainda, o Sri Lanka, aonde queremos chegar em parceria com uma igreja filha, de outro país da Ásia.

Pela maravilhosa graça de Deus, após mais de duas décadas atuando transculturalmente, concluímos que a AMIDE tem respondido ao propósito de Deus de avançar para os PNAs, até os confins da terra. Com o apoio de igrejas-mães, que financiam os projetos e oram pela salvação de seu “filho povo” a AMIDE chegou a 16 etnias. Mais que evangelizar e discipular os povos que estão sendo alcançados, a AMIDE tem trabalhado na tradução da Bíblia, no treinamento de líderes locais e na plantação de igrejas vivas e multiplicadoras.

Para concluir

Deus, por Sua imensa graça, levou-me ao arrependimento e à fé. Nasci de novo, fui regenerada e transportada para o Reino da Luz, onde Jesus, a Luz do Mundo, reina. Verdadeiramente, Ele me chamou para segui-lo, orar contemplando a sua face, e depender totalmente dele como meu Senhor. Para minha alegria Jesus ainda me honrou com o privilégio de compartilhar sua Palavra com milhares de pessoas de muitas etnias. Sou muito grata porque após erguer os meus olhos para os campos brancos para a ceifa, Ele me conduziu para colher seu trigo maduro que estava perto de mim: familiares, vizinhos, colegas de trabalho e escola.

Percebi que isso não era suficiente pois a seara é imensa, então, comecei a mobilizar e motivar outros para irem também aos que estão longe, falantes tanto da nossa língua, como de outras línguas. Para isso, era preciso treiná-los para a tarefa. Neste propósito, criamos o CEAM para capacitar alunos. Hoje, há ex-alunos que trabalham como estagiários e missionários em cinco países na África e 5 na Ásia, para falantes de 16 línguas diferentes, plantando igrejas nativas e multiplicadoras em diferentes povos e culturas.

Agradeço ao meu Senhor pelos povos, onde igrejas autóctones estão sendo plantadas, e especialmente por duas que já foram emancipadas, sendo hoje parceiras da AMIDE na resposta à Grande Comissão. Outras igrejas que estamos plantando estão em diferentes fases de crescimento, e milhares de vidas têm sido impactadas pelo testemunho de nossos missionários em Brasília, no sertão do Brasil, entre os indígenas no Amazonas, na África e na Ásia.

Deixo registrado aqui, portanto, o meu testemunho de 42 anos de caminhada com Jesus. Nada neste mundo se compara com o viver para servi-lo, pois o fardo pesado dos nossos pecados Ele já levou sobre si, e agora o nosso fardo é leve e o nosso jugo é suave. Seguindo os seus passos, sentimos o calor da Sua presença enchendo nossos corações de alegria ao responder o seu chamado para missões aos que não o conhecem. Entre lágrimas e sorrisos, picos de alegria e vales profundos, meu amor por Deus nunca esfriou. É uma paixão que me faz sonhar, trabalhar, servir, evangelizar e olhar os campos brancos para a ceifa, quer entre vizinhos ou entre povos nos confins da terra. É uma paixão que me leva a dizer:

Usa-me Senhor, ofereço-lhe minhas mãos, meus pés, minha fala, meus dons e talentos. Usa meu coração para amar e minha mente para compreender todo seu propósito, pois quero servi-lo com alegria, até o dia em que o Senhor me chamar para morar na Nova Jerusalém, para sempre com o Senhor. Tudo lhe entreguei: deficiências, limitações, defeitos, falhas e pecados que ainda não consegui vencer completamente. Porém, meu maior desejo tem sido o de ser usada pelo Senhor, mesmo sabendo que ainda peço, sim, mas confiando que fui lavada no sangue do Cordeiro, confesso e sou perdoada, purificada, e muito amada. Quero pisar nas pegadas de Jesus e ser instrumento dele até o meu último suspiro. Minha oração tem sido:

Santifica minha vida, realiza o teu querer e me concede a graça de tomar servindo, em deliciosa comunhão com o Senhor. Dá-me um coração puro e enche-me com teu Espírito Santo. Capacita-me a permanecer firme e fiel ao Senhor até completar a tarefa que me foi confiada. (Ana Maria Costa)

Assim, quero completar a minha carreira amando, servindo e louvando ao meu Criador e Salvador, o único digno de toda minha adoração. A Ele toda honra e toda glória e todo o meu amor!

OS SURDOS SOMOS NÓS: RELATO SOBRE PROJETO MISSIONÁRIO DE TRADUÇÃO DA BÍBLIA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

**We Are the Deaf: Report on the Missionary Project to Translate the
Bible into Brazilian Sign Language**

**Nosotros Somos los Sordos: Informe sobre el Proyecto Misionero
de Traducción de la Biblia a la Lengua Brasileña de Señales**

Hosana Seiffert¹
UniEvangélica

Sérgio Seiffert²
UniEvangélica

RESUMO

Este relato apresenta o histórico do Projeto de Tradução da Bíblia Própria do Surdo, conhecido como DOT Brasil – *Deaf Owned Translation*. Iniciou-se em 2017 no Brasil como um movimento em prol da tradução bíblica para Língua Brasileira de Sinais – Libras e transformado em 2019 em um projeto missionário e de Extensão Universitária, com o apoio e a parceira da Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica. Os missionários Hosana e Sérgio Seiffert, cedidos temporariamente pela Associação Missionária para Difusão do Evangelho – Amide ao projeto de Tradução Própria dos Surdos, têm se dedicado à construção de meios para viabilizar o alcance dos surdos no Brasil com o Evangelho transformador de Jesus e relatam a experiência da comunidade surda na tradução da Bíblia para a sua própria língua. No intuito de valorizar a cultura surda da visualidade, o presente relato é composto também por fotografias, gráficos e links para vídeos que contam a história e descrevem a metodologia de tradução utilizada no Brasil.

Palavras-chave: tradução da Bíblia; surdos; Libras; audiovisual; DOT Brasil.

ABSTRACT

This report presents the history of the Deaf Bible Translation Project, known as DOT Brasil (Deaf Owned Translation), that started in 2017 in Brazil as a movement in favor of biblical translation into Brazilian Sign Language (Libras) and became a missionary and University Extension project in 2019, with the support and partnership of the Evangelical University of Goiás (UniEvangélica). The missionaries Hosana and Sérgio Seiffert, temporarily lent by the Missionary Association for the Diffusion of the Gospel (Amide) to the Deaf Translation project, have dedicated themselves to building means to enable the deaf in Brazil to reach the transformative Gospel of Jesus and report the experience of the deaf community in translating the Bible into their own language. In order to value the deaf culture of

¹ Mestre em Missiologia pelo Ceam e em Educação Superior pela Universidade Iberoamericana de Porto Rico, EUA; jornalista graduada pela Universidade de Brasília (UnB), com mais de 25 anos de experiência no mercado de rádio e TV; professora universitária, especialista em Educação à Distância; missionária da Amide, faz parte da equipe de coordenação nacional do Projeto de Tradução da Bíblia Própria dos Surdos. E-mail: hosanaseif@gmail.com

² Missionário da Amide; bacharel em Teologia pelo Ceam; repórter fotográfico e editor de imagem, com especialização em Artes Visuais. Integra a equipe de coordenação nacional do Projeto de Tradução da Bíblia Própria dos Surdos – DOT Brasil. E-mail: sergio.amide@gmail.com

visuality, this report also consists of photographs, graphics and links to videos that tell the story and describe the translation methodology used in Brazil.

Keywords: Bible translation; deaf, Libras; audio-visual; DOT Brasil.

RESUMEN

Este relato recoge el historial del Proyecto de Traducción de la Biblia para Personas Sordas, conocido como DOT Brasil – *Deaf Owned Translation*. Se inició en 2017 en Brasil como un movimiento a favor de la traducción bíblica a la Lengua Brasileña de Señales – Libras y transformado en 2019 en un proyecto misionero y un proyecto de Extensión Universitaria, con el apoyo y colaboración de la Universidad Evangélica de Goiás – UniEvangélica. Los misioneros Hosana y Sérgio Seiffert, cedidos temporalmente por la Asociación Misionera para la Difusión del Evangelio – Proyecto Amida para la Traducción Propia de los Sordos, se han dedicado a construir medios que permitan llegar a los sordos en Brasil con el Evangelio transformador de Jesús y comunican la experiencia de la comunidad sorda al traducir la Biblia a su propio idioma. Con el fin de valorar la cultura sorda de la visualidad, este relato también contiene fotografías, gráficos y enlaces de videos que cuentan la historia y describen la metodología de traducción utilizada en Brasil.

Palabras clave: traducción de la Biblia; sordos; Libras; audiovisual; DOT Brasil.

Introdução

Existem no mundo cerca de quatrocentas línguas visuais e em pleno século 21, apenas uma delas, a American Sign Language (ASL) tem toda a Bíblia traduzida, um processo que durou trinta e nove anos, com um custo médio de 195 dólares por versículo. Segundo os organizadores, só os últimos quatro anos de trabalho custaram mais de 4 milhões de dólares. (Silliman, 2020)

No Brasil a situação não é diferente. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), cerca de 10 milhões de pessoas têm algum problema de audição e quase de 3 milhões de brasileiros são surdos profundos. Apesar dos avanços, a educação de surdos no país ainda é um grande desafio a ser vencido. Os surdos se comunicam e entendem o mundo por meio de uma língua espaço-visual, a Libras, e não oral-auditiva-escrita, como o português, duas línguas bem diferentes. Para os surdos, a língua portuguesa tem uma função social. Mas o que de fato fala ao coração dos surdos é a língua materna ou L1, a língua de sinais.

A realidade cultural surda é de um segmento com menos de 2% de convertidos no Brasil e no mundo, o que os faz um Povo Não Alcançado – PNA. Não há Bíblias traduzidas em línguas de sinais; não há centros de formação missionária sensíveis ou habilitados para oferecer disciplinas a ministérios entre surdos; ainda hoje são raras as igrejas acessíveis e menos ainda as que reconhecem surdos como cristãos

autênticos, passíveis de formação, dignos de ocupar postos de liderança ministerial; as organizações missionárias e seminários têm pouco ou nenhum programa educacional dedicado a esse agrupamento sociolinguístico. E em praticamente todos os países essa realidade se repete.

Neste cenário, o DOT – Deaf Owned Translation surgiu no Brasil como um movimento de tradução feito pela comunidade surda, com protagonismo surdo, e reuniu centenas de pessoas em cinco oficinas de tradução da Bíblia, de 2017 a 2020. Os Encontros Nacionais contavam com o apoio da missão Wycliffe Associates (WA), que forneceu também os primeiros equipamentos de gravação em vídeo e o ensino da metodologia de tradução DOT.

DOT Brasil

Na terceira oficina, em julho de 2018, os missionários norte-americanos reuniram os principais representantes da comunidade surda para falar sobre a necessidade de que a Igreja brasileira se responsabilizasse totalmente pelo trabalho de tradução da Bíblia para a Libras. Estava claro que, se a comunidade surda quisesse prosseguir com o avanço da tradução, aquela experiência deveria deixar de ser um simples movimento para se transformar em um projeto.

Imagem 1: Primeira Oficina de Tradução DOT em Brasília - junho de 2017



Fonte: Arquivo DOT Brasil

Para chegar a essa decisão, desde a primeira oficina, foi realizado um esforço de trabalho conjunto entre pesquisadores surdos e ouvintes para analisar e verificar cada um dos passos da metodologia proposta pela WA, levando em consideração tanto os aspectos socioculturais da comunidade surda brasileira, quanto aspectos linguísticos e gramaticais relacionados à Libras. No livro *Sinais de Boas Notícias*,

publicado em 2022, o missionário Sérgio Seiffert, conta um pouco sobre as oficinas nacionais e sobre o processo de amadurecimento do trabalho de tradução própria dos surdos no Brasil.

Nas cinco oficinas promovidas pela WA ao longo de quatro anos, a metodologia de tradução Deaf Owned Translation (DOT) foi sendo assimilada e adaptada à realidade linguística dos surdos brasileiros, com a introdução de mudanças significativas ao processo, como a inclusão de mais três passos de tradução na metodologia, o uso de câmeras semiprofissionais para a gravação do vídeo final e a incorporação de consultores de Teologia e gramática no passo de verificação comunitária. Durante cinco oficinas traduzimos 54,23% do Novo Testamento. Mas, ao contrário do que a WA defendia, a comunidade surda brasileira entendeu que aquele material era apenas um primeiro rascunho de tradução e deveria passar integralmente por um processo de validação técnica, teológica e linguística, antes de ser publicado. (Seiffert, 2022, p. 63)

Depois de muita oração, várias consultas e reuniões entre representantes da comunidade surda, em abril de 2019 foi assinado um Termo de Cooperação de Trabalho Técnico, Científico, Cultural e Financeiro entre a Associação Educativa Evangélica, mantenedora da Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica) e a missão Wycliffe Associates (WA), para a criação de um Projeto de Extensão Universitária, batizado de DOT Brasil, totalmente gerido e produzido por uma equipe nacional para a produção e distribuição gratuita, e com direitos autorais abertos, sob a licença Atribuição-Compartilhada 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0) da primeira versão bíblica para a Libras, traduzida pelos próprios surdos brasileiros, segundo uma perspectiva metodológica comunitária, colaborativa, normativa e participativa surda.

Creemos que tudo o que se passou a seguir foi a clara a direção de Deus para a comunidade surda. O segundo semestre de 2019 foi um tempo de estruturação da equipe, treinamento, articulação com igrejas e busca de parceiros. Tínhamos uma grande expectativa para o início do DOT não mais como um movimento de voluntários, mas como um projeto de trabalho sistematizado, com cerca de doze horas semanais de dedicação de cada integrante do grupo ao processo de tradução.

Imagem 2: Assinatura do Plano de Trabalho com a UniEvangélica/ Anápolis – abril de 2019



Fonte: Arquivo DOT Brasil

Metodologia de Tradução DOT

A metodologia própria dos surdos segue onze passos que procuram levar a equipe a resolver problemas tradutórios típicos do texto sagrado e da tradução entre línguas de diferentes modalidades: uma língua fonte escrita e uma língua alvo visual. Os três passos iniciais da metodologia de tradução são realizados diante da câmera de um celular: expressar, primeiro rascunho e segundo rascunho. A gravação final é feita em estúdio, com iluminação adequada e equipamento semiprofissional. Outras etapas são verificações da tradução em vídeo e das palavras-chave. Mais de 70% da metodologia são passos constituídos por etapas totalmente visuais mediadas por tecnologia, conforme a cultura surda da visualidade. A metodologia também prevê várias etapas de auto verificação, verificação pelos pares e validação pelo grupo, conhecido como passo 10.

A regra é que a tradução deve ser verificada por pelo menos dois surdos que não participaram das etapas anteriores de tradução daquele texto. Na experiência brasileira foi acrescentada a necessidade da avaliação do texto por pelo menos um teólogo e um linguista bilíngues (português/Libras). O conteúdo gravado deve ser totalmente aprovado pelo grupo, em especial pelos surdos envolvidos na verificação. Os critérios passam pela qualidade técnica da filmagem (foco, iluminação e enquadramento), pela fidelidade ao texto bíblico, pelas regras gramaticais de Libras e pela naturalidade com a qual o tradutor surdo se expressa na língua de sinais. (Seiffert e Sousa, 2022, p.227).

Depois da validação pelo grupo e da gravação final, o vídeo é colocado em um drive e começa o trabalho de locução e edição dos vídeos. Só então o material é disponibilizado gratuitamente pelo Canal do Youtube e pelo aplicativo Bíblia DOT, com versões para Androide e IOS. A proposta dessa metodologia de tradução está baseada no pensamento de teóricos cristãos como Paul Stevens (2000) e Tim Jore (2015) que falam sobre a tradução da Bíblia centrada na igreja e o estabelecimento da igreja entre todos os povos. A proposta de associar a tecnologia do século 21 ao trabalho de tradução de cristãos “comuns”, os ditos “leigos”, é apresentada no livro *The Christian Commons, ending the spiritual famine of the global church*, Jore (2015). O DOT Brasil trabalha justamente dentro deste paradigma, acreditando que a tradução textual pode ser construída a partir da instrumentalização teórica e técnica do próprio usuário da língua-alvo, o falante nativo, como os cristãos surdos brasileiros.

Imagem 3: Vídeo dos 11 passos da metodologia de Tradução Própria dos Surdos



Fonte: <https://youtu.be/vwiNVPSewE8>

A pandemia

Iniciamos 2020 cheios de entusiasmo, com um polo de tradução efetivado em São Paulo e dois grupos voluntários, um em Brasília e outro em Belo Horizonte. O que ninguém esperava era uma pandemia com isolamento mundial, que se arrastaria por quase dois anos. No entanto, Deus nunca perdeu o controle e nos ajudou a reinventar a forma de trabalho, redefinir prioridades, ajustar os planos iniciais,

reorganizar os centros de custo e redefinir os investimentos. O que era um trabalho totalmente presencial, se transformou em uma forma remota de se encontrar e mais tarde, quando as regras de isolamento foram diminuindo, o DOT Brasil adotou o modelo de trabalho híbrido, trazendo soluções que antes da pandemia sequer eram cogitadas.

Começamos esse primeiro ano de trabalho efetivo do DOT Brasil como Projeto de Extensão com 54,23% do Novo Testamento traduzidos em um primeiro rascunho, durante as oficinas nacionais. Terminamos 2020 com um 64,23% de tradução, um avanço de dez pontos percentuais, além da publicação do Evangelho de João e da genealogia de Jesus, narrada em Mateus capítulo 1, que foram totalmente analisados e regravados. Tínhamos, pela primeira vez, 8,46% no Novo Testamento traduzidos e validados pelos próprios surdos, editados e publicados gratuitamente em forma de vídeos, processo que foi documentado e narrado posteriormente.

A experiência de verificação do rascunho do Evangelho de João, iniciada em novembro de 2019 e coordenada por Diego Martins, apontou que 100% dos vídeos deveriam ser regravados, ora por erros técnicos como enquadramento, iluminação ou foco, ora por inadequações teológicas, ora ainda, por questões linguísticas, como a inexistência de sinais-termos e sinais-nomes em Libras, ou até mesmo por erros gramaticais. No total, a equipe formada por tradutores-intérpretes surdos e ouvintes, teólogos e um linguista aplicado às atividades de tradução, que já faziam parte do projeto, examinou 177 vídeos que compõem a tradução dos 21 capítulos do livro de João. Esse projeto piloto de validação do texto em Libras foi fundamental para se estabelecer as bases do que a metodologia chama de “Passo 10”, ou verificação pelo grupo, que consiste na validação comunitária do que foi traduzido. (Seiffert, 2022, p.68)

Nos anos seguintes já estávamos familiarizados com o trabalho remoto e assim, pudemos avançar em direção ao propósito de Deus. Por ser um projeto inovador, o DOT Brasil precisa de constante avaliação e, por vezes, de realinhamento em busca de melhoria dos processos de produção. Um grande avanço foi o lançamento da Academia DOT: antes do início da tradução de cada livro, passamos

por um processo de estudo teológico, de exegese capítulo a capítulo, com material bilíngue, em Libras e em português.

Em 2022 a família DOT Brasil fez um enorme esforço para escrever e publicar o livro *Sinais de Boas Notícias: Tradução da Bíblia Própria dos Surdos*, organizado pelos jornalistas e missionários Hosana Seiffert e Saulo Xavier de Souza, com a participação de 28 autores surdos e ouvintes em dezessete artigos. Organizado em três partes, o livro traz, na primeira seção, histórias de vida dos surdos tradutores e ouvintes envolvidos com o projeto de tradução das Escrituras Sagradas.

Imagem 4: Trabalho remoto para validar a tradução bíblica em Libras



Fonte: Arquivo DOT Brasil

Em seguida, em respeito à visualidade surda, a história do projeto DOT é contada a partir de fotografias. Já na terceira parte, apresentamos artigos científicos que abordam a metodologia de tradução DOT. Lançado na Bienal Internacional do Livro de Brasília e no Congresso Brasileiro de Missões, esse livro tem sido um dos grandes instrumentos de Deus na difusão da cultura surda e do projeto de tradução da Bíblia em Libras.

Temos visto Deus abrir várias portas para a pregação do Evangelho entre surdos, para a formação de líderes e para o fortalecimento de ministérios com surdos em igrejas de diversas cidades brasileiras. Em maio, fizemos um Encontro DOT Brasil, o primeiro depois de dois anos de distanciamento por causa da pandemia.

Aproveitamos o nosso encontro para promover um Impacto Evangelístico durante as Surdolimpíadas, em Caxias do Sul, entre mais de 4 mil surdos de 77 países.

Imagem 5: Lançamento do Livro Sinais de Boas Notícias



Fonte: Arquivo DOT

Lançamos o primeiro Plano de Salvação em Libras feito por um surdo e um Programa de Discipulado em Libras, de 21 dias, baseado no Evangelho de João, tudo em audiovisual, com acessibilidade para cegos e não falantes da língua de sinais. Outro material de grande impacto foi a produção de folhetos adaptado aos surdos com o Plano de Salvação em cinco línguas: português, inglês, espanhol, francês e árabe.

Imagem 6: Evangelismo nas Surdolimpíadas em Caxias do Sul



Fonte: Arquivo DOT Brasil

Chegamos a 2023 com mais desafios. No início do ano faltavam três livros para serem traduzidos: Marcos, Lucas e Apocalipse, que representam 28,07% do Novo Testamento. O objetivo é lançar todo o NT em Libras até o final do ano, concluindo assim o primeiro Plano de Trabalho assinado com a Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica) em 2019.

Imagem 7: Gráfico de Produção do Novo Testamento em dezembro de 2022

PANORAMA TRADUÇÃO DOT BRASIL			71,74%			
			0,19%	15,98%	55,76%	28,07%
COD	Livro	Versículos	Em produção	Em Edição	Publicados	Faltam
1	Mateus	1071			1071	
2	Marcos	678				678
3	Lucas	1151				1151
4	João	879			879	
5	Atos	1007			1007	
6	Romanos	433		433		
7	1 Corintios	437			437	
8	2 Corintios	257			257	
9	Galatas	149		149		
10	Efésios	155			155	
11	Filipenses	104			104	
12	Colossenses	95			95	
13	1 Tessalonic.	89		89		
14	2 Tessalonic	47		47		
15	1 Timoteo	113			113	
16	2 Timoteo	83			83	
17	Tito	46			46	
18	Filemon	25			25	
19	Hebreus	303		303		
20	Tiago	108		108		
21	1 Pedro	105			105	
22	2 Pedro	61			61	
23	1 João	105		105		
24	2 João	13		13		
25	3 João	15	15			
26	Judas	25		25		
27	Apocalipse	405				405
TOTAL		7959	15	1272	4438	2234

Fonte: Arquivo DOT Brasil

Imagem 8 – Equipes de Trabalho de Tradução e App da Bíblia em Libras



Fonte: Arquivo DOT Brasil

Conclusão

O DOT começou em 2017 como um movimento, se transformou em 2019 em um projeto missionário de tradução e aos poucos Deus está dirigindo a família DOT Brasil para se transformar em uma organização de surdos. Porque? Entendemos que não basta traduzir a Bíblia para Libras. É preciso alcançar os surdos com a Palavra de Deus a partir de projetos intencionais e estratégicos de evangelismo e discipulado, além investir na formação de lideranças surdas, apoiando a igreja brasileira no desafio de alcançar a comunidade surda, um dos segmentos menos evangelizados do país.

Por isso, temos sonhado e orado por uma futura instituição missionária com foco de atuação no tripé: tradução-alcance-formação. Este ainda é um projeto embrionário, que deve se desenvolver ao longo dos próximos anos como consequência natural da tradução da Bíblia para Libras e da urgência da formação de liderança surda para evangelizar e discipular a comunidade surda no Brasil, despertar e apoiar as igrejas e contribuir com o processo missionário de tradução da Bíblia para outras línguas de sinais ao redor do mundo. Em relação ao Antigo Testamento, temos orado e feito reuniões sistemáticas com a equipe de gestão do projeto DOT Brasil e futuros parceiros nacionais e internacionais para lançarmos o Segundo Plano de Trabalho para tradução do AT a partir de 2024.

Entendemos que, aos poucos, Deus tem aberto caminhos não apenas para o alcance dos surdos, mas para a construção de uma Missiologia surda no nosso país. O título provocativo desse artigo: “os surdos somos nós” revela a necessidade de a igreja brasileira despertar e se aprofundar na cultura surda, entendendo que a tão sonhada acessibilidade é muito mais do que a interpretação dos cultos em Libras. O movimento missionário brasileiro também precisa desse despertar e de ações concretas, como as já executadas para outros segmentos menos evangelizados como os indígenas. Incluir os próprios surdos nesse processo é fundamental. Ouvir o que essa comunidade tem a dizer, entender a cultura, a pedagogia surda, a forma visual de entender o mundo são processos de aprendizado que igrejas e agências missionárias terão que desenvolver para cumprir, entre os surdos, o IDE proposto por Jesus a todos os povos.

Referências

BRASIL, I. B. G. E. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. Censo demográfico, v. 2010, p. 11, 2010.

JORE, Tim. *The Christian Commons: Ending the spiritual famine of the global church*. Distant Shores Media, 2013.

SEIFFERT, Hosana; SOUSA, Maria Lúcia. Bíblia em Libras: o desafio da tradução intermodal de textos sensíveis para Libras sob a perspectiva metodológica DOT. In: ALMEIDA, Tunai Rehn Costa de; SUZUKI, Júlio César (org.). *Inclusão, Cultura, Políticas e Identidades*. Série: Raízes da Educação vol.5. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 2022. p. 221-240

SEIFFERT, Sérgio. Quem dá a tarefa promove os meios. In: SEIFFERT, Hosana; SOUZA, Saulo Xavier (org.). *Sinais de Boas Notícias: Tradução da Bíblia Própria dos Surdos*. Anápolis, GO: UniEvangélica/Kelps Editora, 2022.

SILLIMAN, Daniel. Bíblia em língua de sinais completa após 39 anos. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2020/october/deaf-bible-american-sign-language-version-translation.html>. Acesso em: 17.jun.2023

STEVENS, Paul. *The other six days: vocation, work, and ministry in biblical perspective*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

A PRÁTICA EVANGELÍSTICA DE PAULO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PLANTIO DE IGREJAS NA ATUALIDADE

**Paul's evangelistic practice and its implications for today's church
planting**

**La práctica evangelística de Pablo y sus implicaciones para la
plantación de iglesias de hoy**

João Eder Graebin¹

Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil

RESUMO

O objetivo do presente artigo é descrever a prática evangelística do mais profícuo missionário do primeiro século: o apóstolo Paulo, com base em Atos dos Apóstolos e em textos-chave das suas cartas. Tais perícopes são analisadas por meio do método histórico-gramatical. Especificamente, a pergunta que se pretende responder é: “quem (público), onde (lugares) e como (metodologias) Paulo evangelizava?” Afora isso, outro objetivo é refletir acerca de implicações práticas para os plantios e plantadores de igreja nos dias atuais, informando, direcionando e inspirando os obreiros envolvidos. Para tal, em um primeiro momento se reflete sobre a necessidade primária do evangelismo para o plantio e consolidação de uma igreja local; posteriormente se descreve a prática evangelística de Paulo, para, por fim, refletir sobre implicações dessa prática para o plantio e plantador de igrejas hoje em dia.

Palavras-chave: apóstolo Paulo; evangelismo; plantio de igrejas; plantador de igrejas; Atos dos Apóstolos.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to describe the evangelistic practice of the most fruitful missionary of the first century: the Apostle Paul, based on Acts of the Apostles and key texts of his letters. Such pericopes will be analyzed through the historical-grammatical method. Specifically, the question we intend to answer is: “who (public), where (places) and how (methodologies) did Paul evangelize?” Apart from that, another objective is to reflect on practical implications for today's church plantings and planters, informing, directing, and inspiring the workers involved. To achieve this goal, we reflect on the evangelism's primary need for planting and consolidating a local church; after we describe Paul's evangelistic practice, to finally reflect on the implications of this practice for the modern church planting and planters.

Keywords: apostle Paul; evangelism; church planting; church planter; Acts of the Apostles.

¹ Doutor e Mestre em Teologia/Missiologia pela North-West University da África do Sul; Pós-Graduado em Ministérios Urbanos pelo Seminário Presbiteriano de Brasília/DF; Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia de São Bento do Sul/SC; Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade Educamais de São Paulo/SP. E-mail: geruzaejoao@hotmail.com

RESUMEN

El objetivo de este artículo es describir la práctica evangelística del misionero más fructífero del primer siglo: el apóstol Pablo, con base en los Hechos de los Apóstoles y textos clave de sus cartas. Estos destaques se analizan mediante el método histórico-gramatical. Específicamente, la pregunta que pretendemos responder es: “¿quién (público), dónde (lugares) y cómo (metodologías) evangelizó Pablo?” Aparte de eso, otro objetivo es reflexionar sobre las implicaciones prácticas para la plantación y los plantadores de iglesias en la actualidad, informando, dirigiendo e inspirando a los agentes involucrados. Para tanto, inicialmente reflexionamos sobre la necesidad primordial de la evangelización para la plantación y consolidación de una iglesia local; Posteriormente se describe la práctica evangelística de Pablo, para finalmente reflexionar sobre las implicaciones de esta práctica para la plantación y para el plantador de iglesias en la actualidad.

Palabras clave: apóstol Pablo; evangelización; plantación de iglesias; plantador de iglesias; Actos de los Apóstoles.

Introdução

O plantio de igrejas “é o ministério que, por meio do evangelismo e discipulado, se estabelece comunidades reprodutivas do Reino dos crentes em Jesus Cristo que estão comprometidos em cumprir os propósitos bíblicos sob a orientação de líderes espirituais locais” (Ott; Wilson, 2013, p. 23). Essa é uma atividade missional urgente, seja no nível local ou global, uma vez que se estima que “cerca de um terço dos residentes no planeta Terra continuam sem uma igreja local que possa compartilhar com eles o Evangelho de Jesus Cristo de forma compreensível e significativa” (Ott; Wilson, 2013, p. 9). Isso sem mencionar locais que, do ponto de vista estatístico, possuem igrejas, mas, sob o crivo bíblico-teológico, mais se parecem com movimentos sectários ou deliberadamente heréticos.

Diante desse quadro, há uma intensa e legítima preocupação por parte de denominações cristãs, agências, juntas missionárias, seminários e outras entidades paraeclesiais, no sentido de preencher essa lacuna. Para que se tenha ideia, “há possivelmente no mundo hoje mais de 200 grandes movimentos de plantio de igrejas em pleno andamento” (Lidório, 2016). Tal efervescência tem gerado uma significativa reflexão acerca das melhores estratégias para a o efetivo plantio de igrejas locais. Esse tipo de reflexão, sem dúvida, tem um importante lugar na prática missional, uma vez que, embora o Evangelho em si não mude, a abordagem, as técnicas e as estratégias de planejamento, administração e gestão da igreja devem mudar para atender às demandas da atualidade (White; Acheampong, 2017, p. 1).

Assim, é indicado que, além de uma boa base bíblico-teológica que fundamentará a prática missional², os plantadores observem elementos específicos do local em que pretendem exercer seu ministério. Dentre esses elementos, estão a história do local, dados estatísticos, aspectos demográficos (como densidade populacional, características etárias, educacionais, econômicas, sexo), além de elementos culturais (como fatores linguísticos, cosmovisão), dentre outros. Uma clara observação desses dados irá equipar o plantador para exercer seu ministério com mais conhecimento, segurança e criatividade, o que pode ser usado pelo Senhor para consolidar o plantio de uma igreja naquele contexto.

Contudo, há um perigo em potencial na prática da reflexão teológica/missiológica e da análise dos dados acima mencionados, ou seja, de o plantador enfatizá-los tanto e exercer uma série de ações à luz dessas informações que, conseqüentemente, poderá se perder na tarefa básica, central e primária no plantio de uma igreja: evangelizar as pessoas. Ação essa definida por Bosch como a proclamação “da salvação em Cristo aos que não creem Nele, que são chamados ao arrependimento e à conversão e a quem é anunciado o perdão dos pecados e se lhes convida a serem membros vivos da Igreja de Cristo, iniciando assim uma vida de serviço ao próximo no poder do Espírito Santo” (Bosch, 2002, p. 14).

Em outras palavras, os plantadores se tornam bons teólogos/missiólogos, sociólogos, antropólogos, administradores, mas deixam de ser “simples” evangelistas. Não é raro ver plantadores de igrejas com agendas ocupadas com construção ou aluguel para o local das reuniões (templo), com planilhas orçamentárias e estatísticas, com um profundo desejo de conhecer a cultura local, com relatórios a serem apresentados etc. Todas as essas tarefas em si são genuínas, legítimas e necessárias; entretanto, podem roubar a energia, o tempo e os demais recursos (inclusive financeiros), que poderiam e deveriam ser direcionados no evangelismo de pessoas, afinal, como lembra Payne (2015, p. 17): “Plantio de igrejas bíblicas é evangelismo que resulta em novas igrejas”.

² Para aprofundamento do tema dos fundamentos bíblico-teológicos para o plantio de igrejas, veja: Lopes, A. N. *Paulo, plantador de igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária*. In: Fides Reformata 15(2): (setembro de 1997), p. 1-15.; Graebin, J.E. *As convicções teológicas de Paulo para o plantio de igrejas*. In: Revista Batista Pioneira 11(2): (junho de 2022). Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/index.php/rbp/article/view/490>.

Nessa mesma convicção, Ronaldo Lidório³, um experiente missionário e plantador de igrejas, lembra que o evangelismo deve ser primordial, intencional e copioso em todas as fases do plantio de uma igreja, mas, sobretudo no seu início. Em suas próprias palavras: “A estrutura para subsistência como transporte, comunicação, moradia e treinamento será de grande importância no processo [do plantio de uma igreja]. Mais importante ainda é a evangelização abundante” (Lidório, 2018, p.116 – a expressão entre colchetes é nossa). Em outro momento, esse mesmo autor afirma:

Nos últimos anos, prestando consultoria sobre plantio de igrejas junto a iniciativas missionárias, percebi que a maior barreira para o crescimento de uma igreja não é a complexidade linguística, as particularidades culturais ou o contexto sociopolítico, mas sim a ausência de evangelização. Pastores e missionários, mesmo bem-preparados, frequentemente se ocupam mais com livros, projetos e estruturas do que com evangelização (Lidório, 2018, p.18).

Essa afirmação também pode ser corroborada com base em uma pesquisa feita com cem plantadores de igrejas eficazes. Nela, Grady e Kendall (1992, p.375,378) concluíram que líderes de igreja mais eficazes usam amplos esforços evangelísticos. De acordo com eles,

os plantadores de igrejas mais eficazes tinham uma tendência maior de usar métodos de divulgação que fornecem um grande número de contatos em uma determinada comunidade. Aqueles que entram em uma nova situação transcultural e criam um método para compartilhar o Evangelho com um grande número de pessoas, podem identificar desse grande grupo aqueles que parecem estar espiritualmente famintos. Eles investem tempo produtivo em discipular aqueles que estão mais interessados (Grady; Kendall, 1992, p. 375).

Além de enfatizar a centralidade e a abundância do evangelismo na tarefa de plantar igrejas, esses mesmos autores concluem que os plantadores de igrejas eficazes são mais flexíveis em suas abordagens evangelísticas:

Os plantadores de igrejas mais eficazes demonstram um alto grau de criatividade em suas abordagens evangelísticas. Eles identificam e usam maneiras culturalmente aplicáveis de se comunicar. Cada sistema tem um número de seguidores alvo. Alguns estilos atingem uma classe, posição educacional ou mesmo sexo ou faixa etária melhor do que outros. Usar uma variedade de estilos aumenta a gama de sucessos implícitos. O conjunto mais amplo torna mais provável que as pessoas em famílias, clãs e grupos

³ É pastor presbiteriano e missionário ligado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e à WEC Internacional. Atuou por nove anos no noroeste africano, entre o povo konkomba-bimonkpeln, como plantador de igrejas e tradutor do Novo Testamento. Atualmente trabalha entre povos indígenas e população ribeirinha na região amazônica.

respondam coletiva e contemporaneamente à filosofia. Isso aumenta as chances de movimento de pessoas (Grady; Kendall, 1992, p. 378).

Nesse sentido, é sempre importante para o plantador de igrejas lembrar as palavras do Senhor Jesus “Vão pelo mundo todo e preguem o Evangelho a todas as pessoas” (Mc 16.15)⁴. Evangelizar todas as pessoas em todos os lugares do mundo era e é um imperativo claro dado pelo Senhor.

Os primeiros cristãos entenderam que essa era uma tarefa missional premente. Qualquer eventual questionamento quanto a esse fato, pode ser facilmente dirimido por meio da leitura de Atos dos Apóstolos, um livro histórico, escrito por Lucas (Carson *et al.*, 1997, p.214) que descreve como a primeira geração de discípulos de Cristo espalhou o Evangelho do epicentro de Jerusalém, passando pela Judeia, Samaria e chegando a Roma (At 1.8). Tal ação evangelística foi, ao mesmo tempo, uma obra operada pelo poder do Espírito Santo (At 2.47; 9.31), e “um movimento espontâneo de cristãos que não conseguiam guardar silêncio sobre o seu Senhor Jesus” (Green, 1984, p. 140).

Dentre os principais evangelistas descritos em Atos dos Apóstolos, estava o apóstolo Paulo. Lucas toma boa parte do seu livro para descrever as viagens missionais desse apóstolo. Tal material, analisado em conjunto com as cartas paulinas, mostram o quão frutífero foi seu ministério evangelístico e o resultante plantio de igrejas na bacia do Mediterrâneo⁵.

A abundância de testemunhos acerca da evangelização de Paulo (ora individualmente, ora com seus companheiros de viagem) em Atos é evidente. Paulo e Barnabé evangelizaram o procônsul Sérgio Paulo em Chipre (At 13.1-12), testemunharam de Jesus na sinagoga da Antioquia da Psídia (At 13.13-51), na sinagoga de Icônio (At 14:1-8) e no contexto gentílico e idólatra de Listra (At 14.8-20). “Eles pregaram o Evangelho” em Derbe (At 14.21). “Eles pregaram a palavra” em

⁴ Ao longo desse artigo a versão bíblica usada foi a Nova Versão Internacional.

⁵ Allen (1962, p. 3) resume o trabalho de Paulo neste ministério urbano da seguinte forma: “Em pouco mais de dez anos, São Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império, Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 47 d.C. não havia Igrejas nessas províncias; em 57 d.C., São Paulo podia falar como se seu trabalho ali tivesse terminado e planejar extensas viagens ao extremo oeste sem ansiedade, com medo de que as igrejas que ele fundou pudessem em sua ausência por falta de sua orientação e apoio. A obra do Apóstolo durante estes dez anos pode, portanto, ser tratada como uma unidade. Qualquer que seja a ajuda que ele possa ter recebido da pregação de outros, é inquestionável que o estabelecimento das igrejas nessas províncias foi realmente obra dele. Nas páginas do Novo Testamento, ele, e somente ele, se destaca como seu fundador. E a obra que ele fez foi realmente uma obra completa. No que diz respeito à fundação das Igrejas, é perfeitamente claro que o autor dos Atos pretende apresentar a obra de São Paulo como completa”.

Perge (At 14.25). Em Filipos, agora na companhia de Silas, Paulo pregou o Evangelho a uma vendedora de púrpura chamada Lídia, e ela, bem como os da sua casa, se converteram a Cristo. Foi nessa cidade que Paulo evangelizou o carcereiro e sua família com uma mensagem enfática: “Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa” (At 16.31). De Filipos foram para Tessalônica, Bereia e Atenas (At 17.1-34), “explicando e provando que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos.” (At 17.3). Em Corinto, foi à sinagoga, onde todos os sábados debatia e convencia tanto judeus quanto gregos. Ali passou um ano e meio “ensinando-lhes a palavra de Deus.” (At 18.11). Em Éfeso “Paulo entrou na sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus.” (At 19.8).

Depois, nessa mesma cidade, passou a ensinar na escola de Tirano, “Isso continuou por dois anos, de forma que todos os judeus e os gregos que viviam na província da Ásia ouviram a palavra do Senhor.” (At 19.10). Posteriormente, por meio do seu testemunho pessoal, evangelizou seus acusadores em Jerusalém (At 22.1-21), ao governador Félix (At 2.10-27) e ao rei Agripa e sua esposa Drusila (At 26.1-32). Por fim, Lucas termina o livro de Atos dizendo que Paulo estava em uma prisão domiciliar em Roma, e ali, “por dois anos inteiros permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo. Pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum.” (At 28.30-31). Para tanto, Paulo percorreu espantosos 56 mil quilômetros⁶.

Paulo empreendeu tamanho esforço na sua empreitada evangelística e missional devido às suas convicções teológicas (Lopes, 1997, p. 2; Graebin, 2019, p. 31). O fato é que Paulo entendia que toda a humanidade estava debaixo do pecado, calada diante do justo juízo de Deus (Rm 3.10-20). Todos, indistintamente, estavam desviados (Rm 3.12), mortos em seus delitos e pecados (Ef 2:1). Em uma palavra, Paulo compreendia que toda a humanidade estava perdida (2 Co 4.3).

Entretanto, entendia também que o Evangelho de Cristo era a condição sine qua non para que todos saíssem desse quadro. Cria que o Evangelho era “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê” (Rm 1.16). Estava certo de que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Co 15.3). Estava

⁶ Cálculo baseado na afirmação de Pollock (1972), que diz que Paulo percorreu 35 mil milhas.

convicto de que “Deus estava reconciliando o mundo consigo mesmo por meio de Cristo” (2 Co 5.19). Paulo estava tomado da convicção de que Jesus era o Messias prometido desde o Antigo Testamento (At 17.3).

A fim de que as pessoas pudessem ter acesso a essa boa notícia, e a mensagem era ouvida mediante a palavra de Cristo (Rm 10.17). Além de que, Paulo via a si mesmo como um arauto (1 Co 1.23; Cl 1.28), e sabia que tinha algo a dar ao povo, ou seja, era um devedor do Evangelho (Rm 1.14-17). Resumindo, evangelizar estava na sua lista de prioridades ministeriais. Fabris (1984, p. 90) lembra que esse era o momento central da pregação missionária:

o *κήρυγμα*, que pode se traduzir como “anúncio”, “proclamação” ou “pregão”. O termo grego *κήρυγμα*, tomado da linguagem esportiva e militar, era o anúncio de festa, quando a cidade vencia os jogos ístmicos ou de Olímpia, ou quando o exército vencida uma batalha. A boa nova consistia na vitória, que interessava a (sic) comunidade toda e mudava o seu destino. Os primeiros cristãos haviam assumido essa linguagem para exprimir a nova consciência que eles tinham da mudança e libertação operadas por Deus em Jesus Cristo. A grande notícia, que hoje muda o destino da humanidade, chama-se Jesus Cristo.

O objetivo do presente artigo será descrever a prática evangelística de Paulo, baseada em Atos dos Apóstolos e em textos-chaves das suas cartas. Tais perícopes serão analisadas por meio do método histórico-gramatical⁷. Especificamente, a pergunta que se pretende responder é: “quem (público), onde (lugares) e como (metodologias) Paulo evangelizava?” Afora isso, outro objetivo é refletir acerca de implicações práticas para os plantios e plantadores de igreja hodiernos, informando, direcionando e inspirando os obreiros envolvidos nessa missão.

Quem Paulo evangelizava (público)?

Uma das convicções teológicas centrais de Paulo era que “*todos* pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23 – o itálico é nosso), logo, compreendia também que todos precisavam ser evangelizados. Por isso, resumiu seu ministério nos seguintes termos: “Por meio dele, e por causa do seu nome, recebemos graça e

⁷ “O método histórico-gramatical ou método gramático-histórico de hermenêutica bíblica “busca descobrir objetivamente a intenção do autor de um texto bíblico para sua audiência original. Para alcançar isso, fundamenta-se na análise do estilo gramatical de uma passagem e seu contexto cultural, histórico e literário” (SHEDD, 1991, p.4).

apostolado para chamar *dentre todas as nações* um povo para a obediência que vem pela fé” (Rom 1.5 – o itálico é nosso). Em suas palavras, era devedor das boas novas “tanto a *gregos* como a *bárbaros*, tanto a *sábios* como a *ignorantes*.” (Rom 1.14 – o itálico é nosso). Justamente por isso, fazia “tudo para com *todos*, para de alguma forma salvar alguns.” (1 Co 9.22b – o itálico é nosso).

Os versículos acima dão uma ideia de totalidade, como bem pode ser observado em palavras e expressões como “todas as nações” (Rm 1.5), “tanto a gregos quanto a bárbaros” (Rm 1.14), “tudo para com todos” (1 Co 9:22). Todas as pessoas precisavam ser evangelizadas. Desse modo, Paulo disse que não estava procurando o seu próprio bem, mas o bem de muitos, para que fossem salvos (1 Co 10.33), ou seja, ele se empenhava para que o Evangelho alcançasse mais pessoas, e desafiava os outros crentes a imitá-lo nessa prática (1 Co 11.2). Afora isso, sabia que pregar o Evangelho era uma responsabilidade a ele imposta. Em suas próprias palavras: “Ai de mim se não pregar o Evangelho” (1 Co 9.16).

A universalidade da ação evangelística de Paulo também transparece no fato dele querer evangelizar em todos os lugares (geograficamente falando). Isso fica claro, por exemplo, em suas declarações no final da carta aos Romanos. Ali Paulo testemunha: “Assim, desde Jerusalém e arredores até o Ilírico, proclamei plenamente o Evangelho de Cristo. (...) Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar e visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha.. (...) Eu irei a Espanha” (Rm 15.19b; 23; 24b; 28b).

Nesse sentido, Senior e Stuhlmüller (1987, p.252,253) lembram que o alcance e o andamento da missão de Paulo igualavam-se com a sua visão teológica. “Porque Paulo estava convicto de que Deus oferecia a salvação a todos *agora* e porque ele era chamado a proclamar essa mensagem de salvação, dedicou a energia de sua vida a um ministério móvel de pregação do Evangelho”.

Onde Paulo evangelizava (lugares)?

Apesar do seu desejo de evangelizar pessoas de todas as raças, nações, nos mais diversos lugares, Hesselgrave (1995, p. 115) lembra que Paulo tinha uma estratégia de contato, que envolvia um certo grau de seletividade. Sem dúvida, isso era determinado por sua filosofia ministerial, que fazia com que ele focasse seus

esforços ministeriais em centros urbanos. Hesselgrave (1995, p. 70) assevera que “no livro de Atos, quando os empreendimentos missionários extensivos de Paulo são relacionados com uma área específica, a referência usualmente diz respeito a uma cidade. Considerava uma área já evangelizada quando uma igreja tinha sido implantada na sua cidade principal.”

Como se pode observar, portanto, as cidades eram prioritárias na proposta ministerial de Paulo. Uma vez nelas, ele evangelizava nas sinagogas, em casas ou em outros lugares. A sinagoga “foi o canteiro de sementes da evangelização entre os judeus. Onde havia judeus havia sinagogas, e esperava-se que todos os israelitas fiéis a frequentassem semanalmente. Além disso, elas atraíam um grande número de ‘sementes a Deus’ entre os gentios zelosos. Isto formava uma congregação pronta à qual missionários cristãos podiam dirigir-se” (Green, 1984, p. 240-241).

Outro fator importante, é que fazia parte da liturgia da reunião da sinagoga abrir-se a oportunidade para que as pessoas presentes lessem um trecho das Escrituras e a explicassem, oportunizando que se discutisse o assunto.

Inicialmente, Paulo aproveitou a oportunidade que a sinagoga oferecia para discutir com eles sobre as Escrituras. A raiz do termo usado para discutir nos oferece a palavra “diálogo”. Provavelmente, essas discussões não eram sermões do Sabbath, mas antes discussões abertas. Não eram discussões apartadas das Escrituras, mas discussões que fluíam da fonte das Escrituras. Essas discussões provavelmente incluíam tomar uma passagem da versão em grego do Antigo Testamento e, então, trocar ideias sobre seu significado, talvez utilizando o método de perguntas e respostas. Os judeus tinham uma pronta aceitação da autoridade das Escrituras, de forma que Paulo provavelmente lia passagens específicas de seus próprios pergaminhos ou livros (Crotts, 2017, p. 18-19).

Paulo, sendo judeu e treinado no farisaísmo, sabia muito bem dessa oportunidade. Assim, por exemplo, em Antioquia da Pisídia, “depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga lhes mandaram dizer: ‘Irmãos, se vocês têm uma mensagem de encorajamento para o povo, falem’.” (At 13.15). Partindo desse ponto, Paulo e Barnabé evangelizaram os presentes (At 13.16-41). E, de acordo com o comentário de Lucas, a mensagem suscitou grande interesse nas pessoas, de modo que “quando Paulo e Barnabé estavam saindo da sinagoga, o povo os convidou a falar mais a respeito dessas coisas no sábado seguinte. (...) No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor.” (At 13.42,44).

Outro local procurado por Paulo para o evangelismo eram as casas⁸. Por vezes, essa acabou sendo a alternativa diante de uma situação de perseguição. É o que se vê, por exemplo, em Corinto (At 18.1-28). Depois de testemunhar três sábados seguidos na sinagoga que Jesus era o Cristo (At 18.4,5), os judeus se opuseram a Paulo (At 18.6). “Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga” (At 18.7). Além da casa de Tício o Justo em Corinto, Atos e as cartas paulinas testemunham outras casas como centros de pregação do Evangelho: a casa de Lídia e do carcereiro em Filipos (At 16.15, 32-34), a casa de Jasom em Tessalônica (At 17.5), a casa de Felipe em Cesareia (At 21.8), a casa alugada por Paulo em Roma (At 28.30,31), a casa de Estéfanos em Corinto (1 Co 1.16; 16.15). Desse modo, como destaca Green (1984, p. 263):

Quando Paulo, em seu discurso de despedida aos presbíteros de Éfeso, afirmou que ensinara “publicamente e também de casa em casa, testificando tanto para judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” [cf. At 21.5], não estava se vangloriando com arrogância. Ele tinha descoberto que a evangelização nas casas é a que mais dá resultado.

Por que Paulo usava as casas? Por algumas razões práticas:

- as casas dos novos membros da igreja foram imediatamente disponibilizadas como locais de reunião. Não era necessário remodelar para acomodar as reuniões cristãs;
- para os elementos centrais das reuniões cristãs, a casa particular oferecia as melhores condições: comunidade familiar e refeições compartilhadas nas quais a Ceia do Senhor pudesse ser celebrada; e
- as casas particulares possibilitavam reuniões relativamente discretas – um requisito que se tornava necessário se houvesse conflitos com não crentes (Rabens, 2017, p.119,120).

Além das casas, Paulo fazia uso de lugares alternativos, anunciando Jesus em espaços públicos (At 14.8-18; 17.17; 21.37), junto a pessoas que se reuniram para orar na beira de um rio em Filipos (At 16.13), na prisão em Filipos (At 16.30), no

⁸ Stambaugh e Balch (1996, p. 29) lembram que “a missão cristã baseada na casa de famílias pode ter antecedentes significativos nas casas de famílias e sinagogas judaicas da diáspora. Na Páscoa, ‘toda casa de moradia é enfeitada com a aparência externa e a dignidade de um templo’ (Filon, *Sobre as leis especiais* 2.148, trad F.H. Colson na Loeb Classical Library). Também no caso dos cultos pagãos, fazia-se o culto nas casas de família, sobretudo antes de construir um templo público.”

Areópago em Atenas (At 17.19), na escola de Tirano em Éfeso (At 19.9), diante do Sinédrio em Jerusalém (At 22.30), no palácio de Herodes (At 23.35), etc.

Outro elemento central da prática evangelística paulina era que ele se concentrava em pregar para pessoas receptivas à sua mensagem (Alawode, 2020, p.2)⁹. Ao se ler Atos, é nítido que Paulo não “mendigava” a atenção das pessoas, nem mesmo insistia demasiadamente com auditórios que rejeitassem o Evangelho. Por exemplo, quando os judeus em Éfeso se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal de Cristo diante da multidão, “Paulo, então, afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano.” (At 19.9).

Morgan (2013) também apoia a afirmação de que Paulo se focava em um grupo de pessoas receptivas e enfatiza que Paulo sempre sentiu que seria melhor se mover para uma área mais receptível a mensagem do Evangelho. Assim, quando Paulo e sua equipe chegaram em Filipos, eles foram até a margem do rio e falaram com alguns mulheres que os escutariam. Por meio dessa estratégia, Lidia e sua família se converteram ao Senhor (At 16.12-15). De acordo com a experiência de Paulo, os gentios devotos eram receptivos ao Evangelho, bem como os bereanos foram mais receptivos do que os tessalonicenses (At 17.1-14) (Alawode, 2020, p.3). Payne (2016) afirma que esta atitude adotada por Paulo se assemelhava a ordem dada aos discípulos por Cristo em Mateus 10.11-16 e Lucas 10.5-16. Jesus havia enfatizado aos discípulos para ir às pessoas que eram receptivas à sua mensagem, ou seja, deveriam se concentrar naqueles prontos para ouvir, embora não deveriam ignorar os não receptivos.

Portanto, percebe-se na abordagem estratégica de Paulo uma abordagem concentrada, ao invés de difusa (Terry, 2012, p. 162), ou seja, havia:

- um foco nas principais cidades e, por meio delas, difundir o Evangelho na região;

⁹ Hesselgrave chama essa atitude de “princípio de estar preparado”, ou seja, Paulo entendia que “um grupo de pessoas, ou uma única pessoa selecionada para a evangelização, deve demonstrar um grau de preparo para aceitar o Evangelho.” (Hesselgrave, 1995, p. 126). Assim, ele encontra algumas dessas pessoas preparadas dentre os discípulos de João (At 19.1), ou na visão do macedônio que pede ajuda (At 16.9). “Esta é a petição de um homem que ou era um crente que foi incapaz de evangelizar efetivamente a sua área, e, portanto, estava necessitando de ajuda, ou era um descrente que reconhecia sua triste situação e clamou por socorro. Seja qual tenha sido o caso, a chamado por socorro indicou que uma obra preparatória tinha sido realizada” (Hesselgrave, 1995, p.127).

- um foco em lugares potenciais, em que ele teria oportunidade de evangelizar, como, por exemplo, as sinagogas, as casas ou outro lugar específico; e
- um foco em pessoas específicas, preparadas para ouvir Evangelho.

Esses três focos podem ser vistos na sua empreitada evangelística e missional em Filipos e resumidos na figura abaixo:

Figura 1 – Focos da ação evangelística e missional de Paulo em Filipos



Fonte: autor

Como Paulo evangelizava (metodologias)?

Não eram apenas as pessoas a quem Paulo se dirigia e os lugares onde anunciava Jesus que eram diversificados. A forma que ele evangelizava também era heterogênea. Como disse Green (1984, p. 140):

Seria um erro concluir (...) que a proclamação cristã na antiguidade era pobremente uniforme. Podemos concordar que havia uma homogeneidade básica no que era pregado, mas quanto à maneira com que isso acontecia havia uma variedade bem grande (...) Boa parte da variedade, no entanto, tem sua causa nas necessidades e na compreensão dos ouvintes.

Senior e Stuhlmüller (1987, p. 257) concordam com a afirmação de Green e ainda acrescentam: "É provável que Paulo não tivesse nenhum método de pregação

inicial fixado rigorosamente. Como qualquer bom pregador, a aproximação de Paulo dependeria das circunstâncias particulares do seu auditório”.

Desse modo, Paulo variava a abordagem evangelística, dependendo se o público fosse judaico ou gentílico. “Os judeus eram abordados através do Antigo Testamento, (...) e os pagãos o eram à luz da revelação natural, que apontava para Cristo” (Green, 1984, p. 151). Afora esse fato, Green (1984, p. 10) lembra que

parece que os primeiros evangelistas concordaram em geral em três fatores que deviam figurar sempre na pregação do Evangelho aos gentios, por mais variada que a abordagem tenha sido em outros aspectos para ir de encontro às necessidades particulares dos ouvintes. Estes três eram o ataque à idolatria, a proclamação do único Deus verdadeiro e as implicações morais resultantes disto.

Assim, aos judeus na sinagoga de Antioquia da Pisídia, afirmou que da descendência de Davi “Deus trouxe a Israel o Salvador Jesus, como prometera.” (At 13.23). E, ainda, acrescentou: “Nós lhes anunciamos as boas-novas: o que Deus prometeu a nossos antepassados Ele cumpriu para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus,” (At 13.32,33a). Entretanto, aos pagãos (gentios) de Atenas, Paulo apresentou Jesus a partir da criação: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra e não habita em santuários feitos por mãos humanas” (At 17.24). Depois, desenvolveu seu discurso a ponto de desembocar em Jesus, aquele que “há de julgar o mundo com justiça.” (At 17.31).

A heterogeneidade também se dava na metodologia evangelística. Um dos métodos evangelísticos de Paulo era o ensino do Evangelho. A diferença entre *κηρύσσω* (“proclamação do Evangelho”) e *διδάσκω* (“ensino”), é muito mais conceitual do que prática. Nem no judaísmo rabínico, nem no cristianismo primitivo, havia uma distinção tão clara entre o trabalho do evangelista e do mestre (GREEN, 1984: p.248,249). A prática do ensino do Evangelho pode ser verificada nos tipos de verbos usados por Lucas para descrever como Paulo evangelizou em Tessalônica (At 17.2-4). Ali é dito:

Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu [*διελέξατο*] com eles com base nas Escrituras, explicando [*διανοίγων*] e provando [*παραπιθέμενος*] que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos. E dizia: “Este Jesus que proclamo é o Cristo”. Alguns dos judeus foram persuadidos e se uniram a Paulo e Silas, bem como muitos gregos tementes a Deus e não poucas mulheres de alta posição.

Outro exemplo encontra-se no contexto de Éfeso (At 19.8-9):

Paulo entrou na sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando [διαλεγόμενος και πειθων] convincentemente acerca do Reino de Deus. Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar [διαλεγόμενος] diariamente na escola de Tirano.

Afora isso, em termos numéricos, Paulo evangelizava tanto coletiva quanto individualmente. A pregação a grupos (coletividade) como os presentes nas sinagogas ou nas praças, não era uma prática evangelística exclusiva de Paulo. Aliás, Green (1984, p. 270) salienta:

A evangelização direta e pessoal foi uma das características da expansão inicial do cristianismo. Os apóstolos a estavam sempre praticando – (...) Paulo, como náufrago, fala sobre seu Senhor ao governador da ilha. É interessante observar que em 1 Tessalonicenses Paulo se chama de pai e mãe de muitos membros daquela igreja. Fora ele que os trouxera à fé, tendo-os concebido no novo nascimento. Com Onésimo, tinha a mesma relação, e também com alguns convertidos de Corinto. Isto lembra o aconselhamento pessoal que Paulo lhes dera, que fez com que eles se tornassem “filhos” em Cristo.

Outro método evangelístico de Paulo era o testemunho pessoal. Em Atos há, pelo menos, três vezes em que isso acontece: em Jerusalém, aos judeus que o acusavam (At 21.37 – 22.21); ao governador Félix (At 24.10-21); ao rei Agripa (At 26.1-29). Nos três casos, Paulo segue uma mesma estrutura no seu discurso, isto é, conta como era sua vida antes de converter-se a Cristo, sua experiência de conversão e os efeitos da mesma. Embora nos três casos Paulo estivesse apresentando uma defesa verbal diante de acusadores, o objetivo evangelístico também estava presente. Isso pode ser verificado, por exemplo, em Atos 26.28,29: “Então Agripa disse a Paulo: ‘Você acha que em tão pouco tempo pode convencer-me a tornar-me cristão?’ Paulo respondeu: ‘Em pouco ou em muito tempo, peço a Deus que não apenas tu, mas todos os que hoje me ouvem se tornem como eu, porém sem estas algemas’.”

Em relação à metodologia evangelística usada por Paulo, faz-se necessário destacar o lugar dos milagres no processo evangelístico. Allen dedica um longo capítulo do seu livro sobre a metodologia de Paulo, para salientar a relação entre os

milagres que o Senhor operava por meio da vida de Paulo e a evangelização. Introdutoriamente, Allen (1962, p. 41) diz:

Os milagres ocupam um lugar importante no relato da pregação de São Paulo nas Quatro Províncias, e uma vez que este é um dos motivos em que se baseia o argumento de que seus métodos podem ter pouca ou nenhuma influência sobre nosso trabalho nos dias atuais, é necessário que examinemos cuidadosamente a natureza e a extensão desses milagres e o uso que o próprio apóstolo fez deles. Descobriremos, penso eu, que longe de invalidar qualquer comparação entre o trabalho dele e o nosso, o uso de milagres por São Paulo pode lançar uma luz interessante sobre alguns princípios de valor constante que devem nos guiar na prática de muitas formas de empreendimento missionário comum hoje.

São descritos milagres operados por Paulo em cinco cidades em quatro províncias (Allen, 1962, p. 41). Em Icônio “Paulo e Barnabé passaram bastante tempo (...) falando corajosamente do Senhor, que confirmava a mensagem de sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles” (At 14.3). Em Listra um paralisado, “deu um salto e começou a andar”, depois de Paulo ter dito: “Levante-se! Fique de pé!” (At 14.10). Em Filipos, Paulo foi usado pelo Senhor para libertar uma jovem possessa de um demônio que lhe dava capacidade de adivinhação (At 16.18). Em Éfeso, “Deus fazia milagres extraordinários por meio de Paulo, de modo que até lenços e aventais que Paulo usava eram levados e colocados sobre os enfermos. Estes eram curados de suas doenças, e os espíritos malignos saíam deles.” (At 19.11,12). Em Trôade, Lucas narra acerca da ressurreição de um jovem chamado Êutico (At 20.9,10). Em Malta, Paulo foi visitar o pai de Públio, que estava doente. “Paulo entrou para vê-lo e, depois de orar, impôs-lhes as mãos e o curou. Tendo acontecido isso, os outros doentes da ilha vieram e foram curados” (At 28:8,9).

Embora Paulo não atraísse as pessoas ao cristianismo oferecendo-lhes cura (Allen, 1912, p. 42), os milagres ajudavam na sua empreitada evangelística, por quatro razões (Allen, 1962, p. 43-46):

- primeiro, os milagres atraíam os ouvintes;
- segundo, milagres são universalmente aceitos como prova da aprovação divina sobre a obra de quem o realiza;
- terceiro, os milagres eram uma demonstração do poder de Jesus sobre os ídolos pagãos e os demônios; e

- quarto, os milagres eram ilustrações do caráter da nova religião (o cristianismo).

Se, como visto acima, a questão da heterogeneidade nas abordagens evangelísticas de Paulo eram uma realidade, nota-se uma estrutura lógica comum nos seus sermões evangelísticos, conforme narrados em Atos:

- abordagem inicial contextualizada;
- a condição pecaminosa dos ouvintes;
- a justificação por graça e fé em Cristo; e
- um pedido de resposta dos ouvintes (apelo/convite).

Tal estrutura pode ser exemplificada na sua pregação no Areópago, em Atenas (At 17.22-31). Primeiramente, Paulo contextualizou sua mensagem a um auditório de filósofos epicureus e estoicos (At 17.18). Faz pontes entre a história e a cultura dos ouvintes, citando sua religiosidade (At 17.22), a questão do altar ao “Deus desconhecido”, e até mesmo seus poetas/filósofos (At 17.28,29)¹⁰. Em segundo lugar, Paulo expôs a condição pecaminosa dos ouvintes, nesse caso, o culto a Deus desvirtuado (idolatria) (At 17.29), afinal, “toda idolatria é indesculpável, seja antiga ou moderna, primitiva ou sofisticada, sejam suas imagens mentais ou feitas de metal, objetos de culto palpáveis ou conceitos abstratos desprezíveis.” (Stott, 1994, p. 322). Em terceiro lugar, Paulo apresenta Jesus como o homem designado por Deus para julgar o mundo, “e deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At 17.31). Por fim, em quarto lugar, Paulo apelou ao seu auditório que se arrependesse, nos seguintes termos: “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam.” (At 17.30).

Resumidamente, como afirmou Green (1984, p. 186), “os apóstolos pregavam uma pessoa, proclamavam um dom, esperavam uma resposta.” Ou, como ampliou Gilliland (1996, p. 274): “Paulo pregava que a vinda de Jesus trouxe uma tremenda oferta ao povo: a promessa de salvação, que incluía perdão e liberdade. Esses preciosos dons não eram encontrados em nenhum lugar, exceto por meio de Cristo”.

Assim, muitos que eram evangelizados respondiam positivamente à mensagem e se convertiam a Cristo. Desse modo, a semente do Evangelho

¹⁰ A citação de Paulo em Atos 17.29 “vem de Arato, autor estóico do terceiro século a.C., que veio da terra de Paulo, a Cilícia, embora ele possa estar repetindo uma poesia mais antiga de Cleantes, filósofo estóico.” (Stott, 1994, p.322).

germinava e crescia. A lavoura de Deus se tornava uma realidade visível (1 Co 3.9). Os convertidos a Cristo se tornavam igualmente ativos na evangelização de outros perdidos, de maneira que as boas novas da salvação se espalhavam em todo o Império Romano (1 Ts 1.6-10).

Conclusão

Conforme o exposto, Paulo foi o evangelista e o plantador de igreja de maior êxito ministerial nos primórdios do cristianismo. No seu último discurso junto aos líderes de uma igreja que havia plantado (em Éfeso), Paulo mostra que evangelizar as pessoas não era apenas uma questão de querer ou não. Era um ponto vital para ele. Na verdade, era mais importante que a sua própria vida: “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do Evangelho da graça de Deus” (At 20.24).

Nesse sentido, portanto, é possível destacar igualmente acerca de Paulo que, inicialmente, sua prática era impulsionada por duas convicções teológicas centrais: o estado de perdição da humanidade devido ao pecado (Rm 1.18; 3.10; 23; 5.12), e que só Jesus, por um ato de sua soberana graça, poderia tirar as pessoas dessa situação (Rm 3.21-24). Depois, que o evangelismo foi uma prática central da sua atividade ministerial, amplamente documentada por Lucas em Atos (13.13-51; 14.1-8; 21; 25; 16.31; 17.1-34; 18.11; 19.8; 10; 22.1-21; 26.1-32; 28.30-31).

Terceiro, que, embora visse a si mesmo como o “apóstolo dos gentios” (Gl 1.16), Paulo evangelizava a todas as pessoas (Rm 1.14) e esforçava-se fazendo “tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns.” (1 Co 9.22b). Ademais, o apóstolo tinha um método concentrado, ao invés de um método difuso (Terry, 2012, p.162), focando nas principais cidades para, por meio delas, difundir o Evangelho na região; em lugares potenciais, onde teria oportunidade de evangelizar, como, por exemplo, as sinagogas, as casas ou outro lugar específico; em pessoas específicas, preparadas para ouvir Evangelho.

Quinto, ele comunicava o Evangelho de forma contextualizada, observando as características dos seus ouvintes e tentando fazer pontos de contato entre a mensagem de Cristo e o ambiente cultural dos ouvintes (At 17.16-31). E, finalmente,

os milagres e sinais (curas e exorcismos) eram elementos que potencializavam a sua abordagem evangélica, uma vez que atraíam os ouvintes (Allen, 1962, p. 43). Os milagres eram universalmente aceitos como prova da aprovação divina sobre a obra de quem o realiza (Allen, 1962, p. 44); eram uma demonstração do poder de Jesus sobre os ídolos pagãos e os demônios (Allen, 1962, p. 45); e eram ilustrações do caráter da nova religião (o cristianismo) (Allen, 1962, p. 46).

Por outro lado, quais as implicações da prática evangélica de Paulo para o plantio de igrejas na atualidade e os obreiros nele envolvidos? Em primeiro lugar, como foi com Paulo, os fatores motivadores do evangelismo e do plantio de igrejas devem ter sólidos fundamentos bíblico-teológicos. Ao ser questionado acerca do que move às suas ações missionais, o plantador precisa estar convicto de que está realizando seu ministério não em benefício próprio (para ser reconhecido pelos outros, por exemplo), não por desejo de expansão da sua denominação, agência ou junta missionária, nem por um arroubo de piedade, ou qualquer outro tipo de motivação. “Estou fazendo o que estou fazendo porque o Senhor, na sua Palavra, diz para eu fazer”, essa deve ser sua resposta;

Em segundo lugar, o evangelismo deve ser uma prática primeira e central. Testemunhando aos coríntios, Paulo disse: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Co 2.2). Da mesma forma, o plantador de igreja deve ser zeloso na prática do evangelismo. Se não fizer, até poderá juntar um número considerável de pessoas, mas tal ajuntamento não poderá ser chamado de igreja, afinal, a igreja é o conjunto de pessoas que foram convertidas pelo Evangelho de Cristo. Mensagens que discutem temas teológicos profundos, pregações inspirativas e encorajadoras, chamados a uma vida de pureza e santidade, tem o seu lugar de importância. Contudo, no contexto de plantio de igreja o evangelismo precisa ser priorizado;

Em terceiro lugar, como Paulo, o plantador de igreja precisa comunicar o Evangelho de forma clara, com uma comunicação contextualizada à realidade dos ouvintes. Evangelizar crianças de cinco anos em uma escola não é o mesmo que anunciar a Cristo para um grupo de universitários. A mensagem do Evangelho não muda, mas a abordagem e a linguagem sim.

Em quarto, o plantador de igreja, como Paulo, precisa ser criativo nos seus métodos evangelísticos. Evangelismo pessoal, coletivo, em empresas, em escolas, por meio de literatura, usando a internet e as mídias sociais, teatro, escolas bíblicas de férias, estudos bíblicos, grupos caseiros, visitas – a lista é longa.

Em quinto lugar, como Paulo, o plantador de igreja precisa ousar orar por milagres nas vidas das pessoas. O Evangelho de Cristo não é apenas a comunicação de uma verdade intelectualmente verificável, é uma mensagem espiritual e, como tal, age dessa forma. Portanto, evangelizar não é apenas uma questão de comunicar a verdade bíblica e teológica corretamente. É questão de fazer isso no poder do Espírito Santo de Deus. Paulo compreendia o evangelismo como uma profunda batalha espiritual, que precisava ser vencida no poder do Espírito Santo (At 26.18; Ef 6.10; 19,20). Essas verdades são nítidas nas cartas de Paulo. Aos tessalonicenses Paulo disse: “O nosso Evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1.5); aos coríntios disse: “Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram em demonstração do poder do Espírito” (1 Co 2.4). Há pessoas que serão tocadas de forma sobrenatural pelo Evangelho de Cristo quando virem milagres extraordinários acontecendo em resposta da oração do plantador de igreja (At 13.12).

Sem a pretensão de esgotar toda a riqueza da temática, por último, é relevante destacar que, nesse mesmo espírito de entrega à tarefa evangelística e observação da prática de Paulo, o plantador de igrejas da atualidade trilhará um caminho inspirador, na firme convicção de que o Senhor também o usará para pregar o Evangelho de Cristo aos perdidos, “para abrir-lhes os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em Cristo” (At 26.18).

Referências

ALAWODE, A.O. Paul’s biblical patterns of church planting: An effective method to achieve the Great Commission. In: HTS Theologese Studies/Theological Studies, 76(1), a5579. <https://doi.org/10.4102/hts.v76i1.5579>.

ALLEN, R. *Missionary methods: St. Paul’s or ours?* Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

BOSCH, D. J. Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão. Traduzido por Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.

CARSON, D.A.; MOO, D.J.; MORRIS, L. 1997. Introdução ao Novo Testamento. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

CROTTS, J. Transtornando o mundo. Traduzido por Ingrid Rosane Andrade Fonseca. São José dos Campos: Editora Fiel, 2017.

FABRIS, J. Atos dos apóstolos. Traduzido por Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984.

GILLILAND, D. S. Pauline theology and mission practice. West Broadway: Wipf and Stock Publishers, 1996.

GRADY, D.; KENDAL, G. Seven keys to effective church planting. In: Evangelical Missions Quarterly, v. 23, n. 28, p. 366-373, 1992.

GRAEBIN, J. E. Montijo Baptist Church: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy. Potschefstroom: NWU. (Thesis – Master's degree), 2019.

GRAEBIN, J.E. As convicções teológicas de Paulo para o plantio de igrejas. In: Revista Batista Pioneira, v. 11, n. 2, jun. 2022. Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/index.php/rbp/article/view/490>.

GRAEBIN, J.E. A missiological study of Paul's planting strategy for application in Formosa/GO, Brazil and beyond. Potschefstroom: NWU. (Thesis – PhD), 2023. (Material não publicado).

GREEN, M. Evangelização na Igreja Primitiva. Traduzido por Hans Udo Fuchs São Paulo: Vida Nova, 1984.

HESSELGRAVE, D.J. Plantar Igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

LIDÓRIO, R. Estratégias e plantio de igrejas no campo missionário, 2016. Disponível em: <https://ronaldo.lidorio.com.br/wp/estrategias-e-plantio-de-igrejas-no-campo-missionario/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

LIDÓRIO, R. Plantando igrejas. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

LOPES, A. N. Paulo, plantador de igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. In: Fides Reformata, v. 15, n. 2, p. 1-15, set. 1997.

MORGAN, H. Pauline strategy for establishing churches, 2013. Disponível em: <https://faithbiblechurch.com>. Acesso em: 01 ago. 2018.

OTT, C.; WILSON, G. Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação. Traduzido por Maria Antonella Chirico França Oliveira. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2013.

PAYNE, J. D. Apostolic church planting: birthing new churches from new believers. Downers Grove: Inter Varsity Press, 2015.

PAYNE, J. D. The Great Commission and church planting, 2016. Disponível em: <https://northamericanmission.org>. Acesso em: 03 jul. 2018.

POLLOCK, J. The apostle. Wheaton, Ill: Victor Publishing, 1972.

RABENS, V. Paul's mission strategy on the urban landscape of the first-century Roman Empire. *In*: WALTON, S.; TREBILCO, P. R.; GILL, D. W. J. (ed.). The urban world and the first christians. Grand Rapids: Eerdmans, 2017. p. 99-122.

SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. Os fundamentos bíblicos da missão. Traduzido por Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1987.

SHEDD, R. Hermenêutica bíblica. *In*: Vox Scripturae. 1:2 (setembro de 1991). p. 3-11.

STAMBAUGH, J. E.; BLACH, D.L. O Novo Testamento em seu ambiente social. Traduzido por João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

STOTT, J. R. A mensagem de Atos. Traduzido por Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU Editora, 1994.

TERRY, J. M. Missiology: an introduction to the foundations, history, and strategies of world missions. Nashville: B & H Publishing Group, 2012.

WHITE, P.; ACHEAMPONG, B. O. Planning and management in the missional agenda of the 21st century church: A study of Lighthouse Chapel International, 2017. *Verbum et Ecclesia*, v. 38, n. 1, a1699, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4102/ve.v38i1.1699>.

PISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO MISSIOLÓGICA NO SÉCULO 21: UMA ABORDAGEM INICIAL

Clues for Missiological Education in the 21st Century: an Initial Approach

Pistas para la Educación misionológica en el Siglo XXI: un Enfoque Inicial

Maruilson Souza¹

Seminário Teológico do Exército de Salvação em Maputo-Moçambique

RESUMO

O presente artigo propõe-se a fazer uma abordagem inicial à temática da educação missiológica, tendo como referência o século 21. O autor entende haver – nos contextos africano, brasileiro e latino-americano – uma lacuna nos estudos sobre essa relevante área. Compreende que tal ausência constitui um obstáculo ao surgimento de programas de educação missiológica que sejam ao mesmo tempo global e local, transformador e transformativo, rigorosamente acadêmico e vibrantemente comprometido com a *Missio Deo* que é a missão de Jesus no mudo rural e urbano; nas comunidades empobrecidas, mas também nas sociedades tecnologicizadas e industrializadas; intra e igualmente transculturalmente. A expectativa é abrir-se para o diálogo sincero e honesto com outros interessados no assunto, de forma a contribuir para o avanço do Reino entre nós.

Palavras-chaves: missão; educação Missiológica; paradigma de educação missiológica.

ABSTRACT

The present article proposes an initial approach to the theme of missiological education, having the 21st century as a reference. The author believes that there is – in the African, Brazilian, and Latin American contexts – a gap in studies on this relevant area. He comprehends that such absence creates an obstacle to the development of missiological education programs that are both global and local, transformative and innovative, and rigorously academic and devotedly committed to the *Missio Deo*, which is the mission of Jesus in rural and urban contexts, impoverished communities, technological and industrialized societies, and intra and cross-culturally speaking. The expectation is to open up to sincere and honest dialogue with others interested in the subject to contribute to the advancement of the Kingdom among us.

Keywords: mission, Missiological education; paradigm of missiological education.

¹ Doutor em Educação Teológica – Ph.D. e Pós Doutor em Psicologia pela Universidad John F. Kennedy (Buenos Aires, Argentina). Atualmente realizada pesquisa de Pós-Doutoramento em Epistemologia e Linguagem da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. É autor de 22 livros e inúmeros artigos. Reitor do Seminário Teológico do Exército de Salvação em Maputo, Moçambique. E-mail: maruilson.souza@gmail.com

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo realizar un enfoque inicial sobre la temática de la educación misionológica en el contexto del siglo XXI, centrándose en los contextos africanos, brasileños y latinoamericanos. El autor identifica una brecha en los estudios sobre esta área relevante en estos contextos. Considera que esta falta obstaculiza el desarrollo de programas de educación misionológica que sean global y local al mismo tiempo, transformadores y transformativos, académicamente rigurosos y comprometidos con la *Missio Dei*, que es la misión de Jesús tanto en entornos rurales como urbanos; en comunidades empobrecidas, pero también en sociedades tecnologizadas e industrializadas; tanto intracultural como transculturalmente. La expectativa es fomentar un diálogo sincero y honesto con otros interesados en el tema, con el fin de contribuir al avance del Reino en nuestra realidad.

Palabras-claves: misión; educación Misionológica; paradigma de la educación misionológica.

Introdução

A Missiologia, entre outros aspectos, ocupa-se do estudo da Grande Comissão de Jesus (Mt. 28.18-20; Lc. 4.18-19; Jo. 20.19-23) como parte integrante e essencial da natureza da Igreja. Consequentemente, não lhe é alheio a educação como meio para a transformação de pessoas, famílias, nações, sociedades e da própria Igreja. Isso significa que, em uma perspectiva missiológica, a educação é vista como *sine qua non* tanto para o desenvolvimento humano quanto para o aprimoramento da cidadania, da democracia, do respeito ao outro como imagem e semelhança de Deus, assim como para o progresso integral (político-social-econômico-espiritual) de um país ou região. Todavia, nos contextos africano, brasileiro e latinoamericano, ainda é limitada a publicação de pesquisas específicas a respeito da educação missiológica. O presente ensaio pretende contribuir sobre esse tema, na expectativa de que outros deem continuidade a essa tarefa, ampliando e aprofundando essa reflexão inicial.

A conexão entre missão e educação

A interligação entre missão e educação pode ser percebida no Brasil, em tempos não muito longevos – mas igualmente em outros países. De fato, até a segunda metade do século 20 era comum fazer parte da intencionalidade da visão missionária protestante a construção de escolas ao lado de igrejas locais. Deste modo, em uma perspectiva missiológica, a educação não está restrita unicamente ao ensino religioso (Jardilino; Lima; Lopes, 2011). A visão era – e ainda é? – contribuir

para o desenvolvimento humano, para a profissionalizado do indivíduo, para a transformação de famílias e para o progresso do país.

Carrol Stuhmueller e Donald Senior (2021) apontam para a bidirecionalidade da visão missionária: compartilhar a fé e, ao mesmo tempo, perceber a ação salvífica de Deus no meio e na cultura do povo para o qual o(a) missionário(a) foi enviado(a). A essas eu acrescentaria o agir em nome e por amor a Deus para que as realidades presentes disformes sejam transformadas em sinais e sementes do Reino vindouro. Neste sentido, a educação é elemento indispensável na construção de valores, tais como a proteção das crianças, o respeito aos idosos, a busca contínua da excelência e a transformação da vida das pessoas. No entanto, não se pode perder de vista a formação de missionário(a)s e missiológo(a)s que incorporem em si esse ideal missionário, assim como essa visão holística da missão. Daí a importância da educação missiológica.

A ligação entre a educação geral, cristã, teológica e missiológica

Definir educação não é algo simples. Há muitas nuances e implicações no uso do termo. O assunto torna-se ainda mais complexo quando acrescentamos outros qualificativos, tais como “cristã”, “teológica” ou “missiológica”. Pode-se dizer, grosso modo, que educação é um processo contínuo e sistemático que visa desenvolver a pessoa na sua integralidade (corporal, emocional, intelectual, moral e profissional).

Por outro lado, a educação cristã é aquela centrada em Jesus Cristo e que tem por objetivo formar o povo de Deus para ser testemunha de Deus, no mundo de Deus e para servir a Missio Dei nesse mundo que – paradoxalmente – deseja e ao mesmo tempo, rejeita Deus. Já a educação teológica está voltada para a formação em nível superior, especializada, de clérigos e líderes para os diversos ministérios cristãos (Souza, 2021, p. 13-65).

Em contrapartida, a educação missiológica – por sua antiguidade e transculturalidade – é multifacetada e cheia de labirintos, pois leva em consideração os diferentes contextos culturais, políticos, sociais e religiosos. Soma-se a isso o fato dela (a educação missiológica) permear tanto a educação cristã quanto a educação teológica e, concomitantemente, trazer em seu âmago elementos da educação geral. Consequente e idealmente, na educação missiológica está incluso –

transversalmente – o estudo da antropologia, da ciência, da história, da economia, das espiritualidades, da geografia, da linguística, da mitologia, da religião, da tecnologia e das teologias...

Do ponto de vista da antiguidade, é necessário recordar que os livros do Novo Testamento não são textos acadêmicos, mas escritos como respostas a questões que surgiram no campo missionário. Daí fazer sentido a afirmação de ser a missão a mãe da Teologia (Kähler *apud* Bosch, 2002, p. 16), pois o que fazer teológico emerge a partir da realidade missiológica. Nesse sentido, para ter futuro, a Teologia deve prestar atenção às perguntas que se manifestam nos diferentes contextos – rurais, urbanos, intra e transculturais – nos quais a missão se desenvolve.

O que é educação missiológica?

Educação missiológica é, pois, a educação focada na formação, treinamento e desenvolvimento contínuo de líderes cristãos, bem como de movimentos, organizações e igrejas para que se tornem missionalmente comprometidos em compartilhar e espalhar o Evangelho de Jesus Cristo, tanto nas zonas urbanas como nas zonas rurais; tanto dentro da própria cultura quanto transculturalmente. Ou seja, educação missiológica é aquela voltada para capacitar o povo de Deus para que, como afirmou René Padilla, esse se comprometa com “o Evangelho todo, para o homem todo e para todos os homens” (*apud* Jacintho; Gonçalves, 2022) em todos os lugares. O pressuposto é que, na Igreja, todos devem estar envolvidos em missão, pois “missão se faz com os pés dos que vão, com os joelhos dos que oram e com as mãos dos que contribuem” (anônimo).²

A declaração acima não exclui a formação de especialistas e expoentes na área da Missiologia. Donald McGavran (2007), por exemplo, indica que igrejas em crescimento, que desejam crescer ou manter uma visão missionária, devem concentrar-se no desenvolvimento de:

Líderes voluntários. Ou seja, não remunerados. Esses são, geralmente, sérios responsáveis, profissionalmente capazes e estão nas igrejas em todas as partes do mundo. Essas pessoas precisam ser treinadas e encorajadas a se envolverem em

² Os artigos e livros de Missiologia aos quais esse autor teve acesso não indicam quem é o autor(a) dessa conhecida afirmação.

importantes aspectos da missão, tais como: Cantar, tocar, ministrar na Escola Dominical, visitar enfermos, ouvir pessoas em solidão... em missões de curto prazo. Eles são indispensáveis na formação de outros com uma mentalidade missionária de serviço. Se a Igreja não se ocupa e não se preocupa em desenvolver esse tipo de líder terá “um ministério pobre e fraco” (McGavran, 2007), p. 80).

Líderes em formação. Podem ser seminaristas ou estudantes de outras áreas do conhecimento, mas que se dispõem a realizar estudos bíblicos, exercer um ministério nas prisões ou pessoas que fazem da sua profissão seu serviço missionário – emprestam seus ouvidos aos solitários e sofredores; dispõem seus ombros para amparar os que choram.

Líderes de tempo parcial. Esses exercem uma dupla jornada de trabalho e estão em pequenos ministérios ou igrejas que ainda não reúnem as condições para sustentar com um mínimo de dignidade seus obreiros. McGavran diz que, no campo missionário, as pequenas igrejas formam maioria. Por outro lado, a Bíblia nos alerta para não desprezarmos os pequenos começos (Zc. 4.10). Esses líderes são, geralmente, dedicados e cheios de disposição. No entanto, com exceções, faltam-lhes a capacitação bíblico-teológica e missiológica formal. Ajudá-las a matricular-se em uma Escola de Missões por módulos – talvez de uma semana intensiva por semestre – será de grande ajuda.

Líderes de tempo integral. Esses, comumente, estão em igrejas de porte médio ou grande, com várias congregações funcionando em outros bairros ou cidades. Na maioria das vezes, são expoentes nas suas denominações e possuem boa formação teológico-pastoral. Conseqüentemente, podem – inclusive – serem convidados a integrar a equipe de formação de novo(a)s missionário(a)s.

Diante do exposto, pode-se deduzir que enquanto a educação geral forma a pessoa para a vida e para o exercício de uma profissão, a educação cristã forma o povo de Deus para ser testemunha de Deus no mundo de Deus. Em contrapartida, a educação teológica foca em oferecer formação universitária de alto nível para o exercício do pastorado ou da docência em instituições de ensino superior (seminários e faculdades de Teologia). Contudo, o objetivo principal da educação missiológica – além de preocupar-se com missões como parte essencial e indispensável da identidade da Igreja – é a formação de missiólogos e missiólogas, assim de

missionários e missionárias para servir intra e transculturalmente, tanto nos grandes centros urbanos, mas igualmente nas longínquas zonas rurais.

Pistas para uma educação missiológica para o século 21

Na última década do segundo milênio, David Bosch (2002) chamava a atenção para a crise contemporânea de missão. Ele via nela (na crise) tanto perigos como oportunidades. Por isso, apresentou um estudo dos diversos paradigmas de missões em diferentes épocas da história. O objetivo de Bosch é mostrar que missão é mais do que um empreendimento que transforma a realidade. É, também, algo que está em transformação contínua. Ou seja, quando o paradigma muda, é necessário igualmente mudar o que fazer missiológico. E esse só é transformado se houver renovação na educação formativa de futuros missionários e missionárias.

Neste sentido, Dudley Woodberry, Charles Van Engen e Edgar Elliston (2005) levantam uma questão vital para a agenda e a educação missiológica no século 21: Como deve ser feita a educação missiológica para preparar homens e mulheres que servirão a *Missio Dei* neste século? Claro que as respostas a essa indagação são diversas. No entanto, entendo haver necessidade de, primeiramente, buscar compreender os diversos paradigmas históricos de educação missiológica, os quais estão conectados com os paradigmas de missões apresentados por Bosch (2002). Tal esforço contribuirá para se adquirir uma visão geral de como a Igreja, historicamente, lidou com as mudanças do seu entorno; dos impactos que isso teve nas instituições e nos currículos de formação missionária e, a partir de uma perspectiva global do assunto, perceber as diferentes maneiras de como missiólogos educadores do passado responderam às mudanças do seu contexto. Nesta perspectiva, o estudo do texto de Bosch (2002) poderá ser de grande ajuda.

Outra possibilidade é o estudo apresentado por Andrew Walls (2005, p. 11-22) a respeito da educação missiológica em uma perspectiva histórica. Esse autor demonstra como programas de educação missiológica do passado refletiram seus contextos e desafios, inclusive o da inclusão de mulheres, as quais foram, por longo tempo, impedidas de ter uma formação adequada para o serviço missionário. Olhando para o século 19, ele resgata três implicações propostas pelo missionário e missiólogo

escocês Alexander Duff, que poderão iluminar a formação de cristãos como uma visão missionária na contemporaneidade (cf. Duff *apud* Walls, 2005, p. 14-15):

Missão é a razão de existir da Igreja e não um apêndice. Consequentemente, seu estudo, assim como a formação cristã missionária, deve ser intencionalmente estabelecido como central no currículo, tanto da educação cristã como da educação teológica. Não ter essa consciência é transformar missão em um estudo e em uma formação marginal e, portanto, secundária. Tal decisão, trai o Evangelho de Jesus Cristo pois não leva em consideração o fato de cada cristão ser um missionário em todos os lugares onde estiverem.

A missão exige a participação de todos. Logo, a interdenominacionalidade ou ecumenicidade é indispensável para que ninguém fique de fora. Isso significa que os centros de formação missionária devem estar generosamente abertos a pessoas das mais diferentes denominações e movimentos eclesiais. Não fazer isso é optar por uma educação de gueto, excludente, a qual em nada contribui para a unidade do Corpo de Cristo e muito menos para o testemunho cristão no mundo (cf. Jo. 17.21).

O estudo da missão demanda interdisciplinaridade. Logo, a própria Teologia da evangelização precisa ser enriquecida com o estudo de outras áreas do conhecimento. Desta forma, tanto o estudo da história das religiões quanto da antropologia, da linguística, da sociologia – entre tantos outros – se fazem necessários, especialmente, na formação missionária para o contexto contemporâneo.

Por outro lado, Siga Arles (2013), a partir de sua experiência e envolvimento pessoais, oferece uma visão de como a educação missiológica desenvolveu-se – no contexto indiano – a partir de três centros de estudos missiológicos. Ele destaca a relação entre Teologia, Missiologia, ministério e educação como importantes pontos de convergência e interação para o futuro da missão em solo indiano, mas igualmente em culturas semelhantes. Arles (2013) foca na necessidade de saber (Teologia), de saber fazer (Missiologia) e de ser (educação) como *sine qua non* na formação de missionários e missionárias capazes de levar avante missão de Jesus século 21 adentro.

Segundo Fohle Lygunda Li-M (2018), as muitas mudanças ocorridas no mundo após a Segunda Guerra Mundial exigem a construção de um novo paradigma de

educação missional. Não dá mais para continuar repetindo um tipo de educação que foi pensada para outros contextos – global e locais. Nesse sentido, é necessário repensar a formação de missionário(a)s para o contexto pós e transmoderno. Li-M (2018) propõe um modelo em que, desde o seminário, os estudantes sejam equipados para estruturarem e liderarem – em suas comunidades, mas também além delas – igrejas missionais autóctones, capazes de cumprirem o mandamento de Jesus de “INDO³ a todos os povos... preguem o Evangelho... façam com que sejam meus seguidores... .. ensinando-os a obedecer o que lhes ordenei...” (Mt. 28.19-20).

Penso que a ênfase de Li-M (2018) está correta, pois, hodiernamente, os espaços geográficos nos quais vivemos e convivemos, são igualmente espaços multi e transculturais. Desta forma, mesmo dentro da cultura, é possível exercer um ministério que transcende à monoculturalidade. Com isso, torna-se cada vez mais necessário uma educação missiológica que rompa com esquemas epistemológicos colonizadores das mentes e, por conseguinte, de imposição da cultura do missionário(a) sobre o outro ou mesmo da obrigação de repetir acriticamente doutrinas e hermenêuticas que nem sempre levam em consideração o contexto no qual o evangelizando se encontra.

Outra relevante pista para uma educação missiológica no século 21 é dada por Analzira Nascimento (2015) que, em tom de denúncia, expõe o tipo de evangelização que faz “missão sem se importar com o outro”, com a sua cultura. Tais atitudes são desumanizantes, pois vê o outro como um objeto a ser alcançado, como um mero número estatístico e não como um ser humano amado e desejado por Deus. Tal prática colonialista, é caracterizada pela arrogância de pessoas que pensam serem melhores e se acham culturalmente “superiores”.

Conclusão

O contexto do século 21 difere dos contextos iluminista e moderno dos séculos 18 e 19, assim como dos paradigmas deles advindos e nos quais a maioria de nós foi formado(a). Pensar, pois, uma educação missiológica para este século exige

³ É consenso entre a maioria dos eruditos do Novo Testamento que em Mateus 28.19, no original grego, o verbo “ir” não está no imperativo (“ide”), mas no gerúndio (“indo”). Cf. CARSON, D. A. Comentário bíblico: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009; MOORE, W. Multiplicando discípulos: O método neotestamentário para o crescimento da igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015; MULHOLLAND, D. M.; SHEDD, R.P. Teologia da igreja: uma igreja segundo os propósitos de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

coragem, humildade, maturidade e sabedoria para manter o que deve ser mantido e substituir o que é transitório. Ainda que a Palavra de Deus permaneça a mesma – e permanece – o contexto no qual estamos inseridos mudou. Em muitos lugares o desenvolvimento humano e social evoluiu. Igualmente, o progresso científico, tecnológico e comunicacional da humanidade foi impactado pela rede mundial de computadores (internet) a qual, nas últimas décadas, tornou possível o acesso ao conhecimento, bem como ao patrimônio cultural, espiritual e intelectual da humanidade, como nunca antes. As instituições de educação missiológica não podem deixar de levar em consideração esses fatores. Consequentemente, seus currículos devem refletir essa realidade que demanda uma sólida formação bíblico-teológica-intelectual, dentro de uma visão interdisciplinar que dialogue com as mais diferentes áreas do saber, de maneira a formar liderança missionária e missiológica com visão holística e cujas ações sejam crísticas – amorosas, evangelizadoras, discipuladoras, integradoras, renovadoras, revitalizadoras, solidárias, transformadoras e que demonstrem e reflitam a compaixão de Jesus.

Referências

APM. Social engagement: The challenge of the social in missiological education. Wilmore, Kentucky: First Fruit, 2013.

BOSCH, David J. Missão transformadora: Mudanças de paradigmas na teologia da missão. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.

DASAN, Ebenezer D.; FOX, Frampton F. missiological education: Theological integration and contextual implications. Papers from the 13th CMS Consultation. Delhi, India: CMS – Centre for Mission Studies, 2009.

ENGELSVIKEN, Tormod; JORGENSEN, Knud; OLSEN, Rolv; STRANDENAES, Thor. Mission to the world: Communicating the Gospel in the 21st century. Essays in honor of Knud Jorgensen. Carlisle, Cambria, UK: Regnum – The Oxford Centre for Mission Studies, 2008.

JACINTHO, Robinson; GONÇALVES, Iago. Evangelho integral: Homenagem a René Padilla. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

JARDILINO, José Rubens L; LIMA, Éber Ferreira Silveira; LOPES, Leandro de Proença. Protestantismo e educação: Escolas paroquiais no contexto do ensino de primeiras letras em São Paulo. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG., Cadernos de História da Educação, v. 10, n. 2, p. 257-270, jul./dez. 2011.

LI-M, Fohle Lygunda. Transforming missiology: Na alternative approach to missiological education. Carlisle, UK: Langham, 2018.

McGAVRAN, Donald. Five kinds of leaders. *Journal of the American Society for Church Growth*, v. 18, n. 1, p. 79-91, 2007.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou colonização: O risco de fazer missão sem se importar com o outro*. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

SIGA, Arles. *Missional contribution to education in India*. Hoysala Nagar, Bangalore, India: Centre for Contemporary Christianity, 2013.

SOUZA, Maruilson. *Caráter e liderança na educação teológica*. Campinas: Editora São palavra, 2021.

STUHLMUELLER, Carrol; SENIOR, Donald. *Fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo: Editora Paulus, 2021.

WALLS, Andrew F. Missiological education in historical perspective. *In: WOODBERRY, J. Dudley; ENGEN, Charles Van; ELLISTON, Edgar J. (EE). Missiological education for the twenty-first century: The book, the circle, and sandals: Essays in honor of Paul E. Pierson*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2005.

WOODBERRY, J. Dudley; VAN ENGEN, Charles; ELLISTON, Edgar J. (EE). *Missiological education for the Twenty-First century: The book, the circle, and the sandals – Essays in honor of Paul E. Pierson*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2005.

GLOBAL SOUTH MISSION IS POSSIBLE!¹

A Missão Global Sul É Possível!

¡La Misión Sur Global Es Posible!

Andrew B. Kim²

Global Connections for Advancement

ABSTRACT

The contemporary missions are from everywhere to everywhere. Steve Hoke and Bill Taylor, therefore, predicted a couple of decades ago that ‘as we move into the third millennium, the church of Jesus Christ had become truly globalized, and missions are now from all nations to all nations.’ As Paul Pierson notes, the rapid growth of the non-Western missionary movement as ‘the greatest new fact of our time,’ the non-Western Churches started to be aware of the importance of missions and started to send their missionaries out to the nations. While the missional movement in the non-Western Churches, i.e., Global South, enjoyed rapid growth, we also began to take a greater responsibility for world missions. Though the Great Commission is given to all Christians and mission is growing in the Global South, it is also true that mission, however, is still not widely practiced among the Global South Churches. Global South Churches, however, can be actively involved in missions so I would like to share how some of the Global South Churches participate in missions.

Keywords: global South; dependency e master plan; creativity in missions.

RESUMO

As missões contemporâneas são de todos os lugares para todos os lugares. Steve Hoke e Bill Taylor, portanto, previram há algumas décadas que “à medida que avançamos para o terceiro milênio, a igreja de Jesus Cristo tornou-se verdadeiramente globalizada e as missões são agora de todas as nações para todas as nações”. Como observa Paul Pierson, com o rápido crescimento do movimento missionário não-ocidental como “a maior novidade do nosso tempo”, as Igrejas não-ocidentais começaram a tomar consciência da importância das missões e começaram a enviar os seus

¹ The article 'Global South Mission is Possible' was previously published in *Missions and Money: Global Realities and Challenges* by Jonathan J. Bonk, Michel G. Distefano, J. Nelson Jennings, Jinbong Kim, and Jae Hoon Lee. *Great Commission Research Journal*, 15(1), 163-166. The article is provided here with the permission of the guest author.

² Consultant of: Global South Mission, CBCNEI, India, GONEANAME, Ethiopia. Board Member of GMP-America, USA. Director of Global Connections for Advancement, Seoul, Korea. Previously served as Field Dean & Ph.D. Major Advisor, William Carey International University, Pasadena, CA (2008-2020); Served as Full Professor of Intercultural Studies, Philippine Baptist Theological Seminary, Baguio City, Philippines (2000-12); Served as Professor of Intercultural Studies, Asia Baptist Graduate Theological Seminary, Hong Kong (Philippines Branch: 2000-12); Served as Founder and International Coordinator, Asia Vision Short-term Missions Project, Baguio City, Philippines (2002-2012); Served as Executive Director of Global Missions Pioneers, Seoul, Korea (1999-2000); Served as Executive Committee Member of the Mission Korea, Korea, (1998-2000); Served as Founder and Director, Global Cross-cultural Missions Center, Inc., Manila, Philippines (1992-1998); Served as a Church Planter in Pampanga & Benguet Provinces, Philippines (1984-1992). Email: bykim329@gmail.com

missionários para as nações. Embora o movimento missional nas Igrejas não-ocidentais, ou seja, no Sul global, tenha desfrutado de um rápido crescimento, também começamos a assumir uma maior responsabilidade pelas missões mundiais. Embora a Grande Comissão seja dada a todos os cristãos e a missão esteja a crescer no Sul Global, também é verdade que a missão, no entanto, ainda não é amplamente praticada entre as Igrejas do Sul Global. As Igrejas do Sul Global, no entanto, podem estar ativamente envolvidas em missões, por isso gostaria de partilhar como algumas das Igrejas do Sul global participam em missões.

Palavras-chave: Sul global; dependência; plano principal; criatividade em missões.

RESUMEN

Las misiones contemporáneas son de todas partes y para todas partes. Steve Hoke y Bill Taylor predijeron hace algunas décadas que "a medida que avanzamos hacia el tercer milenio, la iglesia de Jesucristo se ha globalizado verdaderamente y las misiones ahora son de todas las naciones para todas las naciones". Como señala Paul Pierson, con el rápido crecimiento del movimiento misionero no occidental como "la mayor novedad de nuestro tiempo", las iglesias no occidentales comenzaron a tomar conciencia de la importancia de las misiones y comenzaron a enviar a sus misioneros a otras naciones. Aunque el movimiento misional en las iglesias no occidentales (es decir, en el Sur global) ha experimentado un rápido crecimiento, también estamos asumiendo una mayor responsabilidad por las misiones mundiales. A pesar de que la Gran Comisión se da a todos los cristianos y la misión está creciendo en el Sur Global, aún no se practica ampliamente entre las iglesias del Sur Global. Sin embargo, estas iglesias pueden estar activamente involucradas en las misiones, por lo que me gustaría compartir cómo algunas de las iglesias del Sur global participan en las misiones.

Palabras clave: sur global; dependencia; plan maestro; creatividad en las misiones.

Introduction

Contemporary missions is from everywhere to everywhere. Steve Hoke and Bill Taylor predicted a couple of decades ago that "as we move into the third millennium, the church of Jesus Christ [will] become truly globalized, and missions [will be] from all nations to all nations."³ As the Global South churches enjoyed rapid growth, they began to assume a greater responsibility for world missions. Thus, Paul Pierson described the remarkable growth of the non-Western missionary movement as "the greatest new fact of our time."⁴

³ Stephen T. Hoke, "Paradigm Shifts and Trends in Missions Training: A Call to Servant-Teaching, A Ministry of Humility," *Evangelical Review of Theology* 23 (October 1999): 19.

⁴ Paul Pierson, "Non-Western Missions: The Great New Fact of Our Time," in *New Frontiers in Mission*, ed. Patrick Sookhdeo (Exeter: Paternoster Press, 1987), 9.

Since the Great Commission was given to all Christians, all believers are expected to take their missional responsibility seriously, including those in the Global South. However, Global South churches have not been actively involved in missions and there may be several reasons why. We may assume that Global South churches struggle with lack of finances. Perhaps they have little to no exposure abroad and thus have no burden to reach out beyond their country. Churches may also have a poor understanding of their missional role and are experiencing difficulty in doing evangelism in their areas. However, as a field missionary for almost four decades, I see these reasons as mere excuses. I would like to discuss Global South missions and financial issues in light of some cases that I have been greatly involved in.

I. Global South churches have their own “five loaves of bread and two fish”

Global South churches have struggled with the chronic problem of dependency, which has rendered them weak. In reality, the problem of dependency is not a shortage of money or strategies because even the early churches took the initiative of missions though they were not affluent.

Reflecting on this overall gloomy picture of Global South churches, I tried to find reasons why churches in the Global South remain dependent, and I found some good models of missional movement in the Global South that can encourage and even challenge other churches. I also learned that the local church will be healthier when it takes ownership of the Gospel and shares the Good News to the world. The following are some models of doing missions in the Global South churches:

- Mizoram Presbyterian Synod in Northeast India. The synod has deployed 2,280 cross-cultural missionaries though the state is one of the poorest and remotest in India. They offer firewood, a spoonful of rice per family member when they cook, and one out of every ten chickens for missions. Many churches cultivate their own banana plantations and give all the profit for missions. They are proud of being able to export the Gospel to other states and nations.

- Asia Vision Short-Term Missions Project in the Philippines. To encourage more believers to take part in the Great Commission through giving, the organization provided coin cans for missions. Church members, young and old, found it a joy to fill the cans for missions. Those who had more could give more (they put in bills instead of coins). Sunday School children were also encouraged to drop their missions offerings into the coin cans. Other church members who were not well-off still had the opportunity to share their resources through coins that accumulated over time. Some young people raised funds to support missionaries by washing vehicles and cleaning houses together. They also organized a “Sacrificial Dinner for Missions” and gave all the collected offerings for missions.
- Papua New Guinean Christians. They organized a “Mission Car Wash” and gave all the income for missions.
- An Ethiopian Local Church. Recently, an Ethiopian local church pastor told me, “We will support our missionaries through enjira. The local church members will cook enjira, sell that in the market, and give the income for missions.” The church members are not rich, but they would like to share the Gospel to the Somalis and others through their own efforts. They try to find possible resources in their context to support their missionaries.

Jesus fed over five thousand in the wilderness with a small boy’s simple lunch box of five loaves of bread and two fish. Once the Lord blesses our simple giving, there will be miraculous blessings. We all have our own “five loaves of bread and two fish” in our own contexts and there will be endless possibilities if we have the heart to proclaim God’s glory among the nations.

I strongly encourage missionary candidates to proactively attempt great things for God, rather than passively waiting for great things from God. I always challenge missionaries, wherever I go, to put their faith in God and prove that their God is the

living God. It is obvious that they should experience their God as the living God before they go and proclaim him among the nations.

II. Strategic mission models of the Global South

The Global South churches are located in the heart of major mission fields and are thus more effective in doing missions there. Several missional models arise from the Global South.

Brazilian Mission Models

Christian Vision in East Timor. Christian Vision of Brazil conducted a field survey in East Timor and developed a twelve-year master plan for East Timor missions. They deployed forty missionaries to the tiny nation in 2000. From the very beginning they had clear entrance and exit strategies for missions. They planted healthy churches in major cities/towns in the country, established a radio station in Dili and a pastors' training program in Baucau, and launched several evangelistic projects.

In 2012, thirty-seven missionaries completed their assigned ministries and withdrew from East Timor. Two more missionaries left in 2015. Finally, Christian Vision turned the leadership over to the East Timorean churches in 2017. Christian Vision of Brazil had a master plan for their mission from the beginning.

AMIDE – Associação Missionária para Difusão do Evangelho. Another missions agency in Brazil, AMIDE, also conducted a survey prior to deploying their missionaries to the field. They encouraged five churches to participate and support a field project together. They are new in missions, but they have strong prayers, practical training, and field-based surveys. They have even prepared for their missionaries' retirement, among other things.

Chinese mission model: the five DNA and the secret of Chinese church growth

When China fell under Communist rule in 1949, there were about half a million Christians in the entirety of China. It is estimated that this number has now grown to 135 million. Chinese churches experienced severe persecutions, but they have

strengthened the churches through their five DNA: (1) Evangelism, (2) Prayer, (3) Infilling of the Holy Spirit, (4) The Cross (i.e., Suffering), and (5) Miracles. These made the Chinese church strong, and they have now started to send their missionaries out amid persecution and various other challenges. Some characteristics of Chinese missions are as follows:

- Humble beginnings. The church grew in agricultural states (i.e., the believers were not from rich backgrounds in general), so they fully trust in the Holy Spirit.
- Strategic gate cities. Key cities have been selected in mission fields to set up missional platforms and widely enhance their missions movement.
- Niche markets. They set up niche markets and concentrate on ministries that they can do well (e.g., Business as Missions [BAM]).
- “Just do it” spirit. They are not afraid of making mistakes.
- Rustication of leaders. Instead of encouraging others to do missions, leaders forge the way and present themselves as role models for missions.
- Field-oriented spirit. Missionaries live right where they work in the mission fields.
- Raising and investing in future leadership. They allot much of their finances and efforts to developing future leadership.
- Ministry-oriented and efficiency-oriented (like Mission Expo). When they have gatherings, they encourage church leaders, mission leaders, businessmen, and missionary candidates to come, participate, and interact with field missionaries so that they can share experiences, insights, and resources to maximize their abilities. They do have a Kingdom perspective on missions.
- Chinese way of missions. They know who they are, so they want to establish their own way of doing missions rather than copy from the West or others.

Northeast Indian mission model

The Council of Baptist Churches in Northeast India (CBCNEI) has six conventions with 113 councils under its umbrella. In 2014, CBCNEI launched a project dubbed “Adopt the 110 Districts by CBCNEI.” The Mission Director of the CBCNEI, Dr. Jolly Rimai, led this project and completed the adoption of the 110 districts, which

encompass about 400 million souls. The missions department of CBCNEI conducted a field survey of the 110 districts and encouraged all councils to adopt a district to saturate with the Gospel.

Ethiopian Mission Model

Ethiopia has a good number of evangelical Christians and in February 2020 they started a missions agency, GONEANAME (Good News to East Africa, North Africa, and Middle East), to reach East Africa, North Africa, and the Middle East with the Gospel. Just like Filipino churches, the Ethiopian churches will mobilize their diasporic Christians in the region and will extend their ministries to other parts of Africa, the Middle East, Asia, and beyond.

III. Some factors to consider in the global South missions movement

The Global South churches do have their own strengths that they can harness in missions if they are committed to the Lord and cherish the Great Commission. We need to raise and deploy missionaries who can proclaim as Peter did, “Silver or gold I do not have, but what I have I give you. In the name of Jesus Christ of Nazareth, walk” (Acts 3:6). The Global South churches can learn from the mission models presented below.

1. Niche and Hinge Markets for the Global South. The Global South churches are new in missions; thus, they better find their niche and hinge markets in missions where they can maximize their ministries with low cost but high efficiency.

2. Leaders’ Field Exposures. Church or mission leaders and workers can visit various mission fields and see how others are working. Mission leaders can do a “vision trip” or lineup work on potential mission fields where they will deploy their missionaries. This sort of vision trip brings the heart for the area/s and embraces various possibilities of missions. In the vision trip, leaders can identify and select gate cities where they will establish missional platforms.

3. Missions Education. Missional conferences may be conducted regularly for key and strategic leaders. Contextualized missionary training programs may be developed. On-field education for missionaries and ongoing education for both home and field mission leaders and missionaries may be conducted in their context.

4. See the Big Picture. Churches can sit down to develop a master plan, with entry and exit mission strategies. Moreover, they can constantly evaluate and envision future missions.

5. Key Leaders' Role in Missions. From the cases of the Philippines, Brazil, China, India, and Ethiopia, I have learned that once national key leaders are deeply moved by the Spirit of God and become actively involved in missions, their missions grow well.

6. Mobilize National Christians. Many mission fields have a good number of Christians. They are the best missionaries to their own people, and must be mobilized in missions, rather than sending foreign missionaries and duplicating ministries.

7. Avoid Dependency. In general, money causes dependency, which must be avoided. Instead of offering “oxygen respirator” thinking in the fields, we should offer “priming the water” thinking. “Priming the water” enhances missions and leads to self-support, self-propagation, and self-government.

IV. Some challenges in the global South missions movement

Christian missionaries are facing increasing challenges and hostility from Muslims, Hindus, Buddhists, and many other groups in various mission fields. Therefore, we need to find new avenues in missions and bring more mission forces into the fields.

We are living in a world that is constantly changing and becoming more unstable each day. Changes, big and small, are becoming more unpredictable—they are getting increasingly dramatic and are happening faster and faster. The COVID-19 pandemic, for instance, has created many interesting challenges and opportunities for churches and missionaries. We are not sure how we will cope on mission fields when the pandemic cools down.

This reminds me of the Choluteca Bridge in Honduras. Many other bridges were damaged by Hurricane Mitch in 1998, but the Choluteca Bridge survived in near perfect condition. However, roads on both ends of the bridge completely vanished, leaving no visible trace of their prior existence. More impressively, the Choluteca River had carved out a new channel during the massive flooding caused by the hurricane. The river no longer flowed beneath the Choluteca Bridge, which now spanned dry ground. The bridge quickly became known as, “The Bridge to Nowhere.”

Image 1 - Choluteca Bridge in Honduras



Source: Arvind Ramaswami, “Build to Adapt - A Lesson from the Bridge on River Choluteca,” August 6, 2020, LinkedIn, <https://www.linkedin.com/pulse/build-adapt-lesson-from-bridge-river-choluteca-arvind-ramaswami/?articleId=6697037782520598528>.

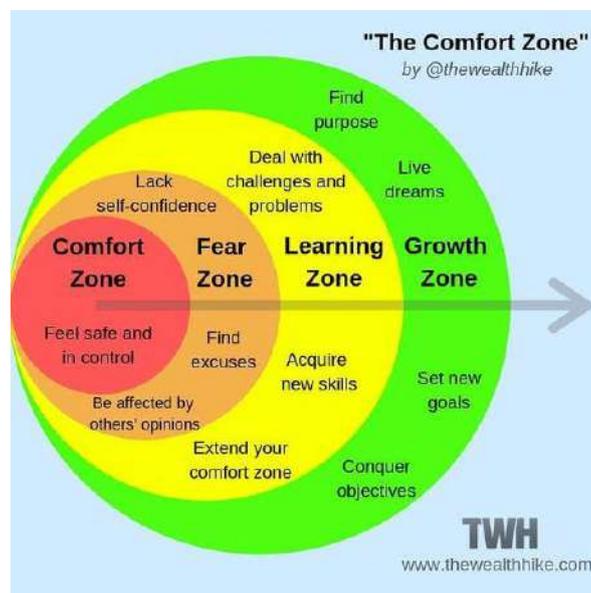
The lesson for us is that we often focus on creating the best solution for a given problem, but we often forget that the problem itself might change. Since the world is so unpredictable, we should highly value adaptive leadership in this VUCA—volatile, uncertain, complex, and ambiguous—world.⁵

⁵ “VUCA is an acronym (artificial word), first used in 1987 and based on the leadership theories of Warren Bennis and Burt Nanus, and stands for Volatility, Uncertainty, Complexity, and Ambiguity. It was the response of the US Army War College to the collapse of the USSR in the early 1990s. Suddenly, there was no longer the only enemy, resulting in new ways of seeing and reacting” (“Leadership Skills & Strategies,” VUCA-World, 2020, <https://www.vuca-world.org/>).

Conclusion

Global South missions is possible if we are committed, filled with the Holy Spirit, and have a heart for the nations. Money is not and should never be an issue. There are many creative ways for us to do missions. I hope the Global South churches can leave their “comfort” and “fear” zones and move to the “growth” zone via the “learning” zone by faith in the Lord (see Gen. 12:1–3). Let’s make great things possible!

Figure 1. The comfort zone.



Source: “The Comfort Zone,” TWH, www.thewealthhike.com, accessed April. 12, 2021, <https://i.pinimg.com/originals/f0/3a/cc/f03acc9fdb523e46841d9d6e362a6bd.jpg>.

MISSIOLOGIA E MISSÕES: CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS

Missiology and Missions: Concepts and Theoretical Approaches

Misionología y Misiones: Conceptos y Enfoques Teóricos

Demba Biai ¹

Centro de Estudos Avançados de Missões – CEAM

RESUMO

Este artigo possui por objetivo compartilhar resultados parciais de análise teórica da pesquisa de mestrado em andamento na área de Missiologia no Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM. Para esse objetivo, este texto aborda algumas das perspectivas teóricas dessa área ao se debruçar sobre a seguinte questão. Como os estudos teóricos sobre o tema Missiologia pode contribuir para a compreensão das finalidades das missões? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com o levantamento, seleção e registro das principais contribuições para o presente trabalho. Dentre os resultados deste artigo, destaca-se que missão tem como propósito promover a glória de Deus, sendo que a adoração e a missão caminham juntas na Bíblia, pois é na adoração que os povos conhecem a Deus e sujeitam-se a Ele em obediência e louvor. Como se trata de resultados parciais, o presente trabalho abre caminhos para mais estudos e pesquisas sobre a questão levantada para reflexão.

Palavras-chave: Missiologia; missões, propósito.

SUMMARY

This article aims to share partial results of theoretical analysis of ongoing master's research in the area of Missiology at the Center for Advanced Studies in Missions – CEAM. To this end, this text addresses some of the theoretical perspectives in this area by focusing on the following question. How can theoretical studies on the topic of Missiology contribute to understanding the purposes of missions? The methodology used in this work consists of bibliographical research, with the gathering, selection and recording of the main contributions on the topic. Among the results of this article, it should be highlighted that missions have the purpose of promoting the glory of God, and worship and mission go together in the Bible, since it is in worship that people know God and submit themselves to Him in obedience and praise. As these are partial results, this work paves the way for further studies and research on the issue raised for reflection.

Keywords: Missiology; missions, purpose.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo compartir resultados parciales del análisis teórico de las investigaciones de maestría en curso en el área de Misiología en el Centro de Estudios Avanzados en Misiones – CEAM. Con este fin, este texto aborda algunas de las perspectivas teóricas en esta área centrándose en la siguiente pregunta. ¿Cómo pueden los estudios teóricos sobre el tema de la

¹ Graduado em Missiologia e Ministério Pastoral e Mestrando em Missiologia pelo Centro de Estudos Avançados de Missões – CEAM – da Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). E-mail: dembabi25@gmail.com

Misionología contribuir a la comprensión de los propósitos de las misiones? La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, con el levantamiento, selección y registro de los principales aportes al presente trabajo. Entre los resultados de este artículo se destaca que la misión tiene el propósito de promover la gloria de Dios, y la adoración y la misión van juntas en la Biblia, ya que es en la adoración que las personas conocen a Dios y se someten a Él en obediencia. elogio. Al tratarse de resultados parciales, este trabajo abre el camino para futuros estudios e investigaciones sobre el tema planteado para la reflexión.

Palabras clave: Misionología; misiones, propósito.

Introdução

Em Marcos 16.15, Jesus deu a missão aos seus discípulos: “Vão por todo mundo e preguem o Evangelho a toda criatura”. Por sua vez, Lucas registra as últimas palavras de Jesus aos seus discípulos antes de voltar para o Pai: “Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (Atos 1.8). Podemos observar que estes dois textos bíblicos apresentam o sentido canônico do termo missões.

Paulo adverte em Romanos 10 que é preciso confessar a Jesus como Senhor e Salvador e crer no coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos (v.9). “Pois todo o que invocar o nome do Senhor será salvo” (v.13). Mas ao mesmo tempo lembra a Igreja de sua responsabilidade na proclamação do Evangelho. “Como crerão se não há quem pregue?... e como pregarão se não forem enviados?” Portanto, levar o Evangelho por todo mundo é uma tarefa inegociável que cabe à Igreja de nossos tempos.

Com base nesses textos bíblicos e outros, percebe-se a necessidade da Igreja se envolver com missão. Mas o que é missão? Esta pergunta é uma das questões mais discutidas no estudo da Missiologia.

Segundo Gildásio (2006), Missiologia é a soma de duas palavras: do latim, “missione” significando função ou poder que se confere a alguém para fazer algo, encargo, incumbência, e do grego, “logia”, que significa estudo, conhecimento. (“MISSIOLOGIA - Instituto de Teologia Logos”). Portanto, pode definir-se Missiologia como a ciência que estuda os diferentes aspectos da missão que Deus deu ao homem. (Reis, 2007)

Segundo Carriker (2021, p. 20), a referência mais próxima do termo missão é associada ao verbo grego “apostellō”, traduzido pelas várias formas latinas como, por exemplo, mitter, missio, missões entre outros. O termo tem algo a ver com o enviar de Deus.

Contudo, nem sempre há consenso sobre o que se deve entender por missões. Segundo Chun K. Chung (2022), a definição de missão tornou-se uma tarefa complexa nos dias de hoje, devido à diversidade de opiniões e experiências pessoais. Além disso, a influência do missiólogo David J. Bosch (2002, p. 26), um dos mais importantes no meio acadêmico, acrescenta à indefinição, pois afirma que missão é algo que não se pode definir com precisão e que a única coisa que se possa fazer é elaborar algumas estimativas do que ela representa.

Esta dificuldade está ligada pelo fato de o termo “missão” não aparecer literalmente nas páginas da Bíblia, mas aparece de forma inferencial a partir dos textos bíblicos citados. Diferentemente dos termos encarnação de Jesus e Trindade que também não são palavras literais no texto bíblico, mas há um amplo consenso no meio cristão evangélico em relação aos seus respectivos campos de significados.

No entanto, o entendimento deste conceito é muito importante e necessário para a Igreja. Pois, como pode a Igreja ser o que deve ser e fazer o que deve fazer se não tiver uma compreensão clara acerca do seu propósito na sociedade e no mundo?

De acordo com Stott (2008), a definição de missão remete a uma atividade divina que surge diretamente da essência de Deus: é a tarefa que Ele delega para que seu povo realize no mundo. Para aqueles que creem na Bíblia, Deus é conhecido como o Deus Vivo que envia. Através das Escrituras, podemos perceber que Ele enviou profetas para Israel e enviou Seu próprio filho ao mundo. Este, por sua vez, enviou apóstolos e a Igreja. O Espírito Santo também é enviado para a Igreja. De forma resumida, podemos dizer que a missão da Igreja é fortemente influenciada pela missão de Deus. Portanto, a Igreja deve seguir Seus princípios e seguir Seu exemplo. (Stott, 2008, p. 21-22)

Christopher Wright (2012, p. 32) tem uma visão ampla sobre o conceito de missão, acreditando que ele abrange diversas atividades da Igreja que contribuem para a missão divina. Ele discorda da ideia de que a palavra “missão” esteja restrita

apenas ao envio de missionários para o evangelismo em outras culturas. A expressão "Se tudo é missão, logo, nada é missão" não é do seu agrado, pois ele considera que a missão é um conceito que permeia todas as áreas da vida da Igreja. Em sua opinião, seria mais coerente afirmar que "se tudo é missão, logo, tudo é missão", isso apenas reforça a amplitude do conceito e sua importância para a vida cristã.

Desde meados do século XX, diversas interpretações têm sido atribuídas ao conceito de "missão", variando em sua amplitude e especificidade. No contexto atual, quatro enfoques fundamentais se destacam como compreensões predominantes do termo.

A missio Dei

A expressão "Missio Dei" tem sua origem na perspectiva trinitária do Pai, Filho e Espírito Santo, como explica Deyong (2012 *apud* Lidório, 2021, p. 26), representa a concepção de que toda missão ou trabalho realizado por cristãos é interpretada como um auxílio à obra de Deus. O Pai planejou a redenção em amor e justiça, o Filho a concretizou através do seu sacrifício, e o Espírito Santo efetivou essa obra, convertendo e guardando os salvos. Com isso, a Igreja tem a responsabilidade e o privilégio de proclamar essa missão de Deus, realizada através das três pessoas da Trindade, a fim de fazer discípulos em todas as nações.

Essa expressão destaca que a missão cristã não é uma iniciativa humana, mas é originada e conduzida por Deus. Isso significa que os seres humanos são chamados a colaborar com Deus em sua obra, assumindo a responsabilidade de serem seus cooperadores. Dessa forma, a missio Dei implica em um chamado à ação e à participação ativa na obra de Deus no mundo.

A missio Dei é um termo teológico que destaca a ideia de que Deus é o principal agente missionário e iniciador da missão. A missão de Deus é a Sua obra redentora de reconciliar a humanidade consigo mesma, através de Jesus Cristo, e de restaurar todas as coisas conforme o Seu propósito. A participação dos seres humanos na missão de Deus é um convite gracioso e um privilégio.

A recomendação de Paulo a Timóteo ilustra esse conceito de colaboração com Deus na missão cristã. Paulo reconhece que Timóteo é um cooperador de Deus na pregação do Evangelho de Cristo, ou seja, ele é um colaborador de Deus em sua

obra de proclamar a mensagem do Evangelho. "Enviamos Timóteo, nosso irmão e cooperador de Deus na pregação do Evangelho de Cristo, para os fortalecer e animar na fé" (1Ts 3.2). Paulo menciona Timóteo como um "cooperador no Evangelho de Cristo". Embora essa passagem não mencione diretamente o conceito da *missio Dei*, podemos inferir que a cooperação de Timóteo na propagação do Evangelho está alinhada com a missão de Deus.

A obra de Timóteo, em parceria com Paulo, é uma expressão prática da participação humana na missão de Deus. Eles estão cumprindo a Grande Comissão dada por Jesus em Mateus 28.19-20, indo e fazendo discípulos de todas as nações. Através da proclamação do Evangelho, eles estão envolvidos na obra redentora de Deus, compartilhando a mensagem da salvação e do amor de Cristo.

Isso mostra também que a missão cristã não é uma tarefa individual, mas é uma obra que é realizada em colaboração com Deus e com outros cristãos. Keith Fernando (2008) destaca que o conceito de "*missio Dei*" vai além das discussões missiológicas e abrange tudo o que Deus realiza no mundo. Esta visão é compartilhada por Christopher Wright (2012), que compreende a missão como tudo o que Deus executa no mundo. Diante disso, é possível inferir que indivíduos que não são cristãos têm a capacidade de contribuir positivamente para a missão divina, mesmo que desconheçam essa ação. Dessa forma, indivíduos movidos por interesses humanistas podem, sem perceber, cooperar para o avanço da missão de Deus no mundo. (Wright, 2012, p. 32)

Consequentemente, esta abordagem limita o papel da Igreja, que já não é o único veículo humano para a missão *Dei*. Segundo Pickert (2017 *apud* Lidório, 2021), é inadequado generalizar a missão de Deus, supondo que restaurar todas as coisas em Cristo seja o propósito principal da Igreja. Aqueles que defendem essa concepção iguala as ações sociais e ambientais à pregação do Evangelho, o que prejudica o conceito teológico de *Missio Dei*. Kevin (2012 *apud* Lidório, 2021) esclarece que a missão da Igreja não é abrangente nesse sentido, mas focada na tarefa de fazer discípulos, conforme a comissão de Jesus Cristo (Mt 28,16-20).

O mandato cultural

Nesta segunda abordagem, a missão da Igreja é vista como uma extensão da obra de Jesus no mundo, a qual é desenvolvida pela Igreja como seu corpo visível e representante. Segundo Goheen (2014), a Igreja é a comunidade chamada por Deus para proclamar e viver o Evangelho, isto é, a mensagem do amor de Deus em Cristo, e para agir em nome de Jesus no mundo, de tal forma que as pessoas possam experimentar a graça salvadora de Deus em suas vidas.

Nesse sentido, segundo Keith Fernando (2008), a missão da Igreja envolve várias dimensões, tais como a evangelização, o discipulado, a formação de comunidades cristãs, o serviço aos pobres e oprimidos, a promoção da justiça e da paz, a contribuição para o desenvolvimento humano e social etc. Estas são todas expressões diferentes da mesma missão, que é participar da obra de Deus na reconciliação de todas as coisas em Cristo.

No entanto, é importante lembrar que a missão da Igreja não está limitada pelo que ela faz no mundo, mas é parte da missão maior de Deus para reconciliar todas as coisas consigo mesmo. Assim, a Igreja deve sempre agir com humildade e reconhecendo sua dependência total de Deus, sabendo que é Deus quem está trabalhando em e através dela para cumprir seus propósitos na história.

Enquanto a primeira abordagem enfatiza a vastidão da missão de Deus no mundo, a segunda abordagem destaca a responsabilidade da Igreja de participar ativamente na obra redentora de Deus através da proclamação do Evangelho de Jesus Cristo e da formação de discípulos em todas as nações.

Ação Social

Uma terceira perspectiva missionária reduz ainda mais a agenda ao que é conhecido como "ação social", além da proclamação e discipulado. Embora alguns argumentem que há pouca diferença entre as duas, o termo "ação social" tem um sentido mais restrito do que "tudo o que Deus envia seu povo a fazer". Embora seja difícil definir precisamente o que é ação social, segundo Keith Fernando (2008), refere-se principalmente a aliviar o sofrimento humano e eliminar injustiça, exploração e privações. É, portanto, uma abordagem corretiva e transformadora, o que não é necessariamente o caso de todas as ações dos cristãos para glorificar a Deus.

Ao longo dos séculos, a atividade missionária enfatizou que tudo o que os cristãos fazem no mundo deve ser feito para glorificar a Deus. Isso é implícito no pedido de Tiago, Pedro e João a Paulo para que ele continuasse a lembrar-se dos pobres, como ele queria fazer (Gl 2,10). No entanto, a questão é que a ação social não é a única forma de envolvimento missionário significativo em nosso mundo atual.

Certamente, a ação social é importante e necessária em muitas situações. Mas a missão de Deus é muito mais ampla e inclui a proclamação do Evangelho, o discipulado, a edificação da Igreja, a intercessão, a plantação de igrejas, entre outras formas de envolvimento.

Segundo Stott (2008, p. 26), a ação social pode ser uma porta de entrada para a proclamação do Evangelho em muitas culturas e situações. Através do cuidado e preocupação com as necessidades físicas das pessoas, podemos criar relacionamentos e oportunidades para compartilhar o amor e a mensagem de Jesus Cristo. No entanto, não podemos deixar que a ação social se torne o objetivo final da missão, mas sim um meio para alcançar o fim maior de levar as pessoas a um relacionamento com Jesus.

Portanto, é importante que a missão da Igreja seja ampla e inclua todas as formas de envolvimento, não apenas a ação social. Deve buscar-se a direção de Deus em cada situação e estar dispostos a fazer tudo o que Ele nos chamar a fazer para avançar o seu reino neste mundo.

Fazer discípulos de todas as nações

O quarto círculo enfatiza a importância de se concentrar na formação espiritual dos indivíduos para criar um relacionamento mais profundo com Deus e viver de acordo com Seus mandamentos.

Qual foi a comissão dada por Jesus ao seu povo? John Stott (2008, p. 23) afirma que, sem dúvida, a maioria das versões da Grande Comissão enfatiza a evangelização. Em Marcos, o mandamento é "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura", enquanto em Mateus a forma apresentada é "Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os [...]". Em Lucas, Cristo instrui seu povo a pregar o arrependimento e o perdão de pecados em seu nome e lhes dá poder para se tornarem testemunhas até os confins da terra. A ênfase parece

estar na pregação, testemunho e fazer discípulos - muitos inferem que a missão da Igreja é exclusivamente pregação, conversão e ensino, de acordo com a especificação do Senhor ressurreto.

Esse discipulado deve ser uma prática regular e contínua, em vez de uma simples técnica evangelística baseada no incentivo à tomada de decisões ou ao envolvimento. O termo preferido é "discipulado" ou "treinamento de discípulos", que reflete melhor o método de Jesus e Paulo para estabelecer e desenvolver a Igreja.

O discipulado implica um compromisso de longo prazo com os convertidos, acompanhando-os e orientando-os no seu crescimento espiritual. Isso envolve não apenas fornecer informações e ensinamentos, mas também modelos de vida e exemplos práticos de como viver de acordo com a vontade de Deus. É uma abordagem mais personalizada e individualizada do evangelismo, e requer uma atenção cuidadosa às necessidades e desafios específicos de cada discípulo.

Segundo Keith Fernando (2008), o mandato de fazer discípulos de todas as nações implica uma missão global, que transcende fronteiras geográficas, culturais e linguísticas. Isso requer uma abertura para aprender com outras culturas e tradições religiosas, e um respeito pelas diferenças que podem existir. A missão de fazer discípulos também exige uma abordagem contextualizada, que leva em consideração as necessidades e realidades sociais, políticas e econômicas de cada contexto em que se trabalha.

Em resumo, o mandato de fazer discípulos de todas as nações é um chamado para um compromisso de longo prazo com os convertidos, acompanhando-os e orientando-os no seu crescimento espiritual. É uma abordagem personalizada e contextualizada da missão, que busca levar as pessoas a uma relação profunda com Deus e a uma vida de obediência em todas as áreas da vida.

Missões urbanas

A Grande Comissão, mencionada nos Evangelhos, tem como alvo principal a glória de Deus, alcançar as pessoas de todas as nações (Mt 28,19; Lc 24, 45), toda criatura (Mc 16,15) e o mundo (Jo 17,18; 20, 21). No entanto, é evidente que, dependendo do tipo de assentamento humano, é possível identificar pessoas vivendo em ambientes tribais, rurais e urbanos.

Segundo Santana (2016, p. 20), cada um desses ambientes requer uma análise cuidadosa de sua cultura e da melhor forma de apresentar o Evangelho em cada contexto. Considerando que as cidades sempre tiveram e continuam tendo a maior concentração populacional, daí a necessidade de missões urbanas.

Tendo um conceito de missões de John Stott (2008, p. 21-22) em mente, podemos construir, portanto uma ideia do que vem a ser missões urbanas. Logo se entendermos que “Missão” é atividade divina que emerge da própria natureza de Deus. Podemos concluir que missões urbanas é a atividade de Deus nas cidades.

De acordo com Keller (2014), a missão urbana consiste em estabelecer igrejas que sejam centradas no Evangelho nas cidades e conectá-las em uma rede, de modo a beneficiar toda a comunidade urbana. É também um esforço para auxiliar os cristãos a vivenciar e a se envolver com a cultura de tal forma que o Evangelho possa ser aplicado e comunicado em todos os aspectos da vida na cidade. Dessa forma, as igrejas podem se tornar agentes de transformação e influência positiva na sociedade urbana.

Esta definição de Keller (2014) aborda a importância do papel das igrejas na missão de promover o bem-estar e a transformação na cidade. Através da conexão entre as igrejas, elas podem se tornar mais eficientes em suas ações e cooperar em projetos voltados para o desenvolvimento da comunidade. Além disso, a presença dos cristãos na cidade também é essencial para levar o Evangelho a todos os campos da vida urbana e influenciar positivamente a cultura local. Portanto, a missão urbana é uma grande oportunidade para as igrejas oferecerem soluções para os problemas da cidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

O mesmo autor afirma que o termo “cidade” tem sido empregado para definir o lugar, em termos do tamanho da população. Centros populacionais maiores são chamados de “cidades”, “cidades pequenas”, e os menores são “distritos, satélites, conjuntos, vilarejos, aldeias.

Qual, a ideia bíblica da cidade? Santana (2016, p. 13) aponta que no Antigo Testamento existem diversas palavras para descrever a cidade, sendo a mais comum “ir”. Essa palavra tem uma raiz que é encontrada em várias línguas semíticas e parece

não estar diretamente relacionada com a quantidade de pessoas que vivem no local, mas sim com a densidade e características intrínsecas da região.

Segundo Keller (2014, p. 162), qualquer assentamento humano que seja cercado por fortificações ou paredes pode ser considerado uma cidade, como pode ser percebido em passagens bíblicas como o Salmo 122.3. No entanto, é difícil fazer uma comparação entre o conceito de cidade antiga e as cidades modernas, assim como com outras formas de ajuntamentos em que as habitações estão próximas umas das outras.

No Antigo Testamento, a importância redentora da cidade estava na própria Jerusalém. Deus Chama as Nações Atraindo-os para ver sua glória (Sl 48, 2). O livro de Jonas apresenta uma reviravolta impressionante. Nenhum profeta antes dele havia sido enviado a uma cidade pagã com o propósito de alcançá-la com sua mensagem de arrependimento (Jn 4, 10-11).

Implicitamente observa-se missão urbana quando Israel é levado para o exílio na Babilônia. Em Jeremias 28-29, Deus estabelece a relação de Israel com esta cidade. Deus instrui os exilados a construírem casas, plantarem jardins e a servirem a cidade, buscando sua paz e prosperidade, além de orar por ela (Jr 29, 7). Eles deveriam viver não só para si mesmos, mas para abençoar a cidade e manifestar a glória de Deus.

Keller (2014, p. 166), afirma que os valores de uma cidade terrena diferem dos da cidade de Deus. Os cidadãos da cidade de Deus devem ser os mais engajados nas cidades terrenas em que vivem. Deus chamou os exilados judeus para servirem ao bem comum de uma cidade pagã. De mesmo modo, os exilados cristãos também devem se envolver nas cidades em que habitam, buscando o bem comum, em vez de se isolarem. Eles devem esperar que a sociedade que os cerca seja atraída por seu testemunho e serviço à cidade, com o propósito de promover a glória de Deus.

Já no Novo Testamento, a Igreja primitiva iniciou a missão redentora de Deus, que se expandiu rapidamente pelos grandes centros urbanos ao redor do mundo. Daí em diante, todas as cidades se tornaram prioridades a serem alcançadas.

Santana (2014, p. 26-34), apresenta algumas cidades específicas, Atenas, que era o centro intelectual do mundo greco-romano, conforme mencionado em Atos 17. Corinto, outro importante centro comercial do império, é mencionado em Atos 18.

Éfeso, possivelmente o centro religioso do mundo romano, com três templos dedicados à adoração do imperador, foi citado em Atos 19. Por fim, a capital do império, Roma, o centro político e militar do mundo, foi abordada no fim de Atos.

Diante disso, o desafio da Igreja é atender a esse crescente grupo de pessoas de multicultural urbana, suprindo as necessidades existenciais enquanto se torna uma espécie de família espiritual, oferecendo um Evangelho relevante e transformador.

Segundo Keller (2014, p. 200), a Igreja deve assumir uma postura transformadora na sociedade, atuando de forma ativa na vida urbana e buscando o bem-estar de todos os habitantes da cidade. "Procurai a paz da cidade para onde vos desterreis e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz" (Jr 29, 7).

Ele acredita que as missões urbanas abrangem três aspectos principais: o compromisso cultural, o compromisso de justiça social e o compromisso evangelístico. No primeiro aspecto, a Igreja deve buscar compreender a cultura local e se envolver com as questões enfrentadas pelos habitantes urbanos, evitando qualquer tipo de isolamento ou distanciamento da sociedade. Em relação ao compromisso de justiça social, Keller enfatiza a importância de a Igreja trabalhar pela transformação social, combatendo a pobreza, a desigualdade e outras formas de injustiça na comunidade. Por fim, no compromisso evangelístico, as missões urbanas têm como objetivo compartilhar a mensagem do Evangelho de forma relevante e contextualizada para a cultura urbana, buscando alcançar aqueles que ainda não conhecem a Cristo.

Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt 5, 13-16).

Essa passagem destaca o chamado dos cristãos para serem a luz do mundo e o sal da terra. Em um contexto urbano, a cidade é um lugar de influência e visibilidade. Os cristãos são chamados a viver de tal forma que sua presença e ações sejam visíveis, impactando positivamente a sociedade e visando a glória a Deus.

Enfim, pode-se dizer que as missões urbanas são fundamentais para o estabelecimento de igrejas saudáveis nas cidades, pois proporcionam aos

missionários uma compreensão plena das necessidades específicas do ambiente urbano, capacitando-os para lidar com a diversidade cultural, enfrentar os desafios sociais, influenciar a cultura e alcançar o crescente número de pessoas que habitam nessas áreas.

Missões transculturais

Missões transcultural é um tema de grande relevância no contexto cristão contemporâneo. Ela diz respeito ao chamado de Deus para que o seu povo leve o Evangelho a todas as nações, superando barreiras culturais e linguísticas. É um chamado que se origina no coração de Deus e que se estende a todos os que creem em Jesus como Salvador e Senhor.

No Antigo Testamento, a ideia de missão transcultural já estava presente. Desde Abraão, que foi chamado para ser uma bênção para todas as nações (Gn 12, 2-3), até a profecia de Isaías, que prevê um Messias que trará a salvação não apenas para os judeus, mas para todos os povos (Is 42, 6; 49, 6), Deus sempre demonstrou o seu desejo de que o seu povo se tornasse uma bênção para as nações.

Já no Novo Testamento, essa missão se concretizou com a vinda de Jesus ao mundo. Ele deixou claro que a sua mensagem não era apenas para os judeus, mas para todos os povos. Em Mateus 28.19, Ele ordena que seus discípulos "fazem discípulos de todas as nações". Em Lucas 24.47, Ele afirma que a pregação do Evangelho deve começar em Jerusalém e se estender até os confins da terra.

O apóstolo Paulo é um exemplo de alguém que se dedicou integralmente à missão transcultural. Ele se considerava um "apóstolo aos gentios" e via a sua vida como um chamado para levar o Evangelho aos que ainda não o conheciam (Romanos 15.20). Em 1 Coríntios 9.19-23, ele explica que se tornava "tudo para com todos", a fim de alcançar o máximo possível de pessoas com a mensagem de Jesus.

No entanto, antes de abordarmos o conceito de missões transculturais é importante entendermos o que é cultura e a contextualização do Evangelho. Michel Dario (2022, p. 384), afirma que "não podemos falar sobre missão transcultural sem pelo menos tentar entender o que é cultura". A cultura desempenha um papel fundamental no modo como as pessoas percebem, compreendem e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Segundo Keller (2014, p. 106), a cultura é um conjunto de valores, crenças, práticas e comportamentos que moldam a vida das pessoas em uma determinada sociedade ou comunidade. Ele argumenta que cada cultura tem suas próprias prioridades e maneiras distintas de enxergar o mundo e as relações humanas. A cultura influencia a forma como as pessoas interagem entre si e com o meio ambiente. Por isso, o autor enfatiza a importância de a igreja se envolver com a cultura ao seu redor, a fim de poder se conectar com as pessoas e comunicar a mensagem de Jesus de forma relevante e eficaz.

As diferenças culturais podem influenciar a forma como as pessoas se comunicam, tomam decisões, estabelecem relações interpessoais, expressam emoções e praticam suas crenças e tradições religiosas. Ao compreender a cultura de um povo, é possível entender melhor suas crenças e valores, o que permite uma comunicação mais efetiva e uma abordagem mais adequada em relação às questões culturais.

Soares (2022, p. 27-28), destaca que cultura se refere a um conjunto integrado de padrões de comportamento, crenças, valores, costumes, conhecimentos e artefatos que caracterizam um grupo ou sociedade específica. Soares enfatiza que a cultura é dinâmica e está em constante mudança, sendo influenciada por fatores históricos, sociais, econômicos e políticos.

No que se refere à contextualização, é interessante considerar as palavras de Keller (2014, p. 105), que destaca o fato de que contextualizar não é apenas dizer aquilo que as pessoas querem ouvir. Na verdade, tratar-se de oferecer respostas bíblicas para questões específicas da vida, ainda que estas respostas possam ser difíceis ou desconfortáveis para quem as recebe. O objetivo é apresentar essas informações de forma clara, em linguagem acessível e com argumentos que possam ser facilmente compreendidos e sentidos pelos ouvintes, mesmo que esses acabem por rejeitá-las no final.

Por outro lado, é importante entender o que é a contextualização saudável, conforme explicado por Keller (2014, p. 105). Nesse sentido, trata-se de adaptar o ministério e a mensagem do Evangelho à cultura em que se deseja pregar, sem comprometer a sua essência ou particularidades. A ideia é transmitir a mensagem do Evangelho de modo que seja compreendido e atraente para a nova cultura, sem

deixar de mencionar a verdade bíblica e suas implicações. Dessa forma, o Evangelho contextualizado deve ser claro e poderoso, mas também desafiador, confrontando o pecado e incentivando o arrependimento.

Para que a contextualização seja efetiva, é preciso estar atento à cultura em questão, adequando-se a ela sem subestimar ou superestimar sua importância. Somente assim será possível adaptar a mensagem de modo que ela faça contato com os ouvintes, mas também os confronte de forma transformadora. Quando todo esse processo é realizado corretamente, a contextualização pode trazer frutos positivos e transformadores para os indivíduos e para a cultura em que eles estão inseridos.

Como disciplina da Missiologia, a “Missão Transcultural” visa desenvolver um diálogo fundamentalmente bíblico, ao mesmo tempo aproveitar as descobertas de diversas áreas do conhecimento humano, como por exemplo, sociologia, antropologia, linguística. Michel Dario (2022, p. 384), define o conceito de missão transcultural como sendo a ação evangelizadora que ultrapassa as barreiras culturais e linguísticas para alcançar pessoas de diferentes contextos culturais e geográficos com o Evangelho de Jesus Cristo. Essa missão envolve o respeito à cultura e à identidade das pessoas a serem alcançadas, procurando compreender suas necessidades e anseios mais profundos, sem impor uma cultura ou visão de mundo estranhas a elas. A missão transcultural também pressupõe o aprendizado da língua e da cultura local, a fim de comunicar o Evangelho de forma compreensível e relevante para a realidade das pessoas.

Segundo Piper (2013, p. 20), o movimento de missões transcende barreiras culturais e tem como objetivo ensinar às pessoas a importância de valorizarem seu Criador. Para isso, é necessário transformar o coração das pessoas para que Deus seja exaltado acima de qualquer outra coisa criada, sejam astros esportivos, poder militar ou obras de arte. O esforço transcultural das missões é capaz de ajudar as pessoas a experimentarem Deus como o maior tesouro existente e, desse modo, tornarem-se beneficiadores da vida eterna. A busca para alcançar essa dádiva envolve a luta diária para conhecer e ter prazer em Deus durante toda a vida.

De acordo com Michel Dario (2022, p. 54), um indivíduo que é enviado para proclamar o Evangelho recebe a designação de ser um missionário. Todavia, é válido

ressaltar que, de certa forma, todos aqueles que creem no Evangelho são considerados missionários, embora existam pessoas que recebam um chamado específico para trabalhar em lugares determinados. Afinal, o propósito do missionário é ir para onde Deus o conduzir, levando a mensagem do Evangelho.

Segundo este autor, as missões nada mais são do que o trabalho de pregação do Evangelho de maneira intencional e direcionada. Com o objetivo de alcançar pessoas em seus contextos culturais e linguísticos, os missionários dedicam-se a aprender a língua e a cultura do lugar onde estão inseridos, a fim de transmitir a mensagem do Evangelho de forma clara, simples e compreensível aos seus interlocutores locais.

Ainda assim, a mensagem que eles compartilham sempre permanece a mesma, embora adaptações sejam realizadas à cultura local. Como mencionado na Bíblia,

tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns' (1 Co 9, 20-22).

É importante comunicar às nações que Deus é digno de louvor e que isso é agradável aos Seus olhos, conforme ensina Piper (2013, p. 21), sobre missões. Isso é possível ao mostrar-lhes que Cristo abriu caminho para os pecadores por meio de Seu sangue e justiça. Os missionários vão além do Salmo 117, que exorta todos os gentios a louvar ao SENHOR, pois também destacam o Salmo 147.1, que enfatiza a bondade e a amabilidade de Deus, assim como a importância de cantar louvores a Ele. Dessa forma, o convite para louvar ao Deus verdadeiro por meio de Seu Filho Jesus é um chamado rico em significado e essencial para as missões. Raph Winter e Bruce A. Koch (2009, p. 549) apresentam os tipos de Evangelização dentro do contexto de Missão Transcultural:

- Evangelização de nível 1: Quando um nativo evangeliza outro nativo de cultura idêntica.

- Evangelização de nível 2: Quando um nativo rompe uma barreira social, geográfica, linguística de língua irmã. Nesta etapa já se requer algum conhecimento técnico, não é uma tarefa tão fácil.
- Evangelização de nível 3: Quando se evangeliza uma língua e cultura totalmente estranha.

Os Campos de Evangelização nas esferas do contexto de “Missão Transcultural”:

- Cada cristão tem sua esfera E-1, na qual fala a própria língua e se utiliza de toda a intuição derivada da experiência na própria cultura.
- Quase todos nós, temos uma esfera E-2 — grupos de pessoas que falam idiomas um pouco diferentes ou cujos padrões de cultura são razoavelmente distintos dos nossos, tornando a comunicação mais difícil.
- Cada um dos envolvidos com evangelismo tem uma esfera E-3. A maioria das línguas e culturas do mundo são estranhas para nós, estão a uma distância cultural enorme. Para realizar o evangelismo E-3, temos um longo caminho a percorrer.

Logo o padrão básico para propagar o movimento cristão é que haja, em primeiro lugar, esforços E-2 e E-3 para transpor barreiras culturais, alcançar novas comunidades e estabelecer denominações fortes, ativas e evangelisticamente vigorosas e para que essa igreja nacional, então, cumpra a tarefa E-1 de maneira eficaz. “...e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1, 8).

Outra passagem é a de Marcos, “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). Em ambas as passagens Jesus deixa claro que na evangelização o problema da distância não é só geográfico, mas também, cultural. Percebemos isso pelo uso da expressão “Samaria”.

Jerusalém e Judeia são evangelismo E-1”, pois a única barreira que seus ouvintes tinham de transpor em seus esforços evangelísticos era a fronteira entre a comunidade cristã e o mundo imediatamente externo. Isso é evangelismo “de

vizinhança”. A segunda esfera a qual Jesus se referiu foi a dos samaritanos. A narrativa bíblica indica que, embora fosse relativamente fácil para Jesus e seus discípulos serem entendidos pelos samaritanos.

Os judeus e os samaritanos estavam divididos por uma fronteira que consistia em dialetos distintos e outras diferenças culturais bem significativas. Isso era evangelismo E-2, porque envolvia cruzar uma segunda fronteira.

O evangelismo E-3, no sentido em que temos usado a expressão, envolve distâncias culturais maiores. É o tipo de evangelismo necessário na terceira esfera da declaração de Jesus, “até os confins da terra”. As pessoas que precisam ser alcançadas nessa esfera vivem, trabalham, ralam e pensam em línguas e padrões culturais totalmente diversos daqueles em que o evangelista foi criado.

Em suma, missões transculturais são fundamentais na obra missionária. Elas implicam em um encontro entre culturas diferentes, e exigem do missionário uma postura ética e culturalmente sensível para que a mensagem do Evangelho seja transmitida de forma adequada e compreensível para o povo que está sendo alcançado.

A cultura é um elemento-chave a ser considerado e compreendido durante a missão transcultural. Isso porque a cultura molda a forma como as pessoas compreendem o mundo e o sentido de suas práticas. É essencial que o missionário esteja disposto a aprender sobre a cultura local e descobrir maneiras respeitadas e contextualizadas de transmitir a mensagem de Jesus.

Por fim, com a contextualização, torna-se possível comunicar o Evangelho de uma forma que respeite e entenda a cultura local, e assim, a mensagem pode ser mais bem compreendida e abraçada por aqueles a quem se deseja alcançar. A contextualização significa utilizar as formas e linguagens culturais para transmitir o Evangelho de forma clara e adequada para o povo local.

Portanto, a importância da compreensão da cultura, da contextualização e do engajamento sensível com as comunidades em que se atua são cruciais na obra missionária. Somente assim, podemos ser agentes transformadores na vida das pessoas, por meio da palavra de Deus. A missão transcultural é, portanto, um investimento valioso na construção do reino de Deus e na transformação de comunidades ao redor do mundo.

Considerações finais

Missão nasceu no coração de Deus. A expressão "Missio Dei" foi adotada pelos teólogos e missiólogos na segunda metade do século XX para descrever que a missão não é algo que pertence exclusivamente à Igreja, mas à própria natureza divina. Isso é evidente em Jesus, quando Ele ressuscitado disse aos seus discípulos em João 20.21 que assim como foi enviado pelo Pai, Ele envia a Igreja. Dessa forma, a Igreja participa da missão divina junto com Pai, Filho e Espírito Santo.

Missão é a expressão de amor de Deus ao mundo. Este amor é demonstrado em João 3.16, onde Ele deu Seu Filho para que nós pudéssemos fazer parte de Sua família. Essa graça deve motivar a Igreja a amar o próximo de forma prática e compartilhar com eles a mensagem da salvação. A Igreja deve ser um reflexo da manifestação amorosa de Deus neste mundo.

A missão da Igreja é impulsionada pela presença do Espírito Santo em sua vida. Ele é quem nos impulsiona a testemunhar a Cristo em todo o mundo, como mostra o exemplo da Igreja em Atos. E como aguardamos a volta de Jesus, a proclamação do Evangelho em todas as nações é fundamental para cumprir a vontade de Deus e garantir que Apocalipse 7.9 seja cumprido.

Missão tem como propósito promover a glória de Deus. A adoração e a missão caminham juntas na Bíblia, pois é na adoração que os povos conhecem a Deus e sujeitam-se a Ele em obediência e louvor. Missões revelam a glória de Deus ao mundo, mas o alvo fundamental da Igreja é a adoração. Quando todos os povos adorarem a Deus, a glória Dele se estenderá por toda a terra e a missão não será mais necessária.

Enquanto isso não acontece e o Senhor não voltar, a Igreja deve continuar a se engajar na obra missionária, proclamando a salvação em Jesus e ensinando as nações a adorá-Lo. Quando a glória de Deus é conhecida em todas as partes, Sua criação será redimida e Sua vontade será feita na Terra como é no céu.

Referências

BOSCH, David J. Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

CARRIKER, Timóteo. O propósito de Deus e a nossa vocação: uma Teologia bíblica de Missão toda. Viçosa: Ultimato, 2021.

CHUNG, Chun K. Simplifique: uma resposta ao artigo “As cinco marcas da missão”, de Chris Wright. Centro de Reflexão Missiológica Martureo. 2022. Disponível em: https://www.martureo.com.br/simplifique-uma-resposta-ao-artigo-as-cinco-marcas-da-missao-de-chris-wright/#_ftn6. Acesso em: 10 maio 2023.

DARIO, Michel. Missões: Missão centrípeta e centrífuga. Rio de Janeiro: Ed. Bibliomundi, 2022.

FERDINANDO, Keith. Mission: A Problem of definition. Themelios, v. 33, n. 1, p. 46-59, 2008.

GOHEEN, W. Michael. A igreja Missional na Bíblia: Luz para as Nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. Teologia, Piedade e Missão. São Paulo: Heziom, 2021.

KELLER, Timothy. Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014

PIPER, John. Evangelização e Missão. São José dos Campos, SP: Ed. Fiel, 2013.

REIS, Gildásio Jesus B. dos. Missiologia. 2007. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/48821471/missiologia?utm_medium=social&utm_source=whatsapp&utm_content=file. Acesso em: 9 maio 2023.

SANTANA, Robson R. Missão urbana: fundamentos, desafios e implicações. *S.l.: Ebook*, 2016.

SOARES, Marcelo Reis. Missiologia para todos: Da missão antropológica para missão urbana, 2022.

STOTT, John R. W. A missão cristã no mundo. São Paulo: Editora Candeia, 2008.

WINTER, Ralph D.; KOCH, Bruce A. Completando a Tarefa. *In*: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. Perspectivas no Movimento Cristão Mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 547-560.

WRIGHT, Christopher J. H. A Missão do Povo de Deus. São Paulo: Vida Nova; João Pessoa: Betel, 2012.

NOSSA MISSÃO: IMPORTA SEMEAR!

Our Mission: It's Important to Sow!

Nuestra Misión: ¡Es Importante Sembrar!

Carlos Castro¹
AMIDE

RESUMO

O presente relato de atuação missionária compartilha registro dos momentos iniciais do projeto da horta agroecológica. Esse projeto surgiu em 2016 em atendimento a uma solicitação da presidente da AMIDE, missionária Ana Maria Costa, foi cunhado com finalidade didático-pedagógica para os alunos do Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM, órgão filiado à AMIDE. Apresenta registros fotográficos e alguns dos resultados alcançados para a honra e a glória de Deus.

Palavras-chave: Horta Agroecológica; missões; Amide.

ABSTRACT

This missionary activity report shares a record of the initial moments of the agroecological garden project. This project emerged in 2016, in response to a request from the president of AMIDE, the missionary Ana Maria Costa, was coined with didactic-pedagogical purposes for students at CEAM – Center for Advanced Studies in Missions, a body affiliated with AMIDE. It presents photographic records and some of the results achieved for the honor and glory of God.

Keywords: Agroecological Garden; missions; Amide.

RESUMEN

Este informe de actividad misionera comparte un registro de los momentos iniciales del proyecto de huerta agroecológica. Este proyecto surgió en 2016 atendiendo a un pedido de la presidenta de AMIDE, la misionera Ana María Costa, con fines didáctico-pedagógicos para estudiantes del CEAM – Centro de Estudios Avanzados en Misiones, organismo afiliado a AMIDE. Presenta registros fotográficos y algunos de los resultados alcanzados para la honra y gloria de Dios.

Palabras clave: Huerto Agroecológico; misiones; Amide.

¹ Doutor e Pós-Doutor em melhoramento de plantas, Fitopatologia, Engenharia Genética e Biologia Molecular. Graduado em Engenharia Agrônoma; pós-graduação a nível de mestrado, Pesquisador da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária–, por 35 anos e, atualmente, consultor do SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural em Agricultura Familiar; bem como orientador voluntário na AMIDE-DF para a produção de Hortaliças no sistema Orgânico. E-mail:

Introdução

“Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas.” Eclesiastes 11:6

Em 1984 precisamente em uma cidade do sul do Rio Grande do Sul fazia muito frio, tempo chuvoso, era uma daquelas noites de inverno gaúcho. Dentro de meu carro, eu e outro jovem, com quem frequentemente eu partilhava atividades da obra de Deus, conversávamos sobre perspectivas de trabalho na vida particular de cada um de nós. E esse jovem veio a compartilhar comigo uma dificuldade e uma necessidade que estava vivendo naqueles dias.

Ele desejava participar de um curso preparatório para obreiros. Seus familiares não tinham condições para bancar o curso nem estavam muito a favor de ele agora fazer um curso numa instituição evangélica. Ele já havia estudado e se formado para padre e renunciado à batina; porém, agora, tinha em seu coração um forte desejo de preparar-se para a obra de evangelização. Disse-me ele: “Carlos, o Curso começa na semana que vem e eu ainda não fiz minha inscrição e também é preciso dar um sinal para a primeira mensalidade (...) e eu não tenho como efetuar esse pagamento”.

A seguir, ali mesmo, fizemos uma oração para Deus orientar os seus passos numa tomada de decisão; e enquanto orávamos Deus tocou em meu coração para ajudá-lo. Com uma decisão gerada pelo Espírito Santo, preenchi e passei para ele dois cheques: um para a inscrição e outro para pagar a primeira mensalidade do curso preparatório de obreiros.

Esse jovem, completou o curso desejado, trabalhou como colportor² de literatura cristã, para manter-se financeiramente, e foi, posteriormente, consagrado a pastor; atuou em diversas igrejas no Brasil, casou-se com Sirlene, brilhante cooperadora na obra de Deus, a qual veio a gerar-lhe dois filhos - hoje tem até neto.

Esse irmão e amigo, por nome Bruno Câmera, tornou-se um atuante missionário da Missão BETANIA na África e na Ásia. Por mais de dezenove anos, com a família, trabalhou no Senegal e, posteriormente, quatro anos na Índia. Ele é hoje um dos líderes nacionais da Missão BETÂNIA sediada em Jaguariúna, São Paulo.

²Colportor é uma pessoa que atua como vendedor de porta em porta.

Esse testemunho me foi trazido à memória, recentemente, pelo próprio Bruno que, enquanto participava de um Seminário em Campinas (SP) dirigido pelo Pr. Ebenezer Bittencourt, foi solicitado a fornecer uma lista de pessoas que impactaram sua vida e seu ministério. Bruno incluiu o meu nome em sua lista.

Imagem 1 – Bruno e família



Fonte: Arquivo do autor

Extraí do áudio que ele me enviou: “Você foi quem me ajudou a dar os primeiros passos na minha vida missionária; (...) você me ajudou a definir o rumo da minha vida como um servo de Deus.”

Curiosamente, seu filho ‘Bruninho’ cooperou no primeiro ano (2017) de instalação da horta agroecológica da AMIDE – Associação Missionária para Difusão do Evangelho, em Brasília, nas imediações da cidade de Itapuã, DF. É interessante perceber como Deus dirige a Obra de Missões. Essa horta agroecológica surgiu em 2016 como atendimento a uma solicitação da irmã Ana Maria Costa – Presidente da AMIDE –, que teria uma finalidade didático-pedagógica para os alunos do Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM, órgão filiado à AMIDE.

Na realidade, há 16 anos venho me dedicando à produção agroecológica de morango com finalidade missionária, mas, somente nos últimos 7 anos é que venho prestando um trabalho voluntário de orientação e consultoria à Horta da AMIDE. Depois de ser consultado pela irmã Ana Maria e, após pedir direção para Deus, fui impulsionado a prestar esse trabalho missionário sem fins lucrativos. Claro que eu sabia, antecipadamente, que haveria um árduo trabalho pela frente envolvendo: planejamento, treinamento, orientação, além de muito trabalho dedicado, feito à base de orações. O planejamento em 2016 incluiu definição de objetivos e metas além de:

- divisão da área física;
- edificações - galpão, instalações hidráulicas/ elétricas/saneamento básico;
- construção de estufas com sistema de irrigação automática, instalação de canteiros; e
- aquisição de equipamentos e materiais.

Imagem 2 – fase inicial de instalações da horta missionária da AMIDE



Fonte: Arquivo do Autor

Seguiu-se a execução das instalações. Para isso, várias pessoas e entidades contribuíram, graças a Deus. A seguir, seria indispensável o treinamento, isto é, a capacitação de pessoas para realizarem a ampla variedade de trabalhos da horta:

- capina;
- implantação de canteiros;
- compostagem;
- biofertilizantes;
- plantio de mudas de morango importadas;
- fertirrigações;
- preparo e aplicação de soluções às plantas.

Para isso, realizamos no primeiro ano, seis meses de treinamento em um Curso Intensivo sobre Agricultura Ecológica para os alunos do CEAM. Estes se

comprometeram a participar da realização de tarefas essenciais da Horta. A realização dos trabalhos sob minha orientação prossegue.

Imagem 3 – Primeiras colheitas em 2017 na horta missionária realizadas por ‘Bruninho’ e pela missionária Cristiane, ela, hoje na Namíbia



Fonte: Arquivo do Autor

Além de culturas de subsistência, por exemplo, mandioca, milho, batata-doce, feijão, optamos pelo cultivo protegido de morango com cerca de 7.500 mudas de morango em três estufas, o qual nos rende duas colheitas semanais de janeiro a dezembro, ininterruptamente.

Imagem 4 – Registros da horta missionária



Fonte: Arquivo do editor

Imagem 5 – Cultivo e manutenção da Horta Ecológica



Fonte: Arquivo do editor

Graças a Deus, os investimentos estão trazendo resultados positivos e as produções oscilam, dependendo da época do ano, entre 25 e 35 caixas semanais. Dentre os objetivos alcançados na horta missionária da AMIDE, destacam-se:

- a implantação do sistema orgânico de produção de hortaliças;
- o treinamento de estudantes vocacionados para o campo missionário;
- a elaboração de insumos (húmus de minhoca, substratos para viveiros, biofertilizantes) de uso direto para a produção de mudas, hortícolas, plantas medicinais e morango;
- além da geração de recursos financeiros que cobrem despesas com custeio e mão de obra, o remanescente tem sido direcionado para a obra missionária.

Portanto, “Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas.” Eclesiastes 11:6, lembrando do mais importante de tudo: Toda a glória, honra e louvor pertencem ao Nosso Deus!

MISSIOLOGIA, MISSÕES E O PAPEL DA IGREJA NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Missiology, Missions, and the role of the Church in Liquid Modernity

Misiología, Misiones y el Papel de la Iglesia en la Modernidad Líquida

Carlos Go Tchami¹

Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM

Alessandro Borges Tatagiba²
AMIDE

RESUMO

Este artigo tem por objetivo colocar em discussão algumas das abordagens teóricas na área de Missiologia e missões em relação ao papel da igreja na atualidade. Com essa finalidade, este trabalho trata da seguinte questão: como os estudos teóricos sobre o tema Missiologia e missões podem contribuir para a compreensão do papel da igreja na atualidade? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em que foi utilizada a seleção e o registro das contribuições teóricas ao encontro da questão proposta para este artigo. As fontes utilizadas constituem-se da Bíblia, de livros, periódicos científicos e artigos, disponíveis em meio físico e digital. Dentre os resultados alcançados, o trabalho conclui que a Missiologia pode compreender o papel da igreja na atualidade como relevante e significativo à medida que estiver fundamentado na Bíblia. Caso contrário, tenderá a assumir papéis de uma empresa secular com roupagem religiosa que desenha um Jesus moldado segundo anseios individuais ou para atender aos apelos institucionais de uma modernidade líquida e em crescente processo de individualização conforme preconizado pela globalização. Sem esgotar a questão aqui levantada, o presente trabalho abre caminhos para mais estudos e pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Missiologia; missões; papel da igreja.

¹ Mestrando em Missiologia do Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM da AMIDE. Bacharel em Missiologia e Ministério Pastoral – CEAM/AMIDE. Capelão do CEAM. Realizou cursos como Treinamento e discipulado – ETED JOCUM. É Pastor e Missionário da Missão AMIDE desde 2010. Casado com a Sima e pai de Gabriel, Rafael e a Letícia.

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Mestre em Gestão e Avaliação Educacional pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Mestre em Linguística pela UnB. Pós-Graduado pelo Departamento de Educação da Universidade de Tsukuba – Japão, como bolsista do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia – MEXT. Graduado em Letras e suas Respectivas Literaturas pela UnB. Graduado em Pedagogia pela UnB e pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Pesquisador-Tecnologista em Informações e Avaliações Educacionais – Inep/MEC. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Consultor em educação e avaliação educacional. Trabalhou como Coordenador de Relações Internacionais no Japão – Ministry of Foreign Affairs e como Assessor de Relações Internacionais do Inep/MEC. Membro do Grupo de Pesquisa Sistemática, Ambientes e Linguagens – SAL da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; membro do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário – Nelim da Universidade Federal de Goiás – UFG; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecolinguística – GEPLÉ da UnB. Missionário da Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss some of the theoretical approaches in the area of Missiology and missions in relation to the role of the church today. To do so, this work poses the following question: how theoretical studies on the subject of Missiology and missions can contribute to understanding the role of the church today? The methodology used was bibliographical research in which the selection and recording of theoretical contributions to the question proposed for this article was used. The sources used were the Bible, books, scientific journals, and articles, available in physical and digital media. Among the results achieved, the work concludes that Missiology can understand the role of the church today as relevant and significant to the extent that it is grounded in the Bible. Otherwise, it will tend to take on the role of a secular business company wearing religious clothes that draws a Jesus shaped according to individual desires or to meet the institutional appeals of a liquid modernity in a growing process of individualization as advocated by globalization. Far from closing the issue raised here, the present work opens the way for further studies and researches on the subject.

Keywords: Missiology; missions; role of the church.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es debatir algunos de los enfoques teóricos en el ámbito de la Misionología y las misiones en relación con el papel de la iglesia hoy. Para ello, este trabajo aborda la siguiente pregunta: ¿cómo pueden contribuir los estudios teóricos sobre el tema de la Misionología y las misiones a la comprensión del papel de la iglesia hoy? La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica en la que se utilizó la selección y registro de aportes teóricos a la pregunta propuesta para este artículo. Las fuentes utilizadas son la Biblia, libros, revistas científicas y artículos, disponibles en medios físicos y digitales. Entre los resultados alcanzados, el trabajo concluye que la Misionología puede entender el papel de la iglesia hoy como relevante y significativo en la medida en que se fundamente en la Biblia. De lo contrario, tenderá a asumir el papel de una empresa secular con ropaje religioso que dibuja un Jesús moldeado según los deseos individuales o a satisfacer los llamamientos institucionales de una modernidad líquida en un proceso creciente de individualización propugnado por la globalización. Sin agotar la cuestión aquí planteada, este trabajo abre vías para nuevos estudios e investigaciones sobre el tema.

Palabras clave: Misionología; misiones; papel de la iglesia.

Introdução

Este artigo investiga como os estudos teóricos sobre o tema Missiologia e missões podem contribuir para a compreensão do papel da igreja na atualidade. Para esse fim, inicialmente tecemos algumas considerações sobre o contexto em que situamos o trabalho.

O mundo dito globalizado e compreendido pelas lentes da modernidade líquida (Bauman, 2001; 2007) ainda não se deu conta dos recentes impactos que a tecnologia da inteligência artificial generativa já estão acarretando neste ano de 2023. Em meio a tantas turbulências, guerras e impactos climáticos, esse é um dos impactos que marcam o corrente ano. O uso aberto e livre, por empresas e pessoas físicas, da inteligência artificial generativa começou a provocar mudanças no modo

de viver, trabalhar e lidar com as informações, o que pode acentuar ainda mais o processo de individualização (Bauman, 2005; 2001). Esses acontecimentos estão inseridos no que hoje conhecemos como globalização em meio ao crescente processo de produção, circulação e consumos de informações (Bourdieu, 1993, 2001) orientadas para a individualização.

Destacamos que esse processo é marcado por aquilo que Thompson chama de quase interações mediadas, ou seja, eventos monológicos, “com separação dos contextos e disponibilidade estendida no tempo e no espaço, contudo, com limitação das possibilidades de deixas simbólicas” (Thompson, 2004, p. 78-81). Como consequência, não podemos negligenciar o alerta dado por Eriksen (2001) apud Bauman (2007):

“Em vez de um conhecimento organizado em fileiras ordenadas, a sociedade de informação oferece cascatas de signos descontextualizados conectados uns aos outros de maneira mais ou menos aleatória. [...] Apresentado de outra maneira, quando volumes crescentes de informação são distribuídos a uma velocidade cada vez maior, torna-se mais difícil criar narrativas, ordens, sequências de desenvolvimento.” (Eriksen, 2001 Apud Bauman 2007, p. 57)

As citadas cascatas de informações necessitam de um crescente número de consumidores, com avidez para consumir vigorosas sensações e novas experiências, em intenso movimento de experimentação de identidades (Bauman, 1998). Isso pode explicar a volatilidade dos papéis sociais no que esse autor chama de modernidade líquida.

Considerando esse contexto aqui apresentado de maneira breve, apenas para situar o ponto de partida das reflexões, será que a Missiologia deverá repensar o papel da igreja para atender aos anseios da modernidade líquida marcada tanto pela individualização como pela globalização?

Acreditamos que não porque atender a esses apelos significa que a igreja deixará de ser igreja, para se tornar outra coisa, menos a igreja de Cristo. Nesse sentido, Araújo (2001) pontua que, a menos que revisemos nossa eclesiologia e restabeleçamos os seus fundamentos bíblicos e sua linguagem conceitual, não poderemos julgar as tendências que nos cercam, de forma que as igrejas poderão se tornar, na realidade, nada mais que um dos muitos subelementos influenciado pela globalização (Araújo, 2001). Essa contextualização, grosso modo, talvez explique em parte porque Infelizmente o papel de algumas igrejas se distancia das bases do

Evangelho, para, em alguns momentos ou situações, representar o papel de uma versão religiosa de empresas seculares, competindo com clientes melhorando o marketing do produto cristão (Araújo, 2001).

Considerando o exposto, é necessário buscar em conceitos e fundamentos teóricos sobre Missiologia e missões perspectivas teóricas que nos possibilitem compreender a questão que norteia este artigo: como os estudos teóricos sobre Missiologia e missões podem contribuir para a compreensão do papel da igreja na atualidade? Para tal, a seção a seguir os principais conceitos que mobilizamos acerca da área de nosso interesse de estudos e pesquisas: Missiologia e missões. Dado os limites estruturais da comunicação científica em um artigo acadêmico, tais conceitos servem, de forma exemplificativa, para situar a fundamentação teórica mobilizada neste trabalho.

Missiologia e Missões

Como área de interesse acadêmico, a Missiologia, conforme González e Orlandi (2010), é a disciplina que estuda, de forma sistemática e coerente, tudo o que for relacionado à missão de Deus e da comunidade da fé. Este autor afirma que se trata de uma disciplina ampla que se desenvolve em diálogo com a Antropologia, a Economia, a História, a História das Religiões, a Teologia Sistemática e muitas outras disciplinas. Orlandi (2010)

A Missiologia, como um ramo da Teologia cristã, não possui um empreendimento desinteressado ou neutro (Bosch, 2002), pois, segundo o autor, essa área de estudos acadêmicos procura analisar o mundo a partir da perspectiva do compromisso com a fé cristã. Nesse sentido, a atividade missionária é confessional e busca, conforme Bosch (2002), o propósito de Deus ao anunciar sua vontade redentora, por meio de Jesus Cristo, a todos os povos, línguas e nações. A afirmação desse autor vai ao encontro da leitura combinada de Mateus 28:19-20 e João 3: 16 e Isaías 61, apenas para citar algumas das passagens bíblicas.

A partir dessa premissa encontrada em Bosch (2002) e nas citadas passagens bíblicas, a Missiologia possui o desafio de, nas sociedades contemporâneas, refletir sobre o papel da igreja tendo em vista o propósito de Deus que ofereceu a salvação

por meio da morte vicária do seu único filho, Jesus Cristo, na cruz. Ao encontro desse entendimento, Lidório (2006) afirma que a Missiologia dirige os teólogos para o plano redentivo de Deus e os ajuda a ler as escrituras sob o pressuposto de que há um propósito para existência da igreja.

Quando autores da área de estudos sobre Missiologia tratam a respeito de missões, é possível verificar que há um vasto campo de estudos e pesquisas a serem realizadas. De acordo com González e Orlandi (2010), o termo missões refere-se à atividade do povo de Deus na comunicação do Evangelho. Essa comunicação do Evangelho para Paulo possui como significado a mensagem da cruz de Cristo quando afirma: “Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho, não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada.” 1 Coríntios 1:17. Nesse sentido, o estudioso Bosch (2002) afirma que a missão cristã dá significado ao relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo, particularmente à maneira como ele foi retratado, primeiro, na história do pacto, Israel, e então, de modo supremo, no nascimento, vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus de Nazaré. Por consequência, missões devem refletir a atividade de Deus no mundo, sendo a sabedoria de Deus a protagonista da missão.

Do ponto de vista etimológico, para o autor Lopes (2015, p. 19-20), “missão vem do latim “mission” de “missus”, particípio passado de “mittere”, ou seja, despachar, expedir, enviar, lançar”. Esse verbo é frequentemente traduzido em latim com o verbo “mittere”, e é desta palavra que deriva em português missão ou missões. Em grego, a palavra ἀπόστολος (apóstolos) tem o significado de enviado, mensageiro, embaixador. Segundo o referido autor, historicamente, o termo missões foi empregado pela primeira vez pelos Jesuítas, com o desafio de difusão da fé cristã entre pessoas que não conheciam o Evangelho, ademais os Jesuítas eram padres da igreja católica que faziam parte da Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa foi fundada em 1534 por Inácio de Loiola, completa Lopes (2015).

Embora o termo missões não apareça literalmente na Bíblia, esse verbete pode ser inferido em diferentes passagens bíblicas como em “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” (Marcos 16:15). Além do grande comissionamento dado por Jesus Cristo, encontramos pressupostos e fundamentos para o entendimento atual de missões a partir das palavras de Paulo dirigidas a

Timóteo: “Você, porém, seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério.” (2 Timóteo 4:5). Esse entendimento vai ao encontro dos textos bíblicos em Mateus 28. 18-20; Marcos 13. 10; Lucas 19. 10; João. 3. 16; Atos 1. 8; Romanos 1. 16 e 10. 13-15.

Por sua vez, Wright (2012) afirma que a missão surge do coração do próprio Deus e é transmitida de seu coração para o nosso, cujo alcance é global para um povo global que pertence ao Deus global. Wright (2012) expressa repetidamente o termo global para, no nosso entender, destacar a universalidade da mensagem do Evangelho. Deus, em seu amor soberano, propõe transformar o mundo pecaminoso da sua criação decaída em mundo redimido de sua nova criação, sendo assim entendida a missão de Deus como a que estende sobre a lacuna entre a maldição sobre a terra de Gênesis 3 e o fim da maldição na nova criação de Apocalipse 22, conclui Wright (2012). Em outro trecho, o autor cita Lutero expressamente para lembrar que Evangelho tem "a finalidade de chegar ao mundo inteiro", isto é, Deus quer que o Evangelho percorra o mundo Lutero apud Wright (2012). Essa afirmação possui como fundamento bíblico a passagem descrita por Mateus na Bíblia:

Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a obedecer a tudo quanto vos tenho ordenado. E assim, Eu estarei permanentemente convosco, até o fim dos tempos. (Mt. 28. 19-20)

As palavras de Jesus com respeito à grande comissão não são ditos relegados ao passado, embora tão bem documentado; porém, são mais atuais que notícias de hoje e cabe à igreja cumprir esse propósito. Para tal, Lidório apud Lopes (2015) afirma que as missões são um movimento de Deus, que revela para nós quatro pontos importantes:

primeiro, o sacrifício do Cordeiro; segundo, o poder do Espírito Santo derramado sobre a igreja em Atos, o qual a capacita a comunicar esta palavra revelada; terceiro, o amor do Pai, que, a cada dia, tenta nos dizer que uma alma vale mais que o mundo inteiro; e quarto, a ação da igreja como comunidade propagadora desta mensagem que salva todo aquele que crê (Lidório apud Lopes, 2015, p, 20-21).

Lopes (2015) afirma que missões é a efetivação histórica da salvação de Deus obtida em nome de toda humanidade por meio de Cristo Jesus devido à sua encarnação, morte e ressurreição. Ele oferece o perdão dos pecados, em uma nova

e dinâmica de vida para todos os que acreditam nele como eterno filho de Deus e Salvador da humanidade.

Nesse sentido, Lopes (2015) ainda destaca que missões é a realização prática da obra do Espírito Santo neste mundo em nome do eterno propósito e aplicação efetiva da salvação, obtida por meio de Cristo Jesus nas vidas de inúmeros indivíduos, tribos, povos e famílias. Dessa forma, missões estão relacionadas ao Deus trino e uno. Coadunamos igualmente com o entendimento de Lopes (2015) para quem missões é edificar pessoas para serem templos vivos do Espírito Santo. Este foi enviado por Deus para convencer as pessoas do pecado, justiça e juízo. Jesus está comissionando missionários para proclamar as grandezas do Reino de Deus em todas as nações, com direção de Deus no poder do Espírito Santo. Esta ordem de Jesus não pode ignorada.

Tradicionalmente, esse termo “missões” criou uma imagem de um movimento unidirecional do mundo cristão ao mundo não-cristão. Por muito tempo, as missões associavam-se a uma prática missionária eclesiocêntrica, na qual a igreja era protagonista da missão. Em nosso trabalho, missões refere-se a estender a fé cristã, mesmo em lugares onde a fé já existe. As missões são o que a igreja tem feito na atividade de estender a fé fora e dentro das fronteiras onde ela mesmo está arraigada. (González; Orlandi, 2010)

Segundo Lopes (2015), missão é também levar a mensagem do Evangelho atravessando uma barreira cultural. É a proclamação das Boas Novas a todos os povos em todas as partes do mundo. Essa mensagem é proclamada na língua materna de cada pessoa e dentro da cultura em que ela vive. Nesse sentido, Lopes (2015) afirma que missões é o envio, pela igreja local, de pessoas autorizadas para proclamar o Evangelho de Cristo, visando ganhar os perdidos para Jesus, estabelecendo igrejas locais comprometidas com sua palavra, para que se multipliquem.

Entendemos que missão transcultural, conforme a palavra por si só revela, mostra que estamos atravessando fronteiras culturais, linguísticas, geográficas, familiares. É importante salientar que missão transcultural não significa mudar a cultura de outro povo ou nação, mas levar a mensagem de amor e esperança do Evangelho de Jesus aos corações de todas as pessoas sem qualquer discriminação.

Com esse mesmo propósito, por sua vez, missões urbanas são aquelas que se realizam dentro do mesmo contexto do missionário. Esse entendimento vai ao encontro dos seguintes autores.

Por exemplo, todo o esforço missionário da igreja guineense no sentido de levar o Evangelho a Guiné-Bissau pode ser considerada como missões nacionais e, ao mesmo tempo, como transculturais, tendo em vista o fato de existirem muitas culturas dentro das fronteiras do próprio país. Além disso, pode-se considerar como sendo missões transculturais todo o esforço missionário da igreja guineense enviando missionários para outros países ou continentes. Além desse exemplo, um missionário que sai do Brasil para pregar em Guiné-Bissau e faz o seu trabalho em Bissau é um missionário transcultural na medida em que faz missões num contexto cultural diferente e, igualmente, realiza missões urbanas uma vez que prega num contexto urbano. Na sua obra *Proclamando Boas Novas – Bases sólidas para o evangelismo*, Timóteo Carriker (2008) afirma que missões urbanas como aquelas que acontecem nos centros urbanos e coloca a igreja como sendo resposta de Deus para a cidade.

Seja sob a perspectiva de missões urbanas ou transculturais, John Stott, na *Bíblia Missionária de Estudo* (2014), afirma: “Sua autoridade na terra nos desafia a ir a todas as nações. Sua autoridade no céu nos dá a única esperança da vitória. Sua presença em nós não nos deixa escolha”. Além disso, Piper (2012, p. 36) afirma que missões não são o alvo fundamental da igreja, mas a adoração. Esse é o argumento do Piper para concluir que missões existem porque não há adoração. A adoração é fundamental, não as missões, porque Deus é essencial, e não o homem. Em última análise, quando esta era se encerra e os incontáveis milhões de redimidos estiveram perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Entendemos que essa afirmação nos lembra de que fazer missão é importante não como uma obra com fim em si mesma, mas com o propósito de glorificar a Deus. Para esse fim, a igreja nasce, mantém-se e se transforma pela missão de Deus.

E o Papel da Igreja na Atualidade?

A igreja também possui um papel ativo no que a literatura chama de missão de Deus. Isto é, a igreja discerne e descobre seu papel consciente que possui um papel ativo ao revelar a missão Deus no mundo. (González; Orlandi, 2010). Conforme

afirmamos nas seções anteriores, a igreja hoje se encontra diante de sérias questões e com importantes decisões a tomar. Para exercitar o papel profético e sacerdotal de maneira efetiva e coerente, a igreja não pode ser ou agir como um mero segmento de religiosidade no mundo, tampouco com a insensatez das vãs doutrinas. Todavia, no livro *Missiologia Global*, Araújo (2001, p. 92-93) alerta que

a igreja, para ser coerente com a sua natureza, deve ser distinta, tem que se separar de qualquer tendência e condição humana atual, de forma que possa falar com a humanidade e para a sua condição. O apóstolo Paulo nos fala que Deus pôs todas as coisas debaixo dos pés de Cristo e, para ser o cabeça de todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas. E a intenção de Deus era que a igreja, a multiforme sabedoria de Deus, se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor. A menos que vejamos a igreja como maior que a condição humana em qualquer ponto da história, como nos organizamos para anunciar A Mensagem? A igreja deve estar no mundo para falar de forma inteligível com ele, mas sem ser do mundo. Caso contrário, torna-se parte do problema, por mais conscienciosa que tente ser ao pregar o Evangelho. (Araújo, 2001, p. 92-93)

Da citação anterior, destacamos a relevante pergunta sobre como podemos nos organizar para anunciar o Evangelho. Essa questão nos remete a pensar de forma conjunta sobre o papel da igreja na atualidade e a forma como ela se organiza. Diante disso, conforme apresentado na introdução, o citado autor observa que infelizmente determinadas igrejas em alguns momentos ou situações possuem a tendência de se assemelhar mais a uma versão religiosa de empresas seculares, competindo com clientes melhorando o marketing do produto cristão (Araújo, 2001).

Nesse linha de raciocínio, pensar criticamente o papel da igreja e suas formas de organização significa voltar aos fundamentos bíblicos e conseguir enxergar que uma parte das igrejas estaria sendo criticada duramente por Lutero como se a reforma de cinco séculos atrás tivesse sido escrita para as igrejas de hoje. Esse nosso entendimento encontra respaldo em Araújo (2001), quando esse autor registra que versões religiosas buscam na atualidade freneticamente pelos gurus empresariais para que as ajudem a entreter os clientes nas igrejas, alinhando-os às tendências econômicas modernas. Consequentemente, quanto mais a eclesiologia se assemelhar, na prática, às caracterizações do mundo comercial ao nosso redor, mais a sua terminologia e cosmovisão se ajustarão às tendências econômicas globais (Araújo, 2001).

Esse alerta de Araújo (2001) não pode ser usado para generalizar denominações religiosas, pessoas ou grupos de adoração porque em primeiro lugar generalizações são o primeiro passo para o erro e a injustiça; e, em segundo lugar, ao longo da história, Deus tem trabalhado para levantar verdadeiros adoradores dispostos a receber e a praticar o amor que ele oferece de forma incondicional (Nouwen, 1997).

Acreditamos que essas colocações representam um alerta sério a igreja pode se distanciar do Evangelho a ponto de não saber como retornar à Casa do Pai onde seu amor espera com ansiedade pela volta do coração do filho mais novo e, igualmente, pela volta do coração do filho mais velho. É difícil do ponto de vista do senso de justiça baseado no próprio ego e na vaidade humana compreender a magnitude dessa oferta divina, mas é imprescindível para o trabalho missionário e para a compreensão do papel da igreja.

Nesse sentido e considerando algumas das implicações que o mundo contemporâneo apresenta para a própria igreja, hoje ela se encontra diante da linha divisória que a levará ou para mais longe ou para mais perto do Evangelho, da Bíblia, da Casa do Pai, conforme Jesus ensina na parábola a qual podemos chamar dos dois filhos com o corações perdidos (Lucas 15:11-32; Nouwen, 1997).

Podemos tecer com essa parábola a seguinte analogia sobre os papéis da igreja na atualidade. No caso do primeiro filho, parafraseando Nouwen (1997), atualmente a igreja encontra dificuldades semelhantes às do filho mais novo porque longe da Casa do Pai, ou seja, longe da sua origem e da Bíblia, ela, a igreja, assume papéis usando vestes maltrapilhas sem qualquer semelhança com as vestes reais de outrora. Numa analogia em relação ao segundo filho, o mais velho, o papel da igreja parece estar seguro porque fisicamente ela parece nunca ter saído da casa do Pai e aparentemente se apresenta com vestes reais diante da sociedade.

Nas condições que envolvem o papel do filho mais novo na parábola em Lucas 15:11-23, a igreja na atualidade assume papéis com vestes maltrapilhas e, ao se acostumar com elas para conformá-las às demandas da globalização, pode acabar achando que o destino que o filho mais novo escolheu será sua única opção, sobretudo, se a igreja no papel do filho mais novo se achar indigna de voltar a usar as vestes reais. O papel da igreja sob a analogia do filho mais velho, embora o papel

da igreja possa ser apresentado para a sociedade com vestes que se parecem com as reais do Pai, é a mesma igreja que parece relutar em trazer de volta o coração à festa oferecida pelo Pai porque e perdeu no senso de justiça próprio. Afinal, quem poderá compreender as dificuldades de uma igreja cujas vestes possuem tão somente a aparência real, mas no íntimo do coração se distanciou da Casa do Pai julgando a tudo e a todos com base no senso próprio de justiça?

Na atualidade, o fato é que, em ambos os casos, a igreja pode perder a noção sobre o papel que lhe fora conferido pelas escrituras, apesar da própria parábola lembra que o Pai saiu correndo ao encontro de ambos, para convidar o coração do filho mais novo e do mais velho a participarem da ceia na Casa do Pai. Seguindo esse raciocínio, o coração de cada igreja pode acabar relutando de maneira diferente a esse convite, reiterado inclusive pelas palavras gentis e perenes de Jesus em Apocalipse 3:20, com quem diz: você é minha igreja amada e ansiava pelo retorno do seu coração para cearmos juntos na festa que preparei para você.

Ao encontro do nosso entendimento, Chung apud Oliveira (2022) advoga que participar da igreja é participar do movimento do amor e da graça de Deus para com as pessoas. A igreja tem o privilégio de participar da atividade missional de Deus, porque a missão de Deus abrange a igreja e o mundo ou, mais precisamente, a igreja no mundo. Acerca dessa benevolência, Timóteo Carriker (2005), no seu livro *A Visão Missionária na Bíblia*, destaca dois pontos importantes: a Missão de Deus; e a Soberania e a Bênção. Acerca do primeiro ponto, a Missão de Deus Carriker (2005) afirma que o livro de Gênesis marca o compasso de toda a Bíblia. Nele encontramos nosso Deus benevolente que age e que está sempre no controle, mesmo diante da capacidade humana, dada por Deus, de se rebelar.

Esse é o Deus que trouxe a vida humana à existência como o soberano que não é mecânico, frio e calculista, mas o artista e arquiteto que se deleita com a criação, ao mesmo tempo que lhe confere imagem e semelhança, com o poder de decidir se irá receber sua benevolência ou não. Sim, estamos diante do Deus que leva seu projeto a cabo, que deseja abençoar e que abençoa, que tem uma missão em relação ao mundo, sendo que qualquer missão que o povo de Deus tem para o mundo só pode derivar da missão de Deus para o mundo (Carriker, 2005).

Sobre o segundo ponto, Soberania e Bênção, Carriker (2005) afirma que em consequência da soberania de Deus, a humanidade é beneficiada pela sua graça, não por mérito próprio. A virtude humana verdadeira está intimamente relacionada à vocação de Deus (para Israel Deu 7. 7-8; para Abraão, Js 24. 2-3; para Noé, Gn 9.20-27). O autor afirma que o povo de Deus foi escolhido não por ser melhor do que os outros, mas simples e unicamente pelo amor gracioso e imerecido de Deus. Tal escolha, porém, não é um fim em si, pois o povo de Deus foi escolhido para alcançar todos os povos com a bênção de Deus (Carriker, 2005).

Entendemos acerca do primeiro e segundo ponto de vista do autor citado que a graça que nos é oferecida por Deus nos constrange (2 Coríntios 5:14) ao ponto de agora em diante buscar a paz com todos e a santificação (Hebreus 12.14), “esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus.” (Filipenses 3:13-14).

Nesse sentido, conforme Carriker (2005), a aliança não é inicialmente uma categoria de salvação, mas de missão, uma vez que Abraão e sua descendência deveriam ser canais, e não únicos depositários das bênçãos de Deus para os povos do mundo, senso assim a eleição entendida como um meio e não como um fim (Carriker, 2005). Segundo esse autor, em consequência da sua eleição, isto é, da sua vocação, inclusive missionária, Abraão adorou ao Senhor (Gn 12. 7), então, a adoração é a resposta apropriada da missão, tanto para quem faz missão quanto para quem a recebe (Carriker, 2005).

Para Lidório (2014), o termo igreja também está ligado a agrupamento de indivíduos. No Novo Testamento, encontramos a expressão "igreja de Deus", o que evidencia que essa igreja veio de Deus e pertence a Deus. É uma comunidade que possui Deus como fonte; é eterna, espiritual e universal. Não provém de elucidação humana nem de uma obsessão nutrida por um grupo de loucos vinte séculos atrás. Antes, foi articulada por Deus, formada por Deus, é pertencente a Deus e permanece ligada a Deus. Independentemente das deturpações da fé, das ramificações que se liberalizaram, dos que se perderam pelo caminho, a igreja permanece, pois é posse de Deus (Lidório, 2014).

Na Bíblia Missionária de Estudo (2014), comentando sobre o papel da igreja, Jesus, em suas últimas instruções aos seus discípulos, antes de sua ascensão, dirigiu-se à sua igreja representada ali e deu uma ordem, não uma sugestão, de evangelizar o mundo e fazer discípulos (Mt 28.19; At 1.8). Dessa forma, necessitamos renovar nosso compromisso com a eclesiologia bíblica, pois somos um grupo dos santos chamados por Deus para a inusitada tarefa de transformar o mundo como cartas vivas do Evangelho de Cristo. (Lidório, 2006). Posteriormente, Lidório (2014), no seu livro Sal e Luz, afirma que há

vários desafios que cercam a igreja nestes dias, marcados pela ansiedade coletiva, diluição dos paradigmas sociais e profunda solidão humana. Para enfrentá-los é preciso refletir baseados na Teologia e, finalmente, pôr a mão no arado, sem olhar para trás. Precisamos encarar a verdade de um Deus soberano, Senhor da missão, que jamais poderá ser surpreendido por coisa alguma e, portanto, absoluto controlador de cada momento da nossa existência. Temos de nos esforçar para assumir a nossa identidade cristã como sal e luz, sendo uma comunidade chamada para fazer a diferença na terra. Lidório (2014, p. 157-158),

Sobre o papel da igreja, Cireneus apud Lidório (2014) afirma que a igreja sofrerá a tentação de desenvolver a sua personalidade e perder a sua finalidade, prestando culto às personalidades e ao ego, idolatrando as pessoas, deixando de lado a sua finalidade que é a glorificar a Deus. Assim sendo, igreja não deve colocar suas esperanças nos homens, nos partidarismos, nos políticos porque o nosso lado é Cristo, a nossa esperança sempre foi, é e sempre será Cristo (Lidório, 2014)

Por sua vez, Oliveira (2022), no seu artigo intitulado Missiologia e Missio Dei: Por uma Eclesiologia Missional afirma: a verdade, porém, é que tanto a Teologia quanto a Missiologia são essenciais para a resposta da igreja aos mandatos do Senhor Jesus, o Grande Mandamento (Marcos 12: 29-30) e a Grande Comissão (Mateus 28: 18- 20). Nesse sentido, reafirma-se que o Deus da Bíblia é um Deus missionário (Stott, 2013) porque Deus está sempre em movimento, porque Deus é um ser vivo.

George e Godfrey apud Oliveira (2022) argumentam que o Deus da Bíblia está continuamente em movimento e é aquele que chama seus seguidores para ver o que Ele está fazendo no mundo e, conseqüentemente, missão é mover-se com Deus para

ver todas as coisas renovadas à medida que harmonizamos nossos passos errantes para estar em sincronia com um Deus que se move.

Certa vez, John Wesley apud Bosch (2002) declarou: “a minha paróquia é o mundo”. Na sociedade em que vivemos, muita gente está morrendo espiritualmente pela falta de discípulos que estejam dispostos a fazer a vontade de Deus, como faziam os primeiros missionários/apóstolos de Jesus. A esse respeito, Dias Lopes (2018) afirma que a igreja tinha membros parecidos com Jesus (At 11. 26) a tal ponto que os crentes da igreja eram tão parecidos com Jesus que, os discípulos ali, pela primeira vez, foram chamados cristãos.

Considerações finais

Apresentamos na introdução alguns pontos do complexo contexto atual no qual nos chama a atenção os processos de individualização e ao mesmo tempo globalização em meio ao que Bauman chama de modernidade líquida. A menção a esses pontos serviu para contextualizar o ponto de partida deste trabalho para em seguida mobilizar as lentes teóricas para a questão deste trabalho: como os estudos teóricos sobre o tema Missiologia e missões podem contribuir para a compreensão do papel da igreja na atualidade?

Das citações teóricas ao longo do trabalho, reiteramos aqui o entendimento de Araújo (2001) e Carriker (2019). Segundo este autor, estudos na área de Missiologia apontam na direção de que tanto a igreja como as missões devem “se conformar à imagem de Cristo e refletir as características de Cristo na própria vida” (Carriker, 2019, p. 1). Já para aquele autor, não é pressuposto que a igreja se contente com a globalização, mas que se ofereça como a real comunidade global, agindo de forma coerente com os ensinamentos do Evangelho (Araújo, 2001). Nesse sentido, novos contextos continuarão a surgir além do que o mundo conhece hoje como modernidade líquida; porém, entendemos que é fundamental ter coração, mente e prática voltadas para o que Cristo nos ensina.

Para a igreja assumir seu papel como comunidade global, estudos teóricos sobre Missiologia e missões nos ajudam a compreender o papel da igreja como uma

ação de Deus no mundo pela sua graça, para reconciliar o mundo consigo mesmo. Entretanto, a igreja na atualidade se encontra diante da linha divisória que ou a levará para mais longe ou a levará para mais perto do Evangelho de Cristo.

Esse distanciamento dos fundamentos bíblicos pode trazer sérias consequências para a igreja assumir e desempenhar seu papel. Ilustramos essas consequências por meio da analogia que construímos para este artigo, em que associamos o papel da igreja sob a perspectiva do papel do filho mais novo e do filho mais velho (Lucas 15:11-32; Nouwen, 1997). Ou seja, o papel da igreja longe das bases bíblicas que fundamentam a fé e a prática cristã evidencia sua incoerências em relação ao Evangelho, como o fez o filho mais novo com suas vestes maltrapilhas em um contexto de degradação da sua identidade. Igualmente, se o papel da igreja se reduzir ao evangelho de verniz, com as vestes tingidas por uma religiosidade aparente e fundada no senso de justiça próprio, o papel exercido por essa igreja correrá o risco de não perceber suas incoerências e idiosincrasias em relação ao Evangelho de Cristo. Consoante essa analogia, os estudos missiológicos e as missões possuem como um dos desafios o de promover uma reflexão crítica sobre o papel da igreja na atualidade de forma significativa.

Por conseguinte, essa reflexão é necessária, mas não pode ocorrer por meio de soluções simplistas porque o mundo atual oferece infindáveis distrações que buscam impedir que a igreja compreenda seu papel. Nesse sentido, a igreja deve assumir e cumprir seu papel como agência missionária fundamentada no Evangelho para proclamar as boas-novas em todos momentos, locais, situações, para todas pessoas, com o mesmo amor, interesse e entusiasmo demonstrados por Deus ao sair correndo ao encontro de cada um dos filhos para e aliviar seus corações perdidos em diálogos internos para assim poder trazê-los de volta à mesa onde a ceia com Cristo já os esperava.

Portanto, com base nas reflexões realizadas e nos autores discutidos nas seções anteriores, concluímos que os estudos teóricos sobre Missiologia e missões permitem compreender que o papel da igreja na atualidade será quanto mais relevante e significativo à medida que estiver fundamentado na Bíblia. Caso contrário, tenderá a assumir os papéis de uma empresa secular com roupagem religiosa que desenha um Jesus moldado segundo anseios individuais ou para atender aos apelos

institucionais de uma modernidade líquida e em crescente processo de individualização conforme ditames da globalização.

Do ponto de vista acadêmico, entendemos que existe a necessidade de mais estudos e pesquisas sobre o tema e as questões aqui iniciadas. Futuras pesquisas poderão se deter mais demorada e extensamente sobre cada uma delas para a devida atenção e aprofundamento. Longe de percorrer todas as possibilidades de análise sobre o tema missões, este trabalho mobilizou algumas das importantes referências teóricas na área da Missiologia que podem contribuir para a compreensão do papel da igreja na atualidade.

Referências

ARAÚJO, Alex IN TAYLOR, William D; Missiologia Global para o século XXI: Consulta de Foz do Igau. Londrina: Descoberta, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA. Português. Bíblia Missionária de Estudo. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. The field of cultural production: essays on art and literature. Cambridge: Polity Press, 1993.

BOSCH, David Jacobus. Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da missão. Tradução de Geraldo Kordörfer. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2002.

CARRIKER, C. Timóteo. A visão missionária na Bíblia: uma história de amor. Viçosa, MG: Ultmato, 2005.

CARRIKER, C. Timóteo. Proclamando Boas Novas: Bases sólidas para o evangelismo. Brasília: Palavra, 2008.

CARVALHO, Carlos A. L. Missões Transculturais: Realidade e Desafios. Escola de São Paulo de Missões Transculturais. 2018.

DIAS LOPES, Hernandes. Peniel: "a face de Deus" . ipb Peniel. Blogspot. .26, 11, 2018. Disponível em: <https://ipbpeniel.blogspot.com/2018/12/> . Acesso em: 08/07/2023

GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. História do movimento missionário. São Paulo: Hagnos, 2010.

HORTON, Michael. A grande Comissão. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LIDÓRIO, R. In....BURNS, Barbara Helen (org.). Contextualização: a fiel comunicação do. Evangelho. Anápolis: Transcultural, 2007.

LIDÓRIO, Ronaldo. Restaurando o ardor missionário. Brasília, DF: Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

LIDÓRIO, Ronaldo. Teologia, piedade e missão: a influência de GisbertusVotius na Missiologia e no plantio da igreja. São Paulo: Hebrom, 2021.

LIDÓRIO, Ronaldo. Sal e Luz: compreendendo, vivendo e praticando a missão. Belo Horizonte: Betânia, 2014.

LOPES, Wáldison Cavalcante. Missões: a tarefa suprema da igreja. Brasília, DF: OC Livraria, 2015.

NOUWEN, Henri JM. A volta do filho pródigo. São Paulo, Paulinas, 1997.

PIPER, John; Alegrem-se os povos. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

STOTT, John. Ouça o Espírito, ouça o mundo. São Paulo: ABU, 1997.

TAYLOR, William D; Missiologia Global para o século XXI: Consulta de Foz do Igauçu. Londrina: Descoberta, 2001.

TUCKER, Ruth A. Missão até aos confins da terra: uma história Bibliográfica. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

WRIGHT, Christopher J. H. A missão do povo de Deus: uma Teologia bíblica do papel da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

OLIVEIRA, Edenis Cesar. Missiologia e Missio Dei: Por uma Ecclesologia Missional. Estudos de religião, v. 36, n. 3, p. 69-94, 2022.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 80

PROJETO RESGATE: MISSÕES URBANAS

Projeto resgate: Urban Missions

Projeto resgate: Misiones Urbanas

Gustavo Carneiro Horst¹
Igreja Presbiteriana Nacional

RESUMO

Diante do quadro de vulnerabilidade das pessoas em situação de rua, surgiu em Brasília, no ano de 2012, o Projeto Resgate – PR. É um ministério da Igreja Presbiteriana Nacional – IPN que teve início por iniciativa da Mocidade, uma sociedade interna da igreja. O trabalho oferece sopa, anuncia o evangelho e busca vagas, quando solicitado, para tratamento de dependência química em comunidades terapêuticas. Desde o início do projeto, várias pessoas têm sido alcançadas; algumas tiveram suas vidas transformadas pelo poder do Evangelho e foram recuperadas da dependência química pela terapia. É difícil contabilizar o número de pessoas recuperadas, pois na maioria das vezes se perde o contato após o tratamento. Desde o ano de 2022, houve mudanças de ação para acompanhamento dos acolhidos, com o objetivo de um melhor seguimento dos casos durante o tratamento e após.

Palavras-chave: Projeto Resgate; missões urbanas; situação de rua.

ABSTRACT

Given the vulnerability of homeless people, the “Projeto Resgate” – PR emerged in Brasília in 2012. It is a ministry of the National Presbyterian Church – IPN that began on the initiative of “Mocidade”, an internal society of the church. The work of “Projeto Resgate” brings meals, proclaims the Gospel, and seeks places, when requested, for chemical dependency treatment in therapeutic communities. Since the beginning of the project, people have been reached by the project, some had their lives transformed by the power of the Gospel and were recovered from chemical dependency through therapy. It is difficult to count the number of people who have recovered, as, in most cases, after treatment, contact is lost. Since 2022, there have been changes in the monitoring of those welcomed by the project, with the aim of better monitoring of the cases during treatment and afterwards.

Keywords: Projeto Resgate; urban missions; street situation.

RESUMEN

Frente a la situación de vulnerabilidad de las personas que viven en las calles, el Proyecto Rescate “Projeto Resgate” – PR fue creado en Brasilia en 2012. Es un ministerio de la Iglesia Presbiteriana Nacional – IPN que comenzó como una iniciativa de “Mocidade”, una sociedad interna de la iglesia. Es un proyecto que ofrece comidas, proclama el evangelio y busca vacantes, cuando son solicitadas, para el tratamiento de la drogadicción en comunidades terapéuticas. Desde que comenzó el proyecto, se ha llegado a muchas personas; algunas han visto sus vidas transformadas por el poder del Evangelio y se han recuperado de la drogadicción gracias a la terapia. Es difícil contar el número de personas que se han recuperado, porque la mayoría de las veces se pierde el contacto después del tratamiento. Desde 2022, ha habido cambios en la forma de hacer el seguimiento de las personas que recibimos, con el objetivo de controlar mejor los casos durante y después del tratamiento.

Palabras clave: Projeto Resgate; misiones urbanas; personas sin hogar.

¹Gustavo Carneiro Horst é membro da Igreja Presbiteriana Nacional em Brasília DF. Atua na missão urbana do Projeto Resgate desde 2018. E-mail: 712horst@gmail.com

Introdução

Segundo dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua, no ano de 2021 registraram-se 4.942 pessoas nessa condição no Distrito Federal. Esses números não traduzem as diferentes realidades que essas pessoas sofrem com desemprego, perda de autoestima, violência, interrupção de vínculos familiares por conflitos ou falecimentos, doenças físicas e mentais, alcoolismo, dependência química, entre outras.

Quadro 1 – Pessoas em situação de rua no DF por faixa etária - ano 2021

Até 11 anos	185
De 12 a 17 anos	50
De 18 a 21 anos	122
De 22 a 29 anos	599
De 30 a 59 anos	3624
De 60 anos acima	362
Total	4942

Fonte: https://obpoprua.direito.ufmg.br/repositorio_dados_tabelas.html#tabelas_capitais

Alguns membros da Igreja Presbiteriana de Brasília – IPBsb já atuavam realizando trabalho de evangelismo e servindo sopa a pessoas em situação de rua na área central de Brasília, nas proximidades do Hospital de Base do Distrito Federal – HBDF, e no Setor Comercial Sul – SCS. A Mocidade da Igreja Presbiteriana Nacional – IPN buscou essa experiência dos irmãos e começou a fazer o mesmo no ano de 2012, na mesma região de Brasília.

O trabalho começou com entusiasmo, a Mocidade é um grupo numeroso, tem o vigor e a beleza dos jovens na sua força de trabalho. Essa obra tem sido feita desde 2012, anunciando o evangelho, levando sopa, buscando vagas, quando há solicitação, para tratamento de dependência química em comunidades terapêuticas. O grupo do Projeto Resgate foi se transformando com o tempo, pois, além da Mocidade, passou a reunir irmãos e irmãs de faixa etária diversa e de outras sociedades internas da igreja.

Em janeiro de 2023, o Projeto Resgate fez uma campanha de oração com seus integrantes e teve a oportunidade de falar do trabalho diante da igreja, expondo as

características da obra, as conquistas, os desafios e as dificuldades enfrentadas, fazendo um pedido público por orações para que o Senhor enviasse trabalhadores, inspirado no evangelho de Lucas (Lc 10:2). Os integrantes do Projeto Resgate, baseados nos ensinamentos da igreja ao longo do tempo, cientes da importância da oração como prioridade dos ministérios, podem testemunhar as bênçãos de Deus no ânimo renovado, contando com a adesão de crentes da Igreja Presbiteriana Nacional – IPN e de várias outras igrejas. Gratidão a Deus pela resposta às orações de seu povo!

Missão urbana

O trabalho do Projeto Resgate é realizado no Setor Comercial Sul – SCS, em Brasília, local com grande concentração de pessoas em situação de rua, exclusão e risco social. Existem características distintas entre as pessoas em situação de rua nesse setor. Alguns grupos permanecem no local por longos períodos, até por anos, e têm seus costumes e preferências por locais de descanso com pouca variação. Com estes a missão tem a possibilidade de um relacionamento maior, conhecendo pessoas pelo nome e sendo recebida com mais confiança; então se estabelece uma relação de amizade. Outros grupos têm um comportamento mais itinerante, não permanecendo no mesmo local por muito tempo, e com esses a missão conversa, conhece um pouco das suas histórias, mas não consegue estabelecer uma relação interpessoal.

O Projeto Resgate se reúne na igreja uma vez por semana, às terças-feiras, tendo três equipes distintas: equipe de cozinha, que se encontra à tarde para preparar a sopa, e as equipes de intercessão e evangelismo, que se encontram à noite numa reunião devocional e de preparo para saída às ruas. O pessoal da intercessão permanece na igreja orando pelos pedidos, pela revelação de Deus na vida das pessoas que serão abordadas e pelo grupo de evangelismo que vai às ruas.

É escolhido um local de parada, podendo variar a cada semana, e montada uma base de apoio, onde ficam sopa, água e material sobressalente, com uma equipe de duas a três pessoas. Além da sopa são distribuídos folhetos de mensagem bíblica, livros de leitura devocional diária e Bíblias. As equipes de evangelismo são separadas no momento da distribuição, variando de uma a três equipes, dependendo da

quantidade de pessoas no grupo, que andam com bandejas de sopa e demais apetrechos em diferentes rotas predefinidas entre locais internos da região.

A sopa é entregue, o grupo conversa, apresenta o evangelho, ora com as pessoas, anota pedidos de oração em cadernos e recebe os pedidos para tratamento nas comunidades terapêuticas. É comum que a pessoa esteja embriagada ou drogada, e não é fácil apresentar a esperança do evangelho assim. Muitas vezes a oposição espiritual, manifesta em terceiros, faz-se presente no momento da abordagem, às vezes de forma agressiva. Algumas pessoas resgatadas foram acompanhadas por muito tempo até que conseguissem sair da situação de rua.

A visita ao Setor Comercial Sul em outros dias da semana é uma continuidade do evangelismo de terça-feira. São momentos de conversa mais à vontade com conhecidos e ocasião, muitas vezes, de encontrá-los sóbrios. Nesses dias também há a possibilidade de conhecer outras pessoas, situações diversas, outras histórias, oportunidade em que também são feitos encaminhamentos para casas de recuperação. O combinado é encontrar pessoas, em determinado dia e horário, em frente ao Centro de Atenção Psicossocial – CAPS no próprio Setor Comercial Sul. A maioria dos interessados não comparece no dia marcado. Acreditamos que todos os interessados no tratamento têm real desejo de mudança, mas a condição de rua, a escravidão de seus vícios e a influência espiritual maligna atrapalham o momento da sua decisão.

De oito a quinze pessoas têm sido acompanhadas durante sua internação nas comunidades terapêuticas, variando entre as que persistem no tratamento e as que abandonam. É difícil o interno permanecer em terapia, e o índice de abandono do tratamento nas comunidades terapêuticas é alto. Mas a batalha ainda não é perdida, e em várias ocasiões é feita nova tentativa de encaminhamento, crendo que o que foi ouvido nas comunidades terapêuticas, os louvores entoados, o nome de Cristo e a palavra de Deus, em momentos devocionais e cultos, permanecem na lembrança da pessoa que voltou às ruas.

Há pessoas em situação de rua que são oriundas da igreja, jovens saídos de lares evangélicos, homens que exerceram atividades na igreja, obreiros outrora ativos e até pastores. Há o relato de dependentes químicos cantando louvores, como que agradecendo a Deus pela ação social do Projeto Resgate. Alguns desses pedem

licença para orar no momento da abordagem, orações profundas, e outros pedem para que o grupo ore por eles. Pedidos de oração também são anotados em caderno e, depois de transcritos, postados em um grupo de rede social do PR, para que todos possam orar e para que estejam com a equipe de intercessão. Chama a atenção o número de pedidos por libertação!

No momento de anunciar o evangelho, a oração principal é pela ação do Espírito Santo, para que a mensagem tenha poder na mente e coração e que tenham os olhos abertos para reconhecimento dos pecados, arrependimento e conversão. Essa oração deve ser feita concomitantemente pela equipe, enquanto a pessoa está recebendo o anúncio do evangelho por um dos integrantes.

Também há oração por aqueles que despertaram interesse em sair da rua, para que mantenham o propósito firme até que se tenha vaga em comunidade terapêutica e seu encaminhamento seja feito; por aqueles que tiveram esse interesse, mas não compareceram no dia combinado, para que não percam a esperança e que se possa fazer outra tentativa; e por alguns que recusam o convite, que o grupo lembra com amor e gostaria de ver recuperados, na esperança de libertá-los dessa algema.

Tem a questão da intercessão pelas pessoas acolhidas nas Comunidades Terapêuticas – é uma guerra contra a dependência química, e há aqueles que não resistem às recaídas. Às vezes tem-se a impressão de que alguém abandonou a terapia por diminuição das orações do grupo, como na história de Êxodo 17:11, quando Moisés, pelo peso das mãos, abaixava a guarda e Amaleque prevalecia. Orações são feitas para que Deus os livre do mal, da ansiedade, que amenize a abstinência, para que se adaptem à casa e ao convívio com os demais internos, resistam às provocações de outros e à vontade de abandonar.

Existem outras questões importantes envolvidas e que as orações do Ministério abrangem, como as Casas de Recuperação e toda a estrutura envolvida nessa obra: pastores que se dispõem a trabalhar com recuperação de vidas, missionários que têm seu chamado nessa missão, obreiros que se dispõem a ajudar como voluntários, demais internos da Casa, igrejas vinculadas a essas casas, doações e mantenedores, famílias dos internos, outros voluntários (médicos,

psiquiatras, psicólogos, dentistas, fisioterapeutas e educadores físicos), orações pela IPN e pelo Projeto Resgate. questionam o grupo se serão

Muitas pessoas em situação de rua não têm família, vínculo, contato ou o apoio dela. O Projeto Resgate tem feito visitas a quem encaminha – atividade diferencial na terapia. Também acompanhamos alguns dos acolhidos nas saídas terapêuticas mensais, ocasião de retomada e fortalecimento dos laços com familiares e amigos. Temos sido família para os nossos encaminhados, estando presentes nos dias de visita, mensalmente, geralmente aos domingos. Então, temos mais uma oportunidade de conversa, evangelização e oração. É gratificante perceber a satisfação do acolhido com a visita.

Visitas

Muitas pessoas em situação de rua, no momento da abordagem, questionam o grupo se serão visitadas no acolhimento ou se serão abandonados durante o tratamento. É um dia importante para o indivíduo, uma atividade que não garante, mas favorece bons resultados na terapia. É uma pequena ação de apoio com intuito de reavivar sentimentos de atenção e importância há muito tempo adormecidos na pessoa.

Cada comunidade terapêutica tem o seu próprio dia de visita, podendo ser do primeiro ao quarto domingo do mês, e o Projeto Resgate tem participado de todas, acompanhando a transformação do indivíduo que vivia há pouco tempo em situação degradante, o que torna cada ocasião um momento especial de estímulo à continuidade do trabalho. Algumas casas têm um culto seguido de almoço, outras apenas o momento de visita.

O Projeto Resgate, desde 2022, conta com uma médica voluntária na equipe, que, além de preparar os relatórios para acolhimento, executar diversos encaminhamentos e de estar presente em quase todas as visitas, também tem reservado alguns sábados para fazer atendimentos médicos a internos das comunidades terapêuticas. São criados laços de amizade com vários outros internos das Casas, que também acabam tendo a influência cristã, incentivo e exemplo de vida através do trabalho do Projeto Resgate.

Comunidades Terapêuticas

Femininas

Casa de Recuperação das Mulheres de Deus – CRMD; Missão Vida em Abundância – MVA; Casa de Abigail – CA; Casa Maria de Magdala, unidade feminina da Salve a Si; Casa do Sol Azul – CSA (essas duas últimas Casas, como alternativa à situação de rua, não preferenciais para encaminhamentos).

Masculinas

Missão Vida – MV; Villa Samaritana – VS; Centro de Reintegração Deus Proverá – CRDP; Desafio Jovem de Brasília – DJB; Abba Pai – IAP.

Algumas pessoas são encaminhadas de duas a três vezes. Em 2022, o Projeto Resgate fez vinte e quatro encaminhamentos, num total de vinte pessoas, e em 2023 já são quarenta e sete encaminhamentos, num total de trinta e três pessoas.

Algumas das pessoas encaminhadas pelo Projeto Resgate

Mulheres

- **N.** – 61 anos, vício em crack. Encaminhada à CRMD em junho/2022. Abandonou o tratamento para dependência química em 1 mês. Foi encontrada por uma obreira da Casa (que não a reconheceu imediatamente, pois estava limpa e bem arrumada), para quem testemunhou sua mudança de vida. Voltou para casa, arrumou emprego e permanecia morando com as filhas;
- **Z.** – 48 anos, álcool e crack. Encaminhada à CRMD em outubro/2022. Abandonou o tratamento. Nós a reencontramos no dia seguinte, segurando um copo de cachaça numa mão e um cachimbo de crack na outra, mas pediu novo tratamento. Encaminhamento à comunidade terapêutica Salve a Si em novembro/2022, e novo abandono com um mês. Mais uma vez nos pediu tratamento. Encaminhada à MVA em dezembro/2022. Permaneceu na casa por cinco meses, foi disciplinada, iniciada em alfabetização e em trabalho de

costura. Por ocasião de um fechamento temporário da Casa, ela teve que sair. Foi encaminhada à casa do filho, sendo bem recebida e permanecendo por dez dias. Voltou às ruas e aos velhos hábitos. Sempre a encontramos, e ela sempre reafirmava o desejo de tratamento, mas resistia no momento de tomar decisão, espiritualmente presa naquela condição. Em agosto, quatro meses depois da última recaída, num momento de sobriedade pediu encaminhamento, novamente à MVA, porém abandonou o tratamento com nove dias. Continua pedindo ajuda, mas não conseguimos vaga até o momento. Orações por essa vida que nos é preciosa!

- **C.** – 23 anos, vício em crack. Encaminhada à CRMD em dezembro/2022. Pediu ajuda, mas tivemos dificuldade de encontrá-la durante alguns dias, e quando encontrada, estava tão esgotada emocionalmente que mal conseguia dizer o nome e não lembrou o nome da mãe até o final da tarde. Cremos que estava sofrendo abuso do homem que a acompanhava há algum tempo. Demonstrou alívio no momento do resgate. Passamos com ela na IPN, onde ganhou roupas de duas missionárias, que também oraram com ela – um momento comovente de intercessão, abraços e choro. No momento do acolhimento expressou gratidão num abraço emocionado. Ficou por um tempo acolhida, estava indo bem, mas abandonou o tratamento próximo ao carnaval (talvez por esse espírito). Teve uma briga com outra interna e foi embora. Continuamos a orar desejando reencontrá-la.
- **J.** – 44 anos, álcool e crack. Encaminhada à CRMD em maio/2023. Decidiu sair temporariamente do tratamento, realizou pedido de retorno na mesma semana, o que não se cumpriu. Reencaminhada dez dias depois, permanecendo por um dia, sendo desligada da Casa por uma discussão com outra interna e por portar uma faca. Encaminhada à Casa de Abigail em junho. Permanece firme, está feliz, mas tem temperamento difícil no convívio da comunidade terapêutica. Engordou quatorze quilos em um mês e meio de acolhida, recuperando um pouco da saúde.

Homens

- **H.** – 53 anos, alcoolismo grave – Encaminhado ao CRDP em junho/2022, depois de várias tentativas. Foi levado ao Hospital Regional da Asa Norte com um ferimento grave na região do pescoço, tratado e depois encaminhado. O Projeto Resgate providenciou tratamento dentário e prótese. Completou o tempo de um ano e sem um plano definido para o pós-tratamento. Saiu do CRDP na ansiedade e voltou às ruas com forte recaída; porém conseguimos localizá-lo e solicitou encaminhamento à MV, onde permanece em terapia. Foi sua segunda vez no CRDP. Na primeira vez, encaminhado por outra entidade, completou bem o tratamento, permanecendo na Casa como obreiro por dois anos. Trabalhou também em algumas empresas retomando sua vida, até que certo dia resolveu sentar num bar e beber, imaginando que uma única cerveja não seria nada demais. A consequência foi uma recaída que o levou de volta à rua e a uma condição de indigência extrema.
- ❖ **L.** – 49 anos, alcoolismo grave e doença psiquiátrica – Encaminhado ao CRDP em outubro/2022. Não cumpriu a semana de isolamento, que é uma exigência da casa, não se integrou e não participou das atividades. Abandonou o tratamento em um mês. Encaminhado à MV em dezembro/2022, teve um surto agressivo no momento da entrevista, quando questionado sobre sua mãe, e não aceitou o acolhimento. O desafio era conseguir uma consulta psiquiátrica, para que estando adequadamente medicado pudesse permanecer numa comunidade terapêutica. Em outubro/2023 conseguimos levá-lo à consulta médica no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS e encaminhá-lo ao DJB. Ficou bem durante uma semana, mas abandonou novamente.
- **C.** – 28 anos, vício em cocaína – Encaminhado ao DJB em janeiro/2023. Não é pessoa em situação de rua, tem profissão, é casado e tem dois filhos. Permaneceu por sete meses em tratamento e deixou a Casa faltando dois meses para concluir seu tempo. Temos contato com a família e a notícia de que permanece bem, retomando sua vida. Foi muito importante o apoio da família, que o acompanhou e o visitou em todas as oportunidades.
- **B.** – 53 anos, alcoolismo grave – Encaminhado ao CRDP em dezembro/2022. Muito mal fisicamente, vivia deitado e apenas levantava a cabeça quando chamado pelo nome. Às vezes sentava para conversar e ficava emocionado

por falarmos de Deus. Em certa ocasião, muito debilitado, acionamos o SAMU, que o atendeu e levou para uma Unidade de Pronto Atendimento – UPA, onde permaneceu internado por dois dias. Também tinha um ferimento no olho, e em duas ocasiões conseguimos levá-lo ao Hospital de Base do Distrito Federal para consulta – HBDF. O péssimo estado de saúde e a possibilidade de perda da visão, inclusive do olho bom, favoreceu sua decisão de pedir tratamento em comunidade terapêutica. Já contempla saídas terapêuticas (final de semana na casa de familiar), e numa dessas oportunidades, na casa de uma prima, pôde acompanhá-la à igreja no culto de domingo. Mas o marido dessa senhora também é alcoolista e o influenciou a uma pequena recaída com duas doses de cachaça, o que foi registrado em relatório pela prima. Perdeu o direito de saídas, e na disciplina da Casa é um novo começo. Com dois meses teve outra oportunidade de saída terapêutica, para a casa de outra prima, e novamente fez uso de bebida alcoólica, mas retornou à CT no prazo estipulado e permanece acolhido. O PR está providenciando tratamento e prótese dentária, e cirurgia ocular.

- **J.** – 45 anos, alcoolismo grave – Encaminhado ao CRDP em fevereiro/2023. Teve muita dificuldade no início, delírios e tremores físicos que demandaram a ajuda dos companheiros até para se alimentar. É exemplo de bondade e respeito dentro da Casa, permanece firme e confiante, e é muito grato pelo acolhimento. O PR está providenciando tratamento dentário e prótese.
- **I.** – 28 anos, álcool e crack – Encaminhado à MV em maio/2023. Um rapaz querido por todos, e já fazia tempo que vinha pedindo ajuda ao PR para tratamento. Sua família é evangélica e mora no interior do Ceará. Numa noite de maio, levou cinco facadas em briga com outra pessoa em situação de rua. Permaneceu internado por quatro dias no HBDF e, no dia da alta hospitalar, pediu encaminhamento à comunidade terapêutica. Permaneceu por três dias na MV e abandonou o tratamento. Conseguimos vaga no CRDP em julho, mas permaneceu por apenas onze dias. Temos o encontrado sempre, aparenta perda gradativa de saúde e certa vez nos fez a seguinte afirmação: “o diabo quer me matar”. Em setembro nos pediu novo encaminhamento ao CRDP, mas permaneceu internado por apenas 14 dias. Não desistimos – afirmamos isso

diretamente para ele e continuamos orando, e à disposição. Encaminhado e acolhido na MV em outubro/2023.

S.– Alcoolismo – Encaminhado à MV em março/2023. É um homem sério, educado, tem força de vontade e gratidão. Recebeu visita familiar em algumas ocasiões e permaneceu firme. Chegou a cogitar de fazer o curso para se tornar obreiro na Casa. Completou seu tempo, deixou a casa no dia seguinte indo para casa de uma irmã. Tem planos de retornar para sua cidade e à sua família.

J. – 29 anos, álcool e crack – Em agosto/2022 estivemos no Setor Comercial Sul para conversar com pessoas em situação de rua. Quantos nomes a gente pode lembrar, chamar naquele meio, conversar um pouco? O J. é uma daquelas pessoas a quem temos pregado, que canta louvor quando nos ouve. Servimos sopa, lemos versículos, falamos de Cristo e sobre encaminhamento. Ele nos pedia ajuda para tratamento, mas não mantinha o propósito e, pelas dificuldades de encaminhamento da época, exigências de exames, apelava, virava as costas e dizia que não queríamos ajudar. Nesse dia, à tarde, num momento em que andávamos por aquelas ruas, ele estava lá, num canto, sozinho, cantava na calçada parecendo triste – é a lembrança que passa. Gostaríamos de ajudar mais pessoas a sair da rua. Muita gente confusa quer sair dali, mas parece amarrada. Ou podemos orar mais, o poder de Deus pode esclarecer alguém naquele momento que ele é invisível na calçada. Algumas pessoas nem têm a oportunidade de resgate, outras perdem tempo. Na madrugada que seguiu àquela tarde o J. perdeu a vida, esfaqueado e queimado numa rua de nossas andanças, da missão urbana. Talvez pra ele não tivesse jeito mesmo, mas isso não sabemos, só gostaríamos de ter dado mais tempo; um pouco mais do nosso tempo a dar a outros.

Pós-tratamento

Parte dos adictos, ao final do tratamento, sem perspectiva de vida, acabam tendo uma recaída, retornando aos velhos hábitos de vida. Alguns permanecem nas comunidades terapêuticas e se tornam colaboradores, obreiros. Porém, mesmo entre esses, existem histórias trágicas de recaída. Muitos tentaram o tratamento por

diversas vezes, com seus abandonos de recaída ou mesmo com seus tratamentos completos, para em seguida recair, até que um dia foram fortalecidos e transformados, agora vivendo em integridade.

A Missão Vida – MV tem um centro de reintegração que atua com a reinserção social dos ex-internos, que recebem auxílio para voltar ao mercado de trabalho e apoio para uma vida com dignidade, esforço e fé. A Villa Samaritana – VS tem um programa chamado “Casa de Oportunidades – Housing First”, que também atua com os mesmos objetivos do programa da Missão Vida. A Casa de Oportunidades também oferece um curso de panificação, profissão que tem grande demanda por trabalhadores.

Outras comunidades terapêuticas também contam com algum tipo de apoio e preparo profissional para o pós-tratamento, porém, outras opções são necessárias para munir os ex-internos com alternativas ocupacionais – empreendedorismo, projetos de trabalho, pequenas empresas e o que mais for possível para direcionar e apoiar o indivíduo no término do tratamento.

Conclusão

As ações do Projeto Resgate têm alcançado muitas pessoas nesses anos de trabalho. Algumas respondem bem ao evangelho e ao chamado para sair das ruas para tratamento. Outras respondem bem a essas ações, mas não perseveram no propósito. Para o futuro, o Projeto Resgate planeja ações que busquem um melhor acompanhamento das pessoas, seja ainda na rua, na internação ou no pós-tratamento. Uma continuidade do evangelismo, confirmando a verdadeira e perene transformação de vida.

O desafio do Projeto Resgate é atender pessoas em situação de rua promovendo maior capacidade de fazer a ligação entre o evangelismo e os encaminhamentos. Não apenas o evangelismo de rua na terça-feira, mas a ação de trabalho em outros dias da semana, a visita ao acolhido durante sua terapia e o apoio a ele no término do tratamento. Para isso, é preciso vencer mais desafios: reforçar o Projeto Resgate no acompanhamento de cada caso, incentivando o indivíduo a uma maior comunhão com Deus para vencer a dependência química, renovando sua identidade e senso de pertencimento. Enfim, um esforço do grupo para a reinserção

plena do recuperando na sociedade, o restabelecimento dos vínculos familiares ou formação de núcleo familiar e um trabalho digno. Claro, isso exigirá um sacrifício a mais do Projeto Resgate por essa missão e na busca de resultados de longo prazo. Essencialmente, para vencer esses desafios, necessitamos de persistir em uma vida de oração e comunhão com Deus.

MISSIOLOGIA E MISSÕES: ESTRATÉGIAS DE PREPARO E ATUAÇÃO MISSIONÁRIA

Missiology And Missions: Strategies for Missionary Preparation and Action

Misionología y misiones: estrategias para la preparación y la acción misioneras

Adneia Alecrim¹

Centro de Estudos Avançado em Missões – CEAM

Alessandro Borges Tatagiba²
AMIDE

RESUMO

Este artigo possui o objetivo de apresentar resultados de investigação teórica realizada durante mestrado no Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM sobre Missiologia e missões. Como recorte de discussão e reflexão, o presente trabalho busca responder à questão: como as perspectivas teóricas podem contribuir para a compreensão das estratégias de preparo e de atuação em missões urbanas e missões transculturais, diante de uma cultura e organização econômico-social em crescente processo de urbanização? A metodologia adotada foi revisão de literatura envolvendo pesquisas e discussões de diferentes autores sobre o tema. Como resultado, o trabalho apresenta a contribuição de estudiosos tanto em missões urbanas bem como em missões transculturais, trazendo à luz reflexões sobre os fazedores de tendas, como uma das estratégias de se fazer missões no contexto urbano e transcultural. Por se tratar de uma comunicação científica de uma pesquisa de mestrado em andamento, conseqüentemente, abrem-se novas possibilidades de discussão com os estudiosos sobre o tema.

Palavras-chave: Missiologia; missões urbanas; missões transculturais; fazedores de tenda.

¹ Missionária de base da Agencia Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE. Mestranda em Missiologia no Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM. Bacharel em Biologia e Licenciada em Ciências Biológicas - UNIGRANRIO- RJ. Bacharel em Educação Religiosa - CIEM - Centro Integrado de Educação e Missões -RJ.

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Mestre em Gestão e Avaliação Educacional pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Mestre em Linguística pela UnB. Pós-Graduado pelo Departamento de Educação da Universidade de Tsukuba – Japão, como bolsista do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia – MEXT. Graduado em Letras e suas Respectivas Literaturas pela UnB. Graduado em Pedagogia pela UnB e pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Pesquisador-Tecnologista em Informações e Avaliações Educacionais – Inep/MEC. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Consultor em educação e avaliação educacional. Trabalhou como Coordenador de Relações Internacionais no Japão – Ministry of Foreign Affairs e como Assessor de Relações Internacionais do Inep/MEC. É Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens – SAL da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; membro do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário – Nelim da Universidade Federal de Goiás – UFG; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecolinguística – GEPLÉ da UnB; Missionário da Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE.

ABSTRACT

This article aims to present results of theoretical research carried out during a master's degree at the Center for Advanced Studies in Missions – CEAM on Missiology and missions. As a discussion and reflection framework, this work seeks to answer the question: how theoretical perspectives can contribute to the understanding of urban missions and transcultural missions, given a predominantly urban culture and economic-social organization? The methodology adopted was a literature review involving research and discussions by different authors on the theme. As a result, the work presents the contribution of scholars in both urban missions and transcultural missions, bringing to light reflections on tentmakers, as one of the strategies of carrying out missions in the urban and transcultural context. As it is a scientific communication of ongoing master's research, it consequently opens up new possibilities for discussion with scholars on the topic.

Keywords: Missiology; urban missions; cross-cultural missions; tentmakers.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar resultados de investigaciones teóricas realizadas durante una maestría en el Centro de Estudios Avanzados en Misiones – CEAM sobre Misiología y misiones. Como marco de discusión y reflexión, este trabajo busca responder a la pregunta: ¿Cómo pueden las perspectivas teóricas contribuir a la comprensión de las estrategias de preparación y acción en misiones urbanas y misiones transculturales, frente a una cultura y organización económico-social en proceso de urbanización creciente? La metodología adoptada fue una revisión de la literatura que involucra una revisión de investigaciones y discusiones de diferentes autores sobre el tema. Como resultado, el trabajo presenta el aporte de académicos tanto en misiones urbanas como en misiones transculturales, sacando a la luz reflexiones sobre los hacedores de tiendas, como una de las posibilidades de realizar misiones en el contexto urbano y transcultural. Al tratarse de una comunicación científica de una investigación de maestría en curso, abrense nuevas posibilidades de discusión con los académicos sobre el tema.

Palabras clave: Misionología; misiones urbanas; misiones interculturales; fabricantes de tiendas.

Introdução

Agências missionárias, seminários de formação Missiológica e Teológica encontram à disposição uma rica literatura acadêmica especializada nessas áreas do conhecimento. No entanto, são múltiplos os desafios dessas instituições, dos vocacionados e dos missionários, durante em preparo ou em campo de atuação. Os desafios tomam proporções maiores diante de um contexto global dinâmico e em crescente processo de urbanização. Diante disso, muitas questões surgem sobre as estratégias mais adequadas a cada tipo de atuação missionária.

Um desses desafios diz respeito ao crescente processo de urbanização e muitas questões envolvidas nesse processo poderiam ser abordadas em outro texto. Por hora, é importante destacar dados do relatório mundial das cidades que apontam que 60,4% da população mundial até 2030 estará concentrada nas cidades (Habitat, U.N., 2020). Por exemplo, Timothy Keller que, em seu livro Igreja Centrada, apresenta vários desafios para o ministério nas cidades. O autor afirma que habitantes do mundo

estão mudando para as grandes cidades e essa migração tem acontecido a passos bem mais largos do que os da igreja. Para ele o crescimento atual das cidades em tamanho e em influência, talvez seja o maior desafio apresentado à igreja (Keller, 2014, p. 191).

De acordo com o autor, no tempo de Paulo já havia grandes estratégias da igreja primitiva, concernente a missão cristã que era predominantemente urbana e nos dias atuais as grandes cidades do mundo inteiro continuarão crescendo em importância e poder e sendo mais ainda estratégicas. Devido a isso, ele argumenta dizendo: “não existe nada mais fundamental para a igreja evangélica de hoje do que ressaltar e apoiar o ministério urbano” (Keller, 2014, p. 194). Por outro lado, é inegável a relevância das missões transculturais tendo em vista o cumprimento do Ide para anunciar o Evangelho aos Povos Não Alcançados – PNAs. Além disso, a riqueza de troca conhecimentos e experiências entre as diferentes culturas podem ser acrescentar grandes contribuições para a área da Missiologia.

De acordo com o exposto, é possível observar que existe um campo promissor de pesquisa, estudos e reflexões que permeiam o tema missões urbanas e transculturais e suas estratégias de preparação e ação missionária. Por essas razões, torna-se necessário mobilizar as lentes teóricas de estudiosos e pesquisadores sobre Missiologia e missões para repensarmos estratégias de preparo e atuação em missões urbanas e transculturais. Como recorte de reflexão e estudo e tendo em vista os limites impostos a um artigo, este trabalho reflete sobre duas perspectivas de ações missionárias: missões urbanas e missões transculturais. Esse recorte e as referidas indagações nasceram dos estudos e pesquisas realizados pela autora Adneia Alecrim durante o mestrado no Centro de Estudos Avançados de Missões – CEAM promovido pela Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE.

Em vista do exposto nesta introdução, este trabalho possui como ponto de partida a seguinte questão: como as perspectivas teóricas podem contribuir para a compreensão das estratégias de preparo e de atuação em missões urbanas e missões transculturais, diante de uma cultura e organização econômico-social em crescente processo de urbanização? Isto posto, as considerações a seguir não representam uma resposta definitiva uma vez que não se trata de um estudo exaustivo, mas exemplificativo dentro das várias possibilidades de análise, estudo e

pesquisa. A contribuição de estudiosos e pesquisadores sobre Missiologia e missões na próxima seção é seguida de algumas reflexões sobre estratégias de preparo e atuação em missões urbanas e transculturais.

Missiologia e missões: lentes teóricas

É importante situar a definição dos termos sobre os quais tratamos neste trabalho. Inicialmente, destacamos o conceito de Missiologia do autor Timóteo Carriker, para quem essa área do campo do conhecimento é, em sua essência, a “ciência ou estudo da missão de Deus e do seu povo” (Carriker, 2021, p. 22).

Para esse autor, Missiologia pode ser compreendida como uma ciência interdisciplinar que abarca disciplinas bíblicas, teológicas, históricas, ciências da religião e disciplinas seculares como a antropologia, sociologia, a estatística e a comunicação. O intuito de abranger essas disciplinas reside no fato de fazer refletir sobre a identidade e a tarefa missiológica da igreja em determinado momento histórico e cultural. (Carriker, 2021)

Missiologia e missões dizem respeito diretamente a fazer discípulos de Cristo, vivendo de forma coerente com as escrituras os seus ensinamentos, para assim fazer Cristo conhecido através do plano de salvação. Esse é o plano eterno de Deus que a Missiologia possui como importante base para seu trabalho, tendo em vista a própria literatura acadêmica sobre o tema. De acordo com Wright (2014, p. 20), missão “designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, para a redenção da criação de Deus, realizada na história do mundo de Deus, para redenção da criação de Deus”. Sob outro ponto de vista, missão “é a atividade de Deus no mundo. Deus é o protagonista da missão” (González; Orlandi, 2014, p. 23). Segundo esse autor, Deus, através da sua graça, age no mundo reconciliando-o consigo mesmo.

Deus nos mostrou sua graça por meio do filho unigênito (João 3:16) e nos confere o privilégio de contribuir em sua obra seguindo os ensinamentos de Cristo. Por um lado, ao longo da história, a igreja tem oferecido testemunhos fidedignos ao que Cristo ensinou; porém, por outro, a igreja tem usado o nome de Cristo, mas, numa análise mais detida, afasta-se do Cristo das escrituras sagradas. Por essa razão, o

preparo é muito importante para o missionário, antes de sair a campo e encontrar pessoas. Hoje, há pessoas que buscam a igreja sedenta para ser um adorador em verdade e espírito; há outros que procuram a igreja para resolver problemas pessoais, profissionais e, por isso, podemos observar o crescimento de tantas obras assistência social para pessoas em situação de rua, pessoas com problemas de saúde como o da adicção.

Então, entendemos que é preciso resgatar e trazer à lembrança o real sentido de igreja. Nesse contexto, Snyder (2009, p. 155) traz uma relevante conceituação quando diz que “A Bíblia afirma que a Igreja é nada menos que o Corpo de Cristo. É a noiva de Cristo (Ap. 21.9), o rebanho de Deus (I Pe. 5.2), o templo vivo do Espírito Santo (Ef. 2.21,22).” Então, nada mais óbvio a igreja refletir o próprio Cristo em suas palavras e ações, de forma coerente com o que Ele ensinou. A esse respeito, coadunamos com Taylor (2001) que destaca a Missiologia como uma reflexão crítica da ação, à luz da Palavra de Deus; e com Burns (2019) cujo entendimento é que

devemos passar a necessidade de conhecer e obedecer a tudo que Jesus ensinou. Infelizmente, frequentemente enviamos pessoas que não conhecem, nem guardam o que Jesus ensinou. Não conhecem a “doutrina dos apóstolos” que ensinavam isso. Somos mais pragmáticos do que fiéis à Palavra no nosso trabalho missionário, uma característica tanto da minha cultura como a dos brasileiros (Burns, 2019, p. 10)

Ao encontro da afirmação anterior, Taylor (2001) conceitua a Missiologia como o campo de estudo de abordagem interdisciplinar cujo foco de análise é voltado para os fatos missionários sob o panorama das ciências bíblicas, teológicas, incluindo histórias e ciências sociais. Para o autor, a Missiologia objetiva ser metódica e crítica, sem, portanto, tirar o olhar da igreja como parte fundamental. Logo, coaduno com o pensamento de Taylor (2001) quando o autor afirma que Missiologia é uma reflexão crítica da ação, à luz da Palavra de Deus.

O dicionário bíblico da Bíblia Missionária de Estudos apresenta a seguinte definição para Missiologia: “Campo acadêmico cristológico que, no estudo da história, da Teologia e da prática da missão, dialoga com outras disciplinas ao habilitar a igreja a entender e a cumprir a sua missão” (Almeida, 2014, p. 1430). Atualmente, esses conceitos mostram-se de forma clara para a área da Missiologia; porém, em sua origem, era vista como periférica aos estudos teológicos tradicionais, como mostra Oliveira (2022) ao citar Kin (2004):

Desde suas origens no final do século XIX como o estudo das missões cristãs no exterior, a agenda da Missiologia tem sido global e de interesse transcultural. Embora a princípio fosse visto como periférico à agenda teológica tradicional, os estudos missionários são agora uma disciplina teológica e acadêmica estabelecida (KIM, 2004 apud Oliveira, 2022).

De acordo com as perspectivas teóricas desses autores, compreendemos a Missiologia como uma ciência que precisa se relacionar com várias áreas acadêmicas e que, ao mesmo tempo, não pode prescindir dos ensinamentos bíblicos que convergem para as ações baseadas nos propósitos de Deus como missão da igreja no mundo. Nesse sentido, David Bosch (2002, p. 26), em seu livro *Missão transformadora*, lembra que: “A Missiologia como um ramo da disciplina da Teologia cristã não é um empreendimento desinteressado ou neutro; ela, procura, antes, olhar o mundo a partir da perspectiva do compromisso com a fé cristã”. Nesse sentido, entendemos que é importante sempre ter em mente o compromisso entre Deus e o seu povo, ou ainda “missão de Deus e comunidade da fé” nas palavras de González e Orlandi (2008, p. 23). Que esse compromisso em nós possa levar para o mundo a mensagem que temos guardado do que Jesus nos ensinou, seja em missões urbanas ou missões transculturais, como abordaremos na seção a seguir.

Missões urbanas e missões transculturais

Missões urbanas

Na seção introdução, já contextualizamos missões urbanas com a contribuição de autores e importantes referências teóricas. Aqui, iremos tecer algumas reflexões acerca de missões urbanas com base nos autores a seguir, para tentarmos abrir um pouco mais o raio de visão. Missões urbanas é uma expressão que tem sido usada como sinônimo da missão realizada no contexto que é oposto à noção de rural. Já, em outras situações, missões urbanas aparece como sinônimo daquela atuação em que o missionário não precisa se deslocar do próprio contexto cultural para atuar em uma cultura diferente. De fato, constatamos que missionários podem atuar em missões urbanas, sendo oriundos de outra ou da própria cultura.

O ponto importante a considerar é a aptidão e preparo do missionário para atuar em determinado contexto urbano, pois nisso reside uma “razão significativa

porque as cidades se tornaram importantes no ministério de Paulo foi porque ele era o tipo de homem que tinha capacidade para torná-las para Cristo” (Hesselgreve, 1995). A esse respeito, há muito o que aprender com a atuação missionária de Paulo, pois como podemos ver no artigo “A prática evangelística de Paulo e suas implicações para o plantio de igrejas na atualidade”, em que o autor Eder Graebin (2023, no prelo) detalha pontos que são relevantes para as missões atuais com base na atuação missionária de Paulo ao considerar no preparo e na atuação missionária a seguinte tríade: “quem (público), onde (lugares) e como (metodologias) Paulo evangelizava?” (Eder Graebin, 2023, p. 1, no Prelo).

Na obra *Cidades para a glória de Deus*, Lyra (2015) destaca a perspectiva sobre a importância da presença do povo de Deus na cidade. O autor argumenta que a ação individual e o impacto coletivo da igreja na cidade são aspectos relacionados a missões urbanas. Segundo o autor, a igreja que deixa de ser sal será pisada pela cidade. É uma afirmação forte, mas serve de alerta real. Sobre isso, Lyra faz referência ao texto bíblico que diz sermos o sal da terra, sendo, porém, esse sal insípido, não poderá salgar, para nada mais presta, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.

Nesse sentido, o texto bíblico já apontava: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (João 17.18); ou seja, mostrando uma ligação íntima entre igreja de Cristo e igreja enviada por Ele, nos moldes de sua missão. Sobre isso, Lyra diz ser indissolúvel, pois “não existe nenhuma outra igreja senão a Igreja enviada ao mundo e não há outra missão a não ser a da Igreja Cristo”. (Lyra, 2015, p. 33).

Embasado nisso, Lyra (2015) enfatiza que é coerente deduzir que a cidade depende da igreja para ser alcançada com o Evangelho do Reino. A partir desse cenário, refletimos sobre a importância de se fazer missões urbanas intrinsecamente ligadas à missão da igreja como Corpo de Cristo. Por exemplo, o livro de Atos descreve o avanço do Evangelho por intermédio da ação missionária da igreja de cidade em cidade. “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. (At 1.8).

Esse texto de Atos leva-nos a ponderar acerca do caminho a ser percorrido no glorioso ministério da evangelização, começando pelo que está mais próximo de nós até chegar ao objetivo que é proclamar Evangelho ao mundo, a todos povos, nações e línguas. Jesus mencionou cidades e lugares próximos e foi ampliando o alcance da mensagem, sendo para isso imprescindível o sólido preparo dos 12 missionários, leia-se apóstolos. Ou seja, durante seu ministério aqui na terra, Jesus foi pregando e ensinando de cidade em cidade: “E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o Evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 9:35). Durante todo esses trajetos, os apóstolos aprendiam com o Mestre como realizar a obra missionária, nascida primeiramente no coração de Deus.

Ademais, Lyra (2015) traz uma afirmação desafiadora em que instiga a cada um de nós a passar a Macedônia do século XXI e ir às cidades, reconhecendo que missões urbanas é o novo marco missionário da igreja, e que o Espírito Santo tem feito ao seu povo um urgente chamado missionário para agir nas cidades. Não obstante, outros autores discorrem sobre o mesmo tema contribuindo para uma visão mais ampla e bíblica no que concerne a fazer missões urbanas. Desse modo, Barro (2006, p. 205) afirma: “Não podemos enfrentar os desafios que o contexto de um mundo urbano nos apresenta sem compreender as perspectivas missionárias que a Bíblia [...] tem para a cidade.”

Para Barro (2006), a cidade ocupa um lugar privilegiado na narrativa de Jesus e é revelado isso quando Ele manifesta os propósitos pelos quais Ele foi enviado pelo Pai: “Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o Evangelho do Reino de Deus também as outras cidades, pois para isso é que fui enviado” (Lucas 4.43). Do ponto de vista do autor, se desejamos confrontar os grandes desafios do tempo presente, então devemos voltar nosso olhar para a Bíblia e analisarmos como Jesus e a Igreja Primitiva desenvolveu a *Missio Dei* entre o povo urbano e os centros urbanos (Barro, 2006).

Missões Transculturais

Falar sobre missões transculturais é entrar num vasto mundo rico pela diversidade cultural. É mais do que cruzar fronteiras geográficas. Comunicar a

mensagem do Evangelho na própria cultura já representa um desafio. Quem dirá numa missão transcultural.

De acordo com a Bíblia do Missionário, missões transculturais podem ser compreendidas como “Toda iniciativa de missão voltada para diferentes povos e contextos culturais, ainda que dentro do próprio país missionário” (Bíblia do Missionário, 2014, p. 1430). Sabemos que existem muitas dificuldades para um missionário em uma missão transcultural, como por exemplo, enfrentar barreiras linguísticas, culturais, sociais, com uso e costumes bem diferentes do próprio. Assim sendo, “A pessoa chamada por Deus a realizar a Sua obra em outra cultura necessita estar preparada para enfrentar realidades muito distintas das suas e que podem, inclusive, determinara sua permanência ou saída prematura do seu campo de trabalho” (Franco, L.; Franco, R., 2014, p. 12).

Em virtude disso, acreditamos ser importante para o missionário transcultural considerar previamente as idiosincrasias para buscar entendê-las sob o ponto de vista do outro, de forma a minimizar os efeitos do choque cultural. Assim sendo, o conhecimento que o missionário transcultural poderá adquirir no âmbito do seu trabalho poderá lhe proporcionar uma comunicação do Evangelho mais eficaz.

Há muito o que pesquisar sobre missões transculturais, aliás, mais do que imaginamos. A autora Adneia Alecrim lembra quando era criança e não conhecia esse termo e sim missões mundiais. Ela ficava imaginando que missões mundiais era apenas sair do país de origem e ir para outro país ou comunidade indígena. Hoje, sabe que missão transcultural tem mais a ver com uma contextualização cultural e conhecimento das etnias, mesmo que no espaço geográfico do missionário. Nesse sentido, Garofalo Neto (2023, p. 41) afirma

Falamos sobre missões transculturais, mas muito não tem ideia do que isso significa. Ou talvez suas mentes vagueiem para ilhas distantes, florestas perdidas, tribos canibais, roupas esquisitas e até comidas mais estranhas ainda. Bem, essas coisas são de fato transculturais, mas de fato há muito mais por considerar.

Sob esta perspectiva, o autor prossegue e conclui que missões envolve romper com as barreiras culturais. A exemplo disso, quando Paulo pregava em contextos públicos, existia dificuldades em entender o Antigo Testamento. Ele procurava usar abordagens diferentes, tal como no Areópago em Atenas. Nesse caso, não significa

que Paulo quisesse omitir a Bíblia, mas contextualizar o momento que era bem oportuno (Garofalo Neto, 2023).

Contextualizar significa tornar a mensagem compreensível para o outro. Quantas barreiras existem dentro de um contexto transcultural? A questão linguística se mostra como uma delas. Para tanto, é primordial o conhecimento da língua do outro através do estudo dela para que a mensagem seja comunicada. Um missionário precisa conhecer essas características culturais: como se vestem, o que comem, como é o trato entre eles, formas de cumprimento, costumes sobre casamentos, nascimentos, funerais, celebrações diversas e até sobre como os pais interagem com seus filhos e a relação entre eles. A falta de conhecimento desses fatores pode comprometer e muito o convívio com o povo e dificultar não só o relacionamento entre o missionário e o povo, mas principalmente a comunicação do Evangelho que se torna o objetivo central. Missões transculturais não é algo que podemos considerar como simples. Ao contrário, difícil, trabalhoso, porém necessário. Faz parte do cumprimento da Grande Comissão.

Em missões transculturais, acentua-se o desafio missionário sobre plantação de igrejas. Esse tema tem se destacado dentro da área de estudo para a Missiologia. Vale considerar que para alguns missiólogos, plantação de igreja não está na categoria dos tipos de missões. Isto é, plantação de igrejas é visto como uma aplicabilidade estratégica de missões. O Evangelho é a semente que precisa frutificar e consolidar-se e o plantio de igrejas entre outras finalidades tem esse propósito.

Segundo Silva (2020, p. 79), “para plantar Igreja, deve-se entender que não existe uma fórmula pronta e o cenário é bem amplo com vários tipos de plantadores, vários tipos de igrejas e várias estratégias para plantação pioneira de igrejas.” Não se planta igrejas sem devidos cuidados e preparos. Não se planta igrejas sem estratégias como plano de ação para alcançar metas e objetivos a curto, médio e longo prazo.

O Apóstolo Paulo foi um grande desbravador quanto ao plantio de igrejas, dedicando-se diligentemente a elas. A partir de métodos como círculo de orações nas casas e ponto de pregações, Paulo objetivava alcançar seu propósito em formar igrejas. “Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus [...] saudai igualmente a Igreja que se reúne na casa deles” (Romanos 16. 3-5). Com o intuito de

ampliar o que já fora dito sobre o tópico em questão, Lidório (2018, p.13) diz que este assunto “transita entre a Missiologia e eclesiologia, cujo tema mais completo seria plantio, crescimento, multiplicação e revitalização de igrejas.”

Para o autor, plantio está relacionado ao processo de semeadura de um campo na expectativa de que a planta germine. O autor relata que no livro de Atos e nas cartas Paulinas, Paulo atentou para a necessidade de não apenas evangelizar as cidades e regiões, mas plantar igrejas locais que vivessem Cristo e proclamassem Seu nome. Em continuidade, o referido autor diz que para a Missiologia, a razão de se plantar igrejas reside no fato de que esta foi chamada para a missão de ser sal da terra, luz perto e longe. Além disso, existe razões estratégicas pois o plantio de igrejas é um modo efetivo para garantir que o Evangelho crie raízes em determinadas aldeias, cidades ou territórios através de outras gerações (Lidório, 2018)

Sobre isso, esse autor ressalta que “vastas áreas evangelizadas, mas sem igrejas locais voltaram ao estado estéril na geração seguinte” (Lidório, 2018, p.14). Em resumo, o referenciado ressalta que é importante estabelecer orientações teológicas para o plantio de igrejas. Acerca disso Lidório (2018, p. 24-28) diz que:

O plantio de igrejas não deve ser definido pelo treinamento e habilidades, mas sim pelo poder e desejo de Deus em salvar vidas. O plantio de igrejas não deve ser definido pelos resultados humanos, mas sim pela fidelidade as Sagradas Escrituras. O plantio de igrejas não deve ser definido pela intenção de pregação do Evangelho, mas por sua pregação.

Sob outra perspectiva, Reimer (2011) traz um questionamento: Para ele a igreja atual está enfrentando uma verdadeira crise de natureza espiritual, teológica e isto afeta plantar novas igrejas. O autor afirma que nada é tão necessário hoje em dia quanto uma Teologia bíblicamente fundamentada para organização de novas igrejas. Faz um alerta para reflexão quanto a natureza de novas igrejas, já que existe um distanciamento entre a prática eclesiástica e a teológica.

Podemos observar que um ponto em comum entre Lidório e Reimer reside no fato de que não se planta igrejas sem fundamentos precisamente bíblicos e teológicos. Vale ressaltar, que pelo ponto de vista dos autores referidos plantação de igreja se refere a uma poderosa arma estratégica e não um tipo de missões. A mensagem do Evangelho precisa ser germinada e frutificada. A Igreja como Corpo de

Cristo precisa ser conhecida como lugar de adoração, comunhão e proclamação entre todos os povos, raças, línguas e nações.

Portanto, considerando o que fora exposto até aqui e as perspectivas teóricas a seguir, buscaremos de forma mais detida discutir a questão que norteia este trabalho, ou seja, quais estratégias de preparo e atuação missionárias podem ser mostrar relevantes tanto para contextos transculturais bem como diante de uma cultura e organização econômico-social predominantemente urbana? Da literatura consultada, alguns exemplos são apresentados a seguir com o objetivo de ilustrar e promover maiores reflexões sobre essas estratégias de preparo e atuação missionária em contextos urbanos e transculturais.

Estratégias de preparo e atuação missionária

Esta seção apresenta algumas estratégias que podem se constituir em importantes instrumentos de preparo e atuação missionária. Pensar em estratégias de preparo e atuação missionária ficou, durante muito tempo, relegada à crença só é missão se for realizada no contexto transcultural. Essa crença ainda presente no imaginário pode estar correlacionada à constatação de Ariarajah (2011, p. 60): “a Missiologia continua a ser um dos campos menos desenvolvidos da Teologia Cristã, porque nunca houve a coragem de pensá-la de maneira nova”. Postulamos, todavia, que é inegável pensar em estratégias missionárias com a devida importância às missões transculturais *pari passu* ao entendimento de que “Missão é simplesmente [...], o que a comunidade cristã é enviada a fazer, começando exatamente onde está localizada.” (Kirk, 2006, p. 44).

Podemos dizer que fazedores de tendas é um meio de servir a Deus, usando sua própria profissão e seu próprio sustento, sendo testemunha ao redor do mundo (Wilson Jr., 1992). Segundo esse autor, existe uma oportunidade sem precedentes servir empregando as estratégias do fazedor de tendas. Ao se empregar o que já se sabe e por meio de uma nova formação profissional, missionários podem se valer da estratégia dos fazedores de tendas, com seus ofícios, e proclamar o Evangelho em

missões urbanas e transculturais. A expressão fazedores de tendas está associada às ações missionária de Paulo, como podemos observar em Atos:

E depois disto deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles, e trabalhavam; pois a profissão deles era fazer tendas. (Atos 18.1-3)

A Bíblia não apresenta literalmente fazedores de tenda como uma estratégia, mas podemos depreendê-la da leitura bíblicas em várias passagens. Para Lai (2017), provavelmente Paulo fazia para complementar sua renda e assim não sobrecarregar aqueles a quem ele ministrava, conforme I Tessalonicenses 2.9 e, igualmente, trabalhava para identificar-se com as pessoas, fazer amizade. Desta maneira podia compartilhar sua fé. Nesse sentido, esse autor enfatiza que os fazedores de tendas são missionários, chamados, preparados e enviados por uma igreja, a quem prestam contas como qualquer outro missionário (Lai, 2017).

Consideramos que ainda existe certa falta de aceitação para os que fazem missões por meio da estratégia do fazedores de tendas, seja por falta de maior clareza do assunto, seja por apego a um modelo de preparo de atuação missionária. No livro *Fazedores de Tendões: Como aliar negócios e Missões*, deparamo-nos com uma interessante pergunta feita pelo autor do livro, Patrick Lai: “O que você faz quando o Mestre o chama para pregar, mas não em um estilo convencional a ponto de você sentir as barreiras para alcançar as pessoas para as quais ele o chamou para pregar?” (Lai, 2017, p. 21). Ao encontro dessa indagação, podemos lembrar que os missionários/apóstolos de Jesus não se encaixam no estilo convencional pelas normas religiosas.

John Wesley citado por Lai (2017) afirma que líderes de sua época achavam que pregação deveria ocorrer somente na retaguarda de um púlpito. Isso implicava numa visão limitada de levar o Evangelho, com base experiências formalistas apenas. Nessa mesma linha, o autor prossegue dizendo que eles estavam vivendo dentro de uma caixa e não estavam aptos em olhar para fora do que já sabiam e conheciam. O renomado pregador, conforme Lai (2017), viu além da caixa, após ter sido barrado no púlpito de sua cidade e começar a pregar a céu aberto alcançados pessoas improváveis de uma forma improvável para época, suplantando a religiosidade de

instituições estruturadas e organizadas. Em meio a essas questões, destacamos da citação a seguir o entendimento de que essa estratégia chamada fazedores de tendas significa uma das possibilidades promissoras para, na contemporaneidade, levar a glória de Deus até os confins da Terra:

Fazer tendas frequentemente é compreendido apenas no sentido econômico: “um missionário autossustentado”. Alguns missiólogos teimosamente insistem nesse ponto de vista limitado, relacionando fazer tendas com dinheiro. Contudo, fazer tendas diz respeito a uma forma de revelar a glória de Deus até aos confins da terra [...] Fazer tendas é utilizar a estratégia da vida diária para falar as pessoas a respeito de Jesus (Lai, 2017, p. 25).

Percorrer esse assunto é importante, visto que ainda não é muito compreendido ou aceito por algumas igrejas, agências missionárias e até mesmo missionários mais convencionais. Por um lado, os moldes convencionais não cabem mais em um mundo que está tão secularizado; mas, por outro, nunca foi tão necessário o preparo e atuação missionária se voltar para as bases bíblicas e, no mundo hodierno, espelhar as palavras e ações de Jesus. Sim, Jesus é o Power Point de Deus. Fora do que foi dito e exemplificado pelo Mestre, corremos o risco de criar e replicar vãs doutrinas, tradições, convenções e conveniências humanas.

Além da estratégia de preparo e atuação missionária dos fazedores de tendas, apresentamos a seguir algumas considerações, para ilustrar, grosso modo, diferentes estratégias. É preciso destacar a importância da estratégia do preparo e da atuação missionária estar fundamentada na Palavra. Nesse sentido, no artigo “Preparo e Envio do Missionário: Lições da Palavra de Deus”, Burns (2019) trata da capacitação e práticas missionárias fundamentados na Palavra de Deus. Ao encontro da autora, Xavier (2013) lembra de pontos importantes a serem observados:

o zelo pela vontade de Deus, o respeito pela crença dos outros, a preocupação com a salvação das pessoas, a contextualização do Evangelho, o conhecimento da Palavra de Deus. Os resultados da pregação de Paulo, assim como a dos cristãos atuais, devem ser deixados ao Espírito Santo, porém, a igreja não deve deixar de realizar a sua tarefa missionária, utilizando-se de todos os meios necessários para a expansão do evangelho, independente dos resultados que possam advir da pregação. (Xavier, 2013, p.111)

Burns (2010) e Xavier (2013) baseiam-se em aspectos que caracterizam os fundamentos das estratégias de preparo e atuação missionária. Acerca disso,

destacamos a indagação necessária e importante de Burns (2019), “Devemos mandar pessoa menos qualificadas e preparadas para o mundo não alcançado hoje? A igreja tem menos responsabilidade?” (BURNS, 2009. p. 15). Ao citar Barnabé, para ilustrar a estratégia do preparo, Burns (2019) considera que algumas aptidões e características de Barnabé são relevantes para sua vocação e atuação ministerial, ao mesmo tempo que, de acordo com a autora, o ensino da Palavra deve ser a base primordial como estratégia de preparo missionário.

Por sua vez, Xavier (2013) apresenta outras abordagens que podem ser entendidas como importantes estratégias de preparo e atuação missionária: 1) observação; 2) mobilização de conhecimentos sobre o pensamento filosófico da própria época; 3) respeito pela religiosidade do outro, como Paulo demonstrou. Há outras estratégias que, com o devido aprofundamento, podem contribuir para o preparo e a atuação missionária. Porém, devido aos limites de um artigo acadêmico, abrimos aqui uma janela de estudo e pesquisa para futuras investigações.

Nesta seção sobre estratégias de preparo e atuação missionária, evidenciamos que fazer missões não está preso a um modo prototípico, ou seja, sendo um único modelo a ser seguido. Até aqui pudemos abordar alguns dos vários aspectos e possíveis pontos de análise sobre missões urbanas, missões transculturais e as estratégias de preparação e atuação missionária.

Considerações finais

De acordo com o exposto nas seções anteriores e à luz das perspectivas teóricas que mobilizamos para refletir sobre a questão proposta neste trabalho, compreendemos que a igreja, as agências missionárias, as instituições de ensino superior em Missiologia lidam, na atualidade, com desafios complexos em um mundo em crescente processo de urbanização e mudanças que não podem ser reduzidas a simples generalizações.

Embora tenham ocorrido mudanças no contexto local e mundial, a missão da igreja à luz da Bíblia é perene: é a mesma ontem, hoje e sempre. Sendo assim, os objetivos e propósitos de Deus para Sua igreja não mudaram com a atualidade porque

Ele é um Deus atemporal e Suas Palavras jamais passarão “O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras jamais desaparecerão” (Mateus. 24.35). Sempre foi propósito de Deus a redenção humana, a pregação das boas novas de salvação. Nesse sentido, o livro de Mateus apresenta a Grande Comissão:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos (Mateus 28.19-20).

Diante desses desafios para cumprir a Grande Comissão com fidelidade e coerência, os autores que citamos recorrem a exemplos bíblicos e à literatura acadêmica para sustentar que o sólido preparo dos missionários com base nas escrituras é uma das principais estratégias a serem empregadas pelas instituições missionárias e por todos os envolvidos.

Coadunamos, por conseguinte, com a sustentação dos autores citados ao longo deste trabalho e entendemos que missões urbanas e missões transculturais são duas vertentes de estudos e ação missionária que requerem estratégias missionárias específicas, para cada contexto e realidade. Claro, há muito o que se aprender sobre as estratégias dos fazedores de tendas em missões de contexto urbano e transcultural. Essas estratégias se mostram como ponto de partida para compreendermos que missões urbanas e transculturais podem ser ampliadas, de acordo com cada contexto e realidade.

Em vista do exposto, compreendemos que essa ampliação do preparo e da atuação missionária enfrenta diversos desafios, tanto externos como internos. Do ponto de vista externo, por exemplo, neste trabalho citamos o crescente processo de urbanização diante de um mundo marcado por rápidas mudanças e que, apesar disso, ainda há países fechados a ouvir a mensagem do Evangelho. Do ponto de vista interno, é preocupante o fato de que estamos constantemente tirando Jesus do trono do nosso coração para colocar no lugar pessoas e coisas, celebridades e falsos mestres, políticos e líderes religiosos. Logo, nosso entendimento é que a igreja, antes de tudo, ao mobilizar qualquer estratégia missionária deve examinar o quão firme Jesus está assentado no trono no próprio coração. Para isso, precisamos compreender o mundo à nossa volta conscientes que, durante o preparo e a atuação em missões urbanas e transculturais, haverá muitas distrações no caminho para

tentar tirar Jesus do coração e impedir que a ceia oferecida por Ele em Apocalipse 3:20 seja completa.

Portanto, concluímos que em missões urbanas e transculturais a igreja – como templo vivo do Espírito Santo e coerente com as palavras e ações de Cristo – poderá enfrentar melhor os desafios missionários na contemporaneidade se ela fundamentada nas escrituras repensar criticamente suas estratégias missionárias, para tornar ainda mais significativa e atuante a Grande Comissão para este tempo. Sem esgotar o tema trazido para discussão e análise, as perspectivas teóricas e as reflexões empreendidas ao longo do artigo apresentaram parte da resposta à questão proposta neste trabalho ao discutir algumas das estratégias de preparo e ação missionárias apontadas pelos autores citados. Futuras pesquisas e comunicações acadêmicas poderão se aprofundar em cada um dos pontos trazidos à tona ou abordar outras facetas do tema.

Referências

ARIARAJAH, W. Repensando a missão para os nossos dias. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011, p. 60

BARRO, J. C. De cidade em cidade. Tradução: César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. A Bíblia Anotada. Tradução: João Ferreira de Almeida 2. Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

BÍBLIA. Bíblia Missionária de Estudos. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Almeida Revisada e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1992.

BOSCH, D. J. Missão Transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da missão. Tradução: Gerald Korndörfer e Luís M. Sander. São Paulo: Sinodal, 2002.

BURNS, Bárbara Helen Preparo e Envio do Missionário: lições da palavra de Deus. Revista Ibero-Americana de Missiologia, 1ª edição, 31 de outubro de 2019.

CARRIKER, T. *et. al.* Missiologia: uma introdução à Missões. São Paulo: Fontenele Publicações; 1 v., 2020.

CARRIKER, T. O propósito de Deus e a nossa vocação – Uma Teologia Bíblica da Missão toda. Viçosa: Ultimato, 2021.

FRANCO, L. L. S.; FRANCO, R. P. R. Missões Transculturais – Uma perspectiva interativa. Curitiba, 2010.

HABITAT, U. N. The value of sustainable urbanization. World Cities Report, 2020. Disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/11/key_messages_summary_portuguese.pdf . Acesso em: 09 set. 2023.

JOHNSTONE, P. Cobrindo o globo. In: WINTER, R. D. *et. al.* Perspectiva no Mundo Cristão Mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

JUSTO, L. G.; ORLANDI, C. C. A História do Movimento Missionário. São Paulo: Hagnos, 2008

KIRK, J. A. O que é missão? Teologia bíblica de missão. Londrina: Descoberta, 2006.

LYRA, S. P. R. Cidades para a glória de Deus; uma análise bíblicoteológica das cidades e da Missão da Igreja Urbana. 2. ed. João Pessoa: Betel Brasileiro Publicações, 2015.

NETO, E. G. Missões – Um guia para estudantes. Brasília: Editora Monergismo, 2023.

REIMER, JOHNNES. Abraçando o mundo: Teologia de implantação de igrejas relevantes para a sociedade. Tradução: Doris Korber. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2011.

SILVA, D. C. Introdução ao plantio de igrejas - conceitos, estratégias e base. São Paulo: Fontenele Publicações, 2020.

SNYDER, H.A. A igreja no Plano de Deus. *In:* WINTER, R. D. *et. al.* Perspectiva no Mundo Cristão mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

TAYLOR, W. D. Missiologia Global para o século XXI: A consulta de foz do Iguaçu Londrina: Descoberta, 2001.

TYMOTHY, K. A Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um Ministério equilibrado e centrado no Evangelho. Tradução: Eulália de P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WILSON JR., C.; RAMOS, R. Fazedores de Tendas Hoje! O auto sustento – Um modelo alternativo para o testemunho mundial. São Paulo: Editora SEPAL, 1992.

WRIGHT, C. J. H. A Missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia. Tradução: Daniel Hubert Kroker e Thomas de Lima. São Paulo: Ed. Vida, 2014.

XAVIER, Érico Tadeu. Missão Urbana: atitudes missionárias de Paulo em Atenas. Kerygma, v.9.n.2.p. 111-126.2013.

Missionária Ana Maria de Castro Carneiro Costa
Presidente da AMIDE

A AMIDE fundou o CEAM com o objetivo de oferecer um sólido preparo teológico, missiológico e de desenvolvimento de caráter cristão. Formação esta que visa atender à urgência de levar aos Povos Não Alcançados – PNAs as boas-novas que nos foram oferecidas por Jesus e destinadas a todos povos e nações do mundo.

Para tal, a Revista Internacional de Missiologia – RIMI é uma publicação do CEAM/AMIDE cujo trabalho é realizado em parceria com instituições acadêmicas de formação em Teologia e Missiologia, tanto nacionais quanto internacionais.

O resultado desses esforços e parcerias são desfrutados pelos alunos na prática missionária, na qualidade da pesquisa científica e na melhoria de sua infraestrutura acadêmica. Nesse sentido, o CEAM oferece cursos de graduação e pós-graduação: i) curso livre de graduação em Teologia e Missiologia, presencial e a distância; ii) curso livre de mestrado em Missiologia presencial, acadêmico e profissional; e iii) curso de especialização em Missiologia oferecido em parceria com a Faconnect, com reconhecimento pelo Ministério da Educação do Brasil – MEC.



www.rimi.org.br



adm@amide.org.br

rimi.amide@gmail.com

ceam@amide.org.br

Chácara Yahveh Shamah, Rodovia DF 250 Km 6,5, Região dos Lagos, Sobradinho,
Distrito Federal, Brasil, CEP: 73.255-010

+55 (61) 9 9322-3640